

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO

LUAN MATHEUS PEDROZO KOLACHNEK

**LIMITES A EFICIÊNCIA TÉCNICA NO MODO DE CRIAÇÃO DE PORCOS
TRADICIONAL DO FAXINAL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CURITIBA

2020

LUAN MATHEUS PEDROZO KOLACHNEK

**LIMITES A EFICIÊNCIA TÉCNICA NO MODO DE CRIAÇÃO DE PORCOS
TRADICIONAL DO FAXINAL**

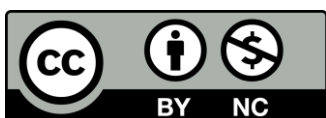
Limits to technical efficiency in the traditional Pig breeding of Faxinal

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Administração da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR).

Orientador: Prof. Dr. Rene Eugênio Seifert Jr.

CURITIBA

2020



[Atribuição – Uso não
Comercial](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Atribuição - Uso Não Comercial (BY-NC) - Permite que outros remixem, adaptem e criem obras derivadas sobre a obra licenciada, sendo vedado o uso com fins comerciais. As novas obras devem conter menção ao autor nos créditos e também não podem ser usadas com fins comerciais. Porém as obras derivadas não precisam ser licenciadas sob os mesmos termos desta licença.

TERMO DE APROVAÇÃO

LIMITES À EFICIENCIA TÉCNICA NO MODO DE CRIAÇÃO DE PORCOS TRADICIONAL DO FAXINAL

por

Luan Matheus Pedrozo Kolachnek

Esta dissertação foi apresentada às **09h30, dia 24 de agosto de 2020** como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO, na Linha de Pesquisa **Tecnologia de Gestão, Trabalho e Organizações**, Área de Concentração **Organizações e Tecnologia**, do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**.

Prof. Dr. Renê Eugênio Seifert Junior
(PPGA/UTFPR)
Orientador

Profa. Dra. Giovanna Pezarico
(PPGA/UTFPR)
Membro Interno

Prof. Dr. Fabio Vizeu Ferreira
(PPGA/UP)
Membro Externo

Prof. Dr. Antonio João Hocayen da Silva
(UNICENTRO)
Membro Externo

Prof. Dr. Thiago Cavalcante Nascimento
(PPGA/UTFPR)
Coordenador do PPGA

Câmpus Curitiba

Avenida: Sete de Setembro, 3165
80230-901 – Curitiba – Paraná - Brasil
Fone: (41) 3310-4545
www.utfpr.edu.br

Dedico este trabalho a minha companheira de aventuras, Marislei Gaiocha.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de em primeiro lugar, agradecer pela oportunidade de ter vivido com intensidade minha jornada no curso de mestrado, e isso só foi possível por estar cercado de pessoas admiráveis.

Agradeço aos meus pais, Rita de Cássia Pedrozo e Ilario Kolachnek por todo o suporte; a minha companheira Marislei Gaiocha pela compreensão; aos meus irmãos e demais familiares pelo apoio; a todos os amigos que fiz na acadêmica e que não poderiam deixar de ser lembrados: Edson Fonseca de Oliveira, Roberto Marques de França Júnior, Luiz Gustavo Lara, Egon Bianchini Calderari, Marjorie Mariana Abreu, Rafaela Novaski Morges, Stephanie Daher, Kamille Ramos Torres, Herminda Bulhões Hashimoto e Renata Gabriele dos Santos.

Gostaria de agradecer o companheirismo dos amigos de longa data: Murilo Gasparin Rampi, Gabriel Colman, Wesley Khalil do Nascimento, Nathaly Filla, Lucas Rudek.

Ao professor César Renato Ferreira da Costa pelo suporte em tempos de dificuldade.

Em especial quero manifestar minha imensa gratidão ao meu orientador Dr. Rene Eugênio Seifert Jr. pela paciência, compreensão e gentileza com as quais transmitiu seus ensinamentos.

Também gostaria de agradecer aos demais professores do PPGA que em muito contribuíram para meu desenvolvimento intelectual.

Aos professores Fábio Vizeu Ferreira, Giovanna Pezarico e Antonio João Hocayen da Silva que estiveram presentes nas bancas de qualificação e defesa, contribuindo para o desenvolvimento do trabalho fazendo críticas construtivas sempre com muita boa vontade e gentileza.

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e a Fundação Araucária pelo apoio e financiamento parcial dessa pesquisa.

A todos vocês, meu Muito Obrigado!

Raciocínio sistemático é algo sem o qual nós, seja como espécie ou como indivíduo, não podemos passar. Mas creio que tampouco poderemos prescindir da percepção direta – e quanto menos sistemática melhor – dos mundos interior e exterior que nos serviram de berço, para que possamos preservar a sanidade mental (Aldous Huxley).

RESUMO

O objetivo desse estudo foi compreender o modo de criação de porcos soltos na organização tradicional de faxinal. Levando em consideração que a gestão dominante nas organizações se alinha a uma perspectiva que prioriza a acumulação progressiva de capital, o direcionamento para o mercado e a eficiência técnica de modo com que tem se relacionado diretamente à consequências de natureza ambiental e social. Nesse sentido, destaca-se a crescente demanda por respostas a esses problemas, com interesse especial em abordagens que explorem modos de trabalho e organização alternativos que possam oferecer contribuições ao campo dos Estudos Organizacionais. Em vista disso, este trabalho investigou os faxinais, comunidades camponesas tradicionais típicas do sul do Brasil que remontam ao período colonial. Seu sistema de produção se baseia principalmente na criação de animais em espaço de uso comunitário, com destaque para os porcos. Além disso, apresenta a combinação entre a agricultura de subsistência através de hortas particulares nas imediações das residências, e a direcionada para o mercado por meio de lavouras. Neste estudo, foram investigadas duas comunidades tradicionais de faxinais: o Papanduva de Baixo localizado no município de Prudentópolis/PR, e o Faxinal do Emboque no município de São Mateus do Sul-PR. A investigação é feita através um estudo de caso de abordagem qualitativa e natureza descritiva-exploratória, com uso de entrevistas semiestruturadas, não estruturadas e observação participante, de forma a sustentar procedimentos de análise de conteúdo qualitativa. Como resultados, foi possível reconhecer que o modo de produção investigado se caracteriza pela existência de limites a eficiência técnica no modo de criação de porcos soltos. Os limites apresentaram tanto características operacionais, como a ausência de controle sobre o animal, a ausência de automação, ambientação e ausência de formalização, quanto características valorativas, como o afeto pelo animal, a preservação das condições naturais e o conjunto de hábitos dos moradores. Ademais, fora possível reconhecer que os limites manifestados nas práticas de produção se mostraram imbricados a aspectos estruturantes da organização do território enquanto comunidade. Nesse sentido, elementos culturais despontaram como limitadores da eficiência técnica no contexto dos faxinais, estando caracterizados principalmente pela preservação das condições tradicionais desse espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Limites a eficiência técnica; Comunidade tradicional de faxinal; Organizações não convencionais.

ABSTRACT

The objective of this study had been to carry out an investigation on the relationship between the limits of technical efficiency and organization on the way of raising free-range pigs in traditional faxinal communities. Taking into account that the dominant management mode in organizations are aligned with a perspective that prioritizes progressive capital accumulation, targeting the market and technical efficiency in a way that has been directly related to serious environmental and social consequences. In this sense, there is a growing demand for answers to these problems, with special interest in approaches that explore alternative ways of working and organizing that can offer contributions to the field of Organizational Studies. In this way, this work investigated the faxinals, traditional peasant communities typical of southern Brazil that date back to the colonial period. Its production systems are based mainly on the creation of animals in space for community use, with emphasis on pigs. In addition, it presents a combination of subsistence agriculture through private gardens near the residences with one directed to the market through crops. In this study, two traditional faxinal communities were investigated: Papanduva de Baixo, located in the municipality of Prudentópolis/PR and Faxinal do Emboque, in the municipality of São Mateus do Sul-PR. In order to be a case study with a qualitative approach and a descriptive-exploratory nature, semi-structured, unstructured interviews and participant observation were used in order to support content analysis procedures. As a result, it was possible to recognize the existence of limits to technical efficiency in the mode of breeding free-range pigs. They presented operational characteristics, such as the lack of control over the animal, the absence of automation, ambience and the absence of formalization, and evaluative characteristics, such as affection for the animal, the preservation of natural conditions and the set of habits of the residents. In addition, it was possible to recognize that the limits manifested in the production practices proved to be intertwined with structural aspects of the organization of space as a community. In this sense, cultural elements emerged as limiting technical efficiency in the context of faxinals, being characterized by factors of a substantive nature, such as the sense of community, the prevalence of local knowledge and customs and the geographical appreciation of the territory.

KEY-WORDS: Limits to technical efficiency; Traditional faxinal community; Non-conventional organizations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Abordagens para Tecnologia.....	25
Figura 2 - Município de Prudentópolis.....	54
Figura 3 - Município de São Mateus.....	55

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Entrada do Faxinal do Panpanduva de Baixo	65
Imagem 2 - Residência com traços de arquitetura típica da região.....	66
Imagem 3 - Animais soltos no Faxinal.....	68
Imagem 4 - Faxinal Emboque	74
Imagem 5 - Quintal da Sra. F.	75
Imagem 6 - Cenouras da Horta do Sr. G.....	76
Imagem 7 - Batatas produzidas na lavoura orgânica do Sr. H	77
Imagem 8 - Barreira natural que separa a lavoura orgânica da convencional	78
Imagem 9 - Máquina centenária de beneficiamento de grãos em funcionamento.....	81
Imagem 10 – Produção de pães artesanais realizada na “cozinha das mulheres”	84
Imagem 11 - Área de faxinal	90
Imagem 12 – Alimentando as galinhas na residência do Sr. C.	92
Imagem 13 – Porcos em fase pré-abate	93
Imagem 14 – Leitão caminha próximo do cercamento.....	95
Imagem 15 – Porco na entrada da residência.....	100
Imagem 16 - Faxinalense apresenta árvore centenária.	102
Imagem 17 - Pinus plantados pelo pai do Sr. C	111
Imagem 18 - “Pinheirão”.....	112
Imagem 19 - Espaço residencial dedicado para o artesanato.....	118
Imagem 20 - Café da tarde.....	119

LISTA DE ABREVIATURAS

APF	Articulação dos Povos Faxinalenses
ARESUR	Áreas Especiais de Uso Regulamentado
CEMPO	Centro Missionário de Apoio ao Campesinato
CPICT/PR	Conselho Estadual de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Paraná
IAP	Instituto Ambiental do Paraná
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MST	Movimento Sem Terra
PCT	Povos e Comunidades Tradicionais
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
UC	Unidade de Conservação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	Formulação do Problema de Pesquisa	16
1.2	Objetivos da Pesquisa	17
1.3	Justificativa Teórica e Prática	18
1.4	Estrutura da Dissertação	19
2	QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA	21
2.1	O conceito de Técnica	21
2.1.1	Crítica da Técnica moderna	26
2.2	O impacto da modernização no meio rural	30
2.3	Comunidades tradicionais de faxinais	37
2.3.1	Povos e comunidades tradicionais	37
2.3.2	Comunidades tradicionais de faxinais	41
2.3.3	Breve contextualização histórica	45
2.3.4	Desarticulação dos faxinais.....	46
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
3.1	Delineamento da pesquisa	51
3.2	Etapas da Pesquisa	52
3.3	Contextualização do ambiente de investigação	53
3.4	Procedimentos de coleta de dados	56
3.5	Aproximação de campo do pesquisador	58
3.6	Procedimentos analíticos	61
3.7	Limitações e Aspectos Éticos envolvidos na condução da pesquisa	63
4	RESULTADOS	64
4.1	Apresentando o Faxinal do Papanduva de Baixo	64
4.2	Apresentando o Faxinal do Emboque	73
4.3	O modo de criação de porcos no criadouro comum tradicional no faxinal	89
4.4	Limites a eficiência técnica no modo de criação de porcos tradicional do faxinal	96
4.4.1	Afeto pelo animal	99
4.4.2	Preservação das condições naturais	101
4.4.3	Conjunto de Hábitos.....	104
4.5	A cultura como aspecto estruturante da organização nos faxinais do Papanduva de Baixo e do Emboque	106
4.5.1	Território.....	125

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	132
	REFERÊNCIAS.....	137

1 INTRODUÇÃO

Desde as mais antigas civilizações, a humanidade tem se relacionado de maneira especial com a técnica. O modo como se caça, pesca, constrói, produz e se organiza, se relaciona com a progressão e desaparecimento de sociedades. Nesse sentido, Ellul (1964, p. 25) delinea o termo técnica como se referindo a “uma totalidade de métodos racionalmente orientados para se atingir a absoluta eficiência (para um dado estágio de desenvolvimento) em todos os campos da atividade humana”. Estando implicada no uso de ferramentas e dos meios designados para o atingimento de finalidades, a técnica apresenta importância fundamental dentro dos contextos sociais onde se insere.

Os povoados da antiguidade de maneira geral, bem como posteriormente as primeiras sociedades cristãs, resguardavam seus próprios costumes e práticas que interferiam diretamente nas relações com o trabalho e conhecimento. O destaque a elementos de natureza cultural como a posição da religião e filosofia dentro das conjunturas sociais se mostraram centrais na determinação sobre onde e como as práticas técnicas eram aplicadas e direcionadas. Assim, o desenvolvimento técnico era um fator que se mostrava dependente de outras articulações coletivas (ELLUL, 1968; WILLIAMS; DERRY, 2000).

Tal conjuntura passa a se transformar com o amadurecimento e difusão do desenvolvimento tecnológico na Europa medieval (WILLIAMS; DERRY, 2000). Podemos citar de passagem, os feitos de Copérnico e Galileu, o fomento de mudanças sociais insurgidas a partir da reforma da igreja católica, a revolução política na França e a econômica na Inglaterra (ENGELS, 1975; HOBBSAWN, 1962). Esses eventos alavancam a importância do pensamento racional, frente a influência das doutrinas religiosas naquele contexto. Em conjunto a isso, os avanços técnicos que já eram notáveis na Europa desde o período das grandes navegações, contribuem para ascensão da racionalidade como fator essencial aos meios de produção (ELLUL, 1968; HOBBSAWN, 1962).

O cenário europeu do final do século XVIII foi o epicentro da transição para a ética reformada dos princípios religiosos. A inspiração na filosofia iluminista, a perda de confiança na monarquia e a eclosão de um sistema de capital econômico, configuraram a conjuntura social que permitiu mudanças na relação do homem com

a técnica. Começam a ganhar forma as concepções que viriam a concretizar o modelo industrial na modernidade, pautado nos ideais de desenvolvimento, progresso e racionalidade (HOBBSAWN, 1962).

A transformação consolida-se na Europa, moldando um sistema de valores e crenças compatível com a ascensão da classe burguesa na época, onde tal reestruturação é possível em decorrência das fragilidades dos campos políticos e econômicos. A instabilidade permitiu o surgimento de novos modelos de organização, e em meio aos embates dos grupos que disputavam o poder, obtiveram êxito aqueles que orientaram suas ações para o modelo de produção industrial, superando os grupos de resistência tradicional, representados pelos artificies e agricultores (HOBBSAWN, 1962; BENDIX, 1974).

À vista disso, toma forma o prelúdio do modelo capitalista, sustentado pela legitimação da acumulação de riqueza e a adesão aos novos meios de produção. A cristalização dessas instituições sustenta os princípios sob os quais articula-se a modernidade. Com isso, altera-se o entendimento a respeito da técnica e das ferramentas, passando a substituir a influência dos ditames da tradição religiosa pelas demandas de adequação ao mercado (ELLUL, 1968; POLANYI, 2000; WEBER, 2004).

O avanço da administração científica no século XIX, em conjunto da consolidação dos interesses burgueses, causam impactos significativos nos modos de produção. As fábricas passam a ocupar o papel central das atividades produtivas, permitindo a remodelação tanto do ambiente, quanto da natureza do trabalho. Essa reconfiguração das instâncias produtivas permite a transformação no modo como são conduzidas as ações dos trabalhadores, transferindo o controle sobre o ritmo das atividades para a disciplina fabril (LANDES, 1994).

A reconfiguração das instâncias produtivas, promove o uso da racionalidade e instrumentalização para o controle mais eficaz das tarefas de produção. O trabalho passa a ser racionalmente orientado para o atingimento de finalidades econômicas. A medida que esse modelo firma estruturas, desponta como modo de organização dominante no século XX, caracterizado pela emergência do controle gerencial e o tipo organizacional burocrático (BENDIX, 1974; VIZEU, 2010; WEBER, 1982; 2004).

Para Illich (1976), o modelo de produção consolidado no século XX, não cria ferramentas que melhoram a vida em comunidade, mas que subvertem o trabalho,

retirando do homem sua criatividade, prejudicando os laços sociais e aumentando a degradação ambiental. Já Ellul (1968), é enfático ao afirmar que a sociedade moderna é a sociedade técnica. Uma vez que aponta para o domínio técnico sobre as dimensões da economia, do homem¹ e da organização. Sendo o avanço da técnica, o principal elemento que conduz a civilização ao distanciamento da natureza e a decadência cultural.

Sendo assim, ao levar em consideração que a história da técnica e do modo de organizar dominante não pode ser interpretada como a totalidade da civilização, emerge a necessidade de se investigar alternativas ao modelo hegemônico. Deste modo, lançar luz a organizações tradicionais é uma forma de explorar elementos pouco significativos para a administração utilitarista (VIZEU, 2010). Mas, que por outro lado, possam enriquecer o debate sobre diferentes modos de trabalho e organizar dentro do campo dos Estudos Organizacionais.

Nesse sentido, como aponta Boehs (2018), as organizações familiares e vinculadas a pequenas propriedades rurais podem expressar diferentes racionalidades na condução das ações. Sendo assim, se constituem enquanto organizações sociais que não necessariamente devem ser investigadas como empresas, mas que configuram um campo que merece ser reconhecido pelas ciências da administração. De forma semelhante, Vizeu, Seifert, Hocayen da Silva (2015), apontam para a relevância do fenômeno social das Comunidades Tradicionais de Faxinais para o campo dos Estudos Organizacionais. Uma vez que, essas comunidades representam um modo não convencional de organização que se caracteriza pelas relações sociais tradicionais substantivas, as quais, se baseiam em valores historicamente constituídos.

As comunidades de faxinais se identificam pela utilização comum de terras para a criação de animais e agricultura de baixo impacto ambiental. Sendo que, as práticas produtivas e econômicas acontecem a partir da divisão entre terras para criar e terras para plantar (LÖWEN SAHR, CUNHA, 2005). O criadouro comum é o espaço onde os animais vivem soltos, sendo frequente encontrar: equinos, suínos, caprinos, bovinos e ovinos. Contudo, Hocayen da Silva (2015), destaca que a mais significativa das práticas produtivas nesse contexto diz respeito a criação de porcos,

¹ A técnica do homem, quando orientada ao estudo medicinal e genético (ELLUL, 1968).

a qual se manteve como principal atividade produtiva durante boa parte da existência desse tipo de organização.

Quanto as terras dedicadas ao plantio, são divididas entre lavouras agroecológicas individuais ou lavouras arrendadas fora da área do criadouro comunitário, compreendendo ampla variedade de culturas. Nesses espaços os habitantes constroem suas moradias e interagem como comunidade, com a ocorrência de celebrações religiosas, eventos de ajuda mútua, rodas de chimarrão e diálogo (CAMPIGOTO; BONA, 2009; LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005; VIZEU; SEIFERT; HOCAYEN DA SILVA, 2015).

Os faxinais são característicos da região sul do Brasil, tem sua origem vinculada à extração ervateira como sustento econômico e uma lógica de produção coletiva camponesa. Remontam ao período de formação econômica do estado do Paraná, se estabelecendo como uma atividade de utilização de terras singular. Mesmo com o passar dos anos e a existência de ações desagregadoras, os faxinais puderam conservar boa parte de suas práticas tradicionais, configurando um ambiente de tensões entre as racionalidades substantiva e instrumental (LÖWEN SAHR, 2008; LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005; VIZEU; SEIFERT; HOCAYEN DA SILVA, 2015).

Esse trabalho investiga os casos de duas comunidades de faxinais localizadas no estado do Paraná. O Faxinal do Papanduva de Baixo no município de Prudentópolis e o Faxinal Emboque, em São Mateus do Sul. Leva-se em consideração que as práticas tradicionais presentes nesses espaços não tem por objetivo seguir pressupostos de gestão gerencialista. E nesse sentido, viabilizam a formação de diferentes dinâmicas organizacionais, apresentando valores particulares e estando sujeitas a outros tipos de desafios. A aproximação aos faxinais visa dar visibilidade a modos distintos de compreender a organização que possam inspirar outras iniciativas, especialmente aquelas que rejeitem o modelo técnico burocrático dominante na modernidade.

1.1 Formulação do Problema de Pesquisa

Diante do exposto até o momento, assumimos como válida a preocupação com os efeitos do sistema organizacional hegemônico à sociedade e ao meio ambiente. Tendo como resultado a possibilidade inédita de destruição do mundo

pela humanidade (BOFF, 2012); não somente a degradação do planeta (VIZEU; MENEGHETTI; SEIFERT, 2012), mas também o aumento na desigualdade social, dos problemas econômicos e a decadência do trabalho (GAULEJAC, 2007). Incluindo os problemas relacionados ao sofrimento e contradição ética dentro das organizações (DEJOURS, 1999; PARKER, 2002).

Diante desse panorama, reconhecemos que o sistema dominante em tempos atuais, reflete um estado de crise. Indícios desse fenômeno podem ser observados a partir da grande quantidade de pessoas com alto status, consideradas realizadas e ocupando posições hierárquicas elevadas dentro de empresas, abandonando seus cargos e mudando o estilo de vida (EMI, 2013).

Em consonância, Bohm (2006) reconhece que não há modelo dominante capaz de cobrir a completude da realidade social. Assim, é notável a existência de eventos, grupos e organizações que escapam da lógica hegemônica vivendo em conjunto na sociedade.

Por esse motivo, reconhecer a importância desses acontecimentos é parte central da reflexão sobre a condição em que se encontra a sociedade na contemporaneidade. Como forma de contribuir para essa reflexão, estabelecemos a investigação a respeito do seguinte problema de pesquisa: **De que forma ocorre a modo de criação de porcos soltos na organização tradicional de faxinal?**

1.2 Objetivos da Pesquisa

O objetivo central desse trabalho é compreender o modo de criação de porcos soltos na organização tradicional de faxinal. Para que se possa concretizar tal objetivo é necessário:

- a) Descrever o modo de organização tradicional de faxinal;
- b) Descrever a técnica de criação de porcos soltos no contexto da organização tradicional de faxinal;
- c) Analisar a técnica de criação de porcos soltos no contexto da organização tradicional de faxinal em face da lógica técnica dominante nas organizações convencionais.

1.3 Justificativa Teórica e Prática

Entrar em harmonia com o meio ambiente é uma questão de vida ou morte (BOFF, 2012). Nesse sentido, é importante mencionar que a preocupação das organizações capitalistas com a sustentabilidade é historicamente questionável, não se tratando de uma conduta de preservação e respeito ao meio ambiente e sim uma tentativa de conciliar os efeitos danosos de sua lógica de produção em função do lucro com uma imagem satisfatória de resguardo da natureza, resumidamente, um cálculo utilitário de benefícios orientado pela disposição do mercado (VIZEU, MENEGHETTI, SEIFERT, 2012).

Em sintonia com tal argumento, afirma-se que a constituição da responsabilidade social nas grandes corporações obedece a questões fundamentalmente estratégicas. Portanto muito mais conectadas com a visão de benefício financeiro em função da busca por lucro em detrimento da preservação das condições ambientais (FARIA, SAUERBRONN, 2008).

Um argumento comum é o de que o sucesso das empresas pressupõe uma melhora na condição de vida para a sociedade. Guimarães (1984) coloca em cheque a confiança no desenvolvimento econômico como benéfico para o avanço nas condições sociais, para ele o acúmulo de capital e a propriedade privada não permitem a ascensão de uma perspectiva que beneficie a boa convivência entre as pessoas.

Por esse ângulo, observamos que a desigualdade na distribuição de renda afeta o Brasil de maneira violenta (MEDEIROS, SOUZA, CASTRO, 2015). Sendo sintoma de uma condição que gera mal-estar, doenças e precarização do trabalho. Sendo os mais afetados, aqueles que ocupam posições mais baixas na hierarquia das empresas.

O trabalhador comum encontra-se seduzido por uma promessa de compartilhamento do sucesso da empresa. O ingresso na organização capitalista instiga a aderência aos compromissos éticos focados no crescimento e acúmulo de capital pela organização, o decorrer dessa dependência, não garante o retorno do sucesso, mas implica um vínculo que se apropria da atividade do indivíduo (DEJOURS, 1999; GAULEJAC, 2007).

Destarte, esse modo de organizar surge como desdobramento histórico de transformações sociais provenientes de uma série de conflitos que perduram até os

dias atuais. Por esse motivo, o fundamento dessa justificativa gira em torno de não aceitar que o modelo dominante na modernidade seja tido como resultado de uma combinação neutra (ELLUL, 1968).

Isto é, os problemas que afetam o contexto social em decorrência das organizações, repercutem estruturas, mecanismos de poder e ações instituídas que merecem passar por um processo de reflexão. Suas contradições e distúrbios se mostraram danosos em diversos domínios, e por esse motivo tem-se observado a crescente demanda por respostas aos problemas sociais e ambientais. No campo dos Estudos Organizacionais, isso se manifesta no aumento do interesse por modos de trabalho e organização alternativos (COSTA *et al.*, 2018; CRUZ; ALVES; DELBRIDGE, 2017; JEANES; PHILLIPS; MOORE, 2015; PARKER; FOURNIER; REEDY, 2013).

Isso reforça a importância de se investigar organizações tradicionais, uma vez que, o exame desses agrupamentos sociais enriquece o conhecimento a respeito dos princípios que estabelecem valores e costumes em práticas comunitárias. Podendo também, contribuir para o aumento da compreensão sobre elementos históricos que levaram a sociedade até o estado de crise atual (HOCAYEN DA SILVA, 2015).

A aproximação a essas realidades contribui para a recuperação/valorização de saberes esquecidos (HOCAYEN DA SILVA, 2015). Além de estimular a criatividade sobre diferentes possibilidades e consequências decorrentes das organizações no mundo (PARKER; FOURNIER; REEDY, 2013). Há de se mencionar que existem grupos que se organizam com propósitos alternativos envolvendo violência, totalitarismo, terrorismo, etc. os quais não são o foco desse estudo. Em específico, essa pesquisa direcionou o interesse para a experiência de organizações que fomentam a discussão a respeito de liberdade, práticas coletivas, cooperação, fraternidade, tolerância, empatia e solidariedade.

1.4 Estrutura da Dissertação

A estrutura desse trabalho divide-se a partir de cinco sessões. A primeira delas já apresentada diz respeito a um capítulo introdutório onde são apresentadas as principais informações sobre a contextualização do tema, os objetivos e a justificativa para seu desenvolvimento.

O segundo capítulo aborda o quadro teórico de referência utilizado para o desenvolvimento do estudo, discorrendo a respeito da técnica, da modernidade no meio rural e das comunidades tradicionais de faxinais. Em terceiro, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados nessa pesquisa. O capítulo quatro é dedicado para a apresentação dos resultados obtidos e contém a apresentação dos faxinais do Papanduva de Baixo e do Emboque, a descrição em profundidade do modo de criação de porcos, a análise de suas principais características e o exame da cultura tradicional dos faxinais enquanto aspecto estruturante da organização. Por fim, no capítulo cinco são apresentadas as principais conclusões obtidas a partir desse estudo.

2 QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

Esta sessão de referencial teórico está disposta da seguinte maneira: primeiro, uma apresentação do conceito de técnica; seguido pela crítica da técnica moderna; Na sequência, são apresentadas considerações teóricas sobre o impacto da modernidade no meio rural; e por fim, uma sessão que discorre a respeito das comunidades tradicionais de faxinais, abrangendo os povos e comunidades tradicionais, as comunidades de faxinais, sua contextualização histórica e os eventos de desarticulação.

2.1 O conceito de Técnica

Tecnologia, tecnopólio, megamáquina e racionalidade instrumental, são termos utilizados para se referir a um conjunto de conceitos que se relaciona ao estudo da técnica na modernidade (ELLUL, 1968; GAMA, 1986; GUERREIRO RAMOS, 1989; HEIDEGGER, 2007; MARCUSE, 1982; MUMFORD, 1967; POSTMAN, 1993; VIEIRA PINTO, 2005). Dentre as diferentes possibilidades de abordagens sobre o tema, destaca-se a visão de Ellul (1964, p. 25), o qual define técnica da seguinte forma: “Uma totalidade de métodos racionalmente orientados para se atingir a absoluta eficiência (para um dado estágio de desenvolvimento) em todos os campos da atividade humana”.

Segundo apresentado por Ellul (1968), a técnica, do ponto de vista histórico, acompanha o homem desde os períodos ancestrais, estando contida nas práticas fundamentais de manutenção da vida em sociedade. Se manifestando na obtenção de alimentos, proteção, habitação e nos costumes mágicos que compunham a imagem cultural das civilizações. De tal forma que fora interpretada em diversas conjunturas sociais de modo distinto ao longo da história.

Ellul (1968), observa que há algo de singular na técnica quando pensada na sociedade moderna. Para ele, a técnica apesar de existir desde tempos ancestrais, durante a modernidade passa por uma transformação, vindo a ser um elemento importante para a ascensão da razão, da ciência e da burguesia nesse período histórico. Outros autores como Brüseke (2005); Gama (1986) e Vieira Pinto (2005) reconhecem de forma semelhante que se trata de um fenômeno de destaque, ligado

ao momento de transformação na organização da sociedade observado na Europa a partir do século XVII.

Até então, técnica fora um termo associado a práticas relacionadas ao domínio da arte. O termo *Tékhne*, oriundo da Grécia antiga, refere-se à arte, ou ofício, no que diz respeito à maneira de realizar uma ação ou conjunto de ações. Nesse sentido, o uso do termo se desloca, passando então, a estar relacionado com o pensamento racional e a consolidação das práticas que integram o campo industrial (GAMA, 1986; POSTMAN, 1993). Esta mudança é ilustrada por Gama, (1986, p. 43):

Christian Wolff [1679-1754], discípulo de Leibniz, na sua *Lógica*, define tecnologia como *scientia artium et operum artis*, quer dizer, conhecimento científico das artes e das obras de arte, inaugurando assim um novo significado para a tecnologia.

A transformação pela qual passa o entendimento sobre a técnica, permite que está se consolide também em diferentes campos de atuação, onde até então, era pouco reconhecida. Nesse sentido, Ellul (1968), afirma que a técnica caracteriza o período da modernidade, pois se mostra presente em diversos domínios da sociedade. O autor destaca três principais dimensões: a técnica econômica, quando ligada ao processo produtivo; a técnica do homem, quando orientada ao estudo medicinal e genético; e a técnica da organização, sendo esta última, ligada ao contexto administrativo, e aplicada a indústria e grandes negócios comerciais.

Deste modo, para Ellul (1968), a técnica não pode ser entendida apenas como um conjunto de meios aplicados na tentativa de atingir determinada finalidade. É também, o método que apresenta características comuns e diretrizes que orientam em direção a um estudo mais especializado, sendo necessário evidenciar a distinção entre a **operação e o fenômeno técnico**.

A primeira, diz respeito a todo trabalho feito com certo método tendo em vista atingir um resultado, podendo de tal forma se apresentar mais ou menos eficaz, levando em consideração que todo trabalho envolve certo grau de técnica. Tratam-se dos processos e procedimentos que conduzem ao atingimento de finalidades. Em sua prática, é caracterizada pela submissão ao operador, o qual dita as regras de sua utilização, ressaltando a necessidade de ser adequada as condições sociais e culturais em que esteja inserida (ELLUL, 1968).

Diversas tentativas de atingir determinados resultados permite a ampliação da variedade de meios possíveis. A intervenção da consciência e da razão direciona a uma busca que não é mais a operação técnica, mas a combinação de atos que buscam melhorar o rendimento. Tal acontecimento, dito dupla intervenção, tem como produto o fenômeno técnico. “Essencialmente em fazer passar para o domínio das ideias claras, voluntárias e raciocinadas, o que era do domínio experimental, inconsciente e espontâneo” (ELLUL, 1968. p.20).

O **fenômeno técnico** consiste na difusão e predominância nas esferas econômica, organizacional e social, da procura do método absolutamente mais eficaz. Enquanto na operação técnica, o meio *relativamente* melhor tem primazia, no fenômeno técnico, a escolha é definida pelo *critério técnico* para atingir o meio absoluto, o “*best one way*”, modelo ideal de técnica, mais eficiente, adaptado e refinado. A civilização técnica, portanto, seria aquela que acumula ampla diversidades de operações técnicas e as direciona para a busca do meio com maior eficiência, procurando assim atingir o “*best one way*” (ELLUL, 1968).

O aumento da profusão das possibilidades entre os meios, direciona para o predomínio daquele que apresente maior eficiência, sendo essa a principal característica da técnica moderna. Contudo, Ellul (1968) reconhece a existência de outros **caracteres da técnica** que possuem impacto profundo na sociedade:

O **automatismo**, diz respeito a impossibilidade de negação ao uso do método que apresenta maior eficiência, sendo aquele qual reproduz maior racionalidade e eficácia, automaticamente escolhido e utilizado em detrimento de demais meios possíveis. Isto posto, não é permitida uma escolha que priorize critérios que não sejam de ordem técnica, excluindo julgamentos de natureza moral, religiosa ou filosófica (BARRIENTOS-PARRA, 2011).

Autocrescimento, está relacionado a afirmação de Ellul (1968), de que a técnica a partir de determinado estágio de desenvolvimento, passa a apresentar demandas que só podem ser supridas pelo avanço da própria técnica. Seu desenvolvimento tende a excluir a intervenção humana de seus procedimentos, reduzindo o papel das pessoas a operadores dos elementos técnicos.

Unicidade se relaciona com a impossibilidade de separar a técnica e o uso que se faz dela. Para Ellul (1968), o fenômeno técnico constitui uma totalidade que não pode ser distinguida entre bom e mau uso, sendo a utilização da técnica

somente submetida a seus próprios critérios. O uso técnico é o único possível e não atende a julgamentos morais ou religiosos.

Universalismo, se refere tanto a suas características geográficas, quanto qualitativas. A técnica se mostra presente em todos os países em maior ou menor escala de acordo com as condições particulares de cada um, sendo o objetivo do desenvolvimento o aumento da “tecnificação”. Esse processo afeta diretamente as culturas tradicionais, pois tende a criar padronização e exigências que reduzem outras esferas da vida como a religião, filosofia, arte e costumes. A técnica tende a totalidade da vida, pois demanda transformações que interferem no trabalho, máquinas, nas medidas de processos administrativos de organizações, até transformar o homem (BARRIENTOS-PARRA, 2011).

Autonomia, diz respeito ao desenvolvimento da técnica, o qual, segundo Ellul (1968), ocorre com base em suas próprias leis e finalidades de forma independente ao homem. Condiciona as esferas econômicas, políticas e sociais se colocando como valor supremo acima do bem e do mal sob a aparência de neutralidade.

Ambivalência, ressalta que os efeitos positivos possíveis de serem alcançados com o uso da técnica não podem ser indissociados dos efeitos negativos, sendo o custo do progresso técnico a possibilidade de problemas imprevisíveis (BARRIENTOS-PARRA, 2011).

A visão que abarca o conceito de técnica, a operação e fenômeno técnico e os caracteres da técnica, se posicionam de maneira crítica em relação ao desenvolvimento tecnológico na sociedade contemporânea. Entretanto, é necessário ressaltar que existem outras perspectivas que tratam do tema.

A obra de Feenberg (2010), apresenta um mapeamento das principais premissas conceituais das abordagens que vêm estudando a tecnologia na modernidade. Para isso, organiza uma figura explicativa onde os eixos verticais A e B representam a premissa de que a tecnologia é: (A) autônoma; (B) humanamente controlada. Enquanto que no eixo horizontal, confronta-se a tecnologia em vista de uma premissa de neutralidade ou se esta é carregada de um sistema de valores, conforme mostrado na figura 1 a seguir:

Figura 1 - Abordagens para Tecnologia.

	eixo (A)	eixo (B)
	Autônoma	Humanamente controlada
Neutra	Determinismo	Instrumentalismo
Carregada de valores Meios formam um modo de vida que inclui fins	Substantivismo	Teoria Crítica

Fonte: Feenberg (2010).

Com relação as abordagens que entendem a tecnologia como neutra, o determinismo segue no sentido de que o avanço tecnológico é que o define a sociedade. Ou seja, o progresso e a eficiência não estão ao alcance do controle humano, somente as possibilidades de organização social ao seu redor. O instrumentalismo, se alinha a crença liberal sustentada na tecnologia enquanto instrumentos submetidos a vontade humana. Esse posicionamento, desponta como visão dominante na sociedade atual (FEENBERG, 2010).

Quanto as abordagens que reconhecem valores na tecnologia, o substantivismo atribui aos artefatos tecnológicos valor substantivo não necessariamente instrumental. Teorias substantivistas orbitam no consenso a respeito do desenvolvimento autônomo da tecnologia, o qual, prescreve um sistema de regulamentos. Já a teoria crítica, aborda a tecnologia a partir da possibilidade de controle humano e de implementação de valores alternativos no processo de desenvolvimento tecnológico (FEENBERG, 2010).

O substantivismo permite o aprofundamento de uma visão crítica a respeito dos efeitos da tecnologia sobre a humanidade. Essa perspectiva se distancia do

determinismo e do instrumentalismo. Isso se deve ao modo como procura evidenciar o confronto entre interações de meios e fins orientados pela instrumentalização e a reprodução de aspectos valorativos. Isso significa que para os substantivistas, os procedimentos técnicos possuem a tendência de reduzir a influência de elementos culturais na organização social. Pode-se destacar alguns autores nessa categoria, como Ellul e Heidegger² (FEENBERG, 2010).

Essa pesquisa se aproxima da perspectiva substantivista, pois explora a contradição que se instaura sobre os aspectos instrumentais e valorativos envolvidos no modo de criação de porcos tradicional dos faxinais. Além disso, se coloca de modo a assumir uma posição consensual entre autores como: Bruseke (2005), Ellul (1968), Marcuse (1982), Postman (1993), Heidegger, (2007) e Vieira Pinto (2005), não tomando a técnica e a tecnologia como elementos neutros dentro da sociedade. Ou seja, entendendo que produz resultados e consequências passíveis de análise diante de seus desdobramentos sociais, ambientais e econômicos.

2.1.1 Crítica da Técnica moderna

Há uma noção dominante no contexto organizacional que distânciava a atribuição de meios e métodos a consequências de ordem social e ambiental. Quanto a essa questão, Vieira Pinto (2005), observa que a técnica procura se naturalizar como única concepção de mundo viável, corroborando com uma visão neutra de suas propriedades. Dessa forma, tem como resultado a ideia de que toda utilização e desenvolvimento de objetos tecnológicos são produtos diretos da natureza da sociedade. É possível reconhecer que esse fenômeno se faz presente em características intrínsecas da própria técnica. Essa percepção pode ser explicada com base no comentário de Brüseke (2005, p. 2):

A técnica parece possuir uma *autopoeisis*, uma dinâmica autônoma que derruba tudo o que não conspira a favor do seu desenvolvimento e seu progresso. Resta ao cientista optar entre uma visão positiva ou negativa desta fatalidade.

Nesse sentido, a técnica se constitui como um fator fundamental. Entre suas propriedades reconhecidas, encontra-se a criação de parâmetros de julgamento que se estabelecem como medida de si mesma, sendo o predomínio do ponto de vista

² Martin Heidegger, importante filósofo alemão do século XX que viveu entre 1889 e 1976.

que prioriza o racional, capaz de excluir elementos não apreciados por essa dimensão (ELLUL, 1968).

De acordo com Ellul (1968), a expansão da técnica potencializou a degradação cultural e moral da sociedade moderna. Para esse autor, trata-se do principal fator para a decadência da vida em comunidade e de valores distintos daqueles que são adaptados a lógica da eficiência. Nesta perspectiva, a técnica avança de modo autônomo, convertendo-se em um fim em si mesma, de modo a criar em seus próprios sistemas problemas e soluções. Isso condiciona o aparecimento de novas técnicas submetidas à sua própria coerência. (ELLUL, 1968).

A técnica se apresenta como inofensiva ou somente benéfica, mas para Vieira Pinto (2005), esse fenômeno vai além, prevalecendo uma espécie de “maravilhamento”. Um contentamento extremo decorrente da realização técnica, resultando em uma admiração máxima pelos objetos e façanhas permitidos ao homem no domínio da natureza. Semelhante característica é observada por Ellul (1968), posto que a máquina é materialização pura da técnica, sendo capaz de deslumbrar com sua capacidade de criar artefatos refinados. Isso revela um fascínio que subverte a relação entre meios e fins.

Por essa linha de pensamento, a técnica cria uma lógica compreensível e aceita entre as pessoas refletindo também no contexto das organizações. É como se a técnica criasse uma linguagem que se fecha em si, constituindo uma unicidade (ELLUL, 1968). Nesse sentido, é conveniente apontar que ganha forma certa conduta técnica, esta que se apresenta como imparcial, pois se auto fundamenta como um fim em si e como isenta ao juízo de valor, rejeitando atribuições que instiguem o julgamento sobre bem e o mal (OLIVEIRA, 2008a).

Para Vieira Pinto (2005), a técnica se legitima a partir dos artefatos. Estes proporcionam euforia e admiração. Acredita-se que é uma dádiva a possibilidade de seu uso. Isso incute a ideia de que a sociedade atual se encontra acima de qualquer outra que já tenha existido, legitimando uma ideia de superioridade que dificulta a percepção de valores destituídos ou encobertos pelas demandas tecnológicas. Dessa forma, se estabelece uma falsa neutralidade que obscurece a percepção do que está fora do domínio técnico.

A técnica moderna se constitui a partir da razão instrumental enquanto valor central, julgamentos advindos de ordem moral, ética ou de outros pressupostos, são alheias a sua coerência. Conforme reconhece Ellul (1968, p. 114):

As necessidades e os modos de ação de cada uma dessas técnicas combinam-se de modo a formar um todo, cada parte apoiando, reforçando outra, e constituindo um fenômeno coordenado do qual é impossível retirar um elemento. É, pois, uma ilusão (perfeitamente compreensível, aliás) essa esperança de suprimir o aspecto mau da técnica, conservando o bom. É não ter compreendido o que é o fenômeno técnico.

Vieira Pinto (2005) argumenta que a técnica se converte em moral, a partir da ideia de que viver nos tempos atuais é sinônimo de melhor vida possível. Nesse sentido, a civilização moderna por possuir meios tecnológicos desenvolvidos, seria responsável por proporcionar o conforto máximo em qualquer esfera da vida. Essa perspectiva desarticula e desqualifica o pensamento autônomo, subvertendo a não submissão à técnica em prática ignorante e atrasada (ELLUL, 1968; VIEIRA PINTO, 2005).

Nesse sentido, podemos assumir que a técnica não se sujeita a julgamentos morais externos, pois sua conduta preconiza que: “Tudo que é técnico, sem distinção de bem e de mal, é forçosamente utilizado quando está a nosso dispor” (ELLUL, 1968, p. 103). Seja com boas ou más intenções, a ação técnica é a do “*one best way*”, aquela que busca a máxima eficiência (ELLUL, 1968).

A utilização de máquinas e aparelhos é uma questão que se sobressai no que tange a busca pela eficiência no contexto das organizações. A sofisticação de instrumentos emerge sempre como solução de problemas (POSTMAN, 1993). Para Guerreiro Ramos (1989), a racionalidade instrumental é dominante no contexto organizacional e por consequência, resume sua atividade em um cálculo utilitário de consequências, operacionalizando o controle da natureza e das pessoas (GUERREIRO RAMOS, 1989).

Para Ellul (1968), o pensamento racional pressupõe um pragmatismo que se apropria da utilização de números, variáveis, funções, como forma de se legitimar. Não obstante, vai além do domínio organizacional, retirando a espontaneidade da experiência de vida humana. Para ele, o pensamento técnico é regulado pelo arbítrio da instrumentalização. Nesse ponto de vista, a máquina se revela um ícone dessa instrumentalidade, uma vez que, é entendida como uma extensão do potencial

humano, possibilitando assim, a satisfação de necessidades artificiais para o homem em relação à natureza (ELLUL, 1968; POSTMAN, 1993).

A instrumentalização manifesta as possibilidades oriundas do conhecimento técnico, contudo, os procedimentos necessários para seu desenvolvimento podem conflitar com demandas de outras áreas. Postman (1993, p. 48) afirma que a supremacia do conhecimento técnico baseado na racionalidade, redefine todo o entendimento “da religião, da arte, da política, da família, da história e por fim, da verdade”. Mais adiante, trata-se da constituição de um modelo totalitário de controle o qual chamou de “Tecnopólio”.

Essa perspectiva fundamenta-se principalmente a partir da emergência da administração científica entre meios do século XIX e XX. Historicamente atribuída aos preceitos de Taylor, com a teoria de tempos e movimentos e a exclusão definitiva do intelecto do trabalhador. Isto é, a constituição de um modelo que pensasse por si e não mais dependesse do julgamento pessoal. Para que se cumprisse com essa demanda, um grupo passou a deter o conhecimento tido como desejável, os “experts” (POSTMAN, 1993).

O conhecimento técnico legitimado pela administração científica ultrapassa os limites da empresa, e influencia no convívio social além dela, estendendo a importância e autoridade dos *experts*, de tal forma que essa lógica passa a ser dominante não somente no jeito de trabalhar, mas de alimentar-se, vestir-se, entreter-se, locomover-se, etc., ou seja, viver (ELLUL, 1968). Dessa forma, a técnica se auto fundamenta e se estabelece como dogma (JAPIASSU, 2011; OLIVEIRA, 2008a).

A técnica também se relaciona com questões de economia e de mercado na modernidade. A economia a partir da lógica de acumulação se apropria do conhecimento técnico. Entretanto, pode-se observar que existe uma relação de dependência entre ambos. Caso houvesse interrupção da inovação técnica o mercado entraria em crise (ELLUL, 1968). Esse modelo de acumulação de capital, pode ser visto como uma novidade em termos históricos. Berthoud (2006) e Polanyi (2000) ressaltam que essa instituição moderna, sustenta a crença no mercado como provedor de desenvolvimento e solucionador autônomo de disfunções. Essa característica se destaca pelo ineditismo, pois até então o mercado fora sempre

instituído como parte do mundo social, diferente do retrato moderno, onde assume papel de condicionador das relações.

No passado, o mercado era um componente social ritualístico, regionalizado e comunitário, inserido como parte de um contexto com relações sociais mais amplas, e não como seu determinante (POLANIY, 2000). Isso demonstra que os modelos econômicos nem sempre foram dependentes de um desenvolvimento técnico agressivo. Esse fato corrobora o argumento de desnaturalização do crescimento ilimitado nas organizações, defendido por Vizeu e Seifert (2015), uma vez que, a ideia de centralidade do lucro e acumulação de capital depende da admissão de meios de produção que se ajustem a demandas mediadas pelo mercado (VIZEU; SEIFERT, 2015).

Essa sessão revisou considerações teóricas críticas da técnica moderna. Entende-se que a técnica é um fator relevante não só para as organizações, mas para a sociedade como um todo. Foi mostrado que a crescente busca pela eficiência máxima nas práticas produtivas também é refletida em efeitos negativos sobre a sociedade e meio ambiente ao longo dos últimos séculos.

2.2 O impacto da modernização no meio rural

Esse subcapítulo tem por objetivo apresentar impactos históricos referentes aos processos de modernização no contexto rural. Será apresentada uma aproximação teórica entre os períodos pré e pós-revolução industrial na Europa e o modo como a modernização impacta o âmbito rural brasileiro. Esses eventos foram responsáveis por mudanças na sociedade, afetando diretamente a agricultura e o campo.

Ainda que as bases sobre as quais a revolução industrial fora possibilitada sejam de horizonte estritamente europeu e mais particularmente do contexto inglês e francês, é seguro afirmar que seus resultados obtiveram impacto sobre o mundo todo e favoreceram amplamente a classe burguesa. O triunfo não fora fatalmente o da indústria, mas objetivamente o da indústria capitalista, assim como não fora a vitória da liberdade e igualdade entre todos, e sim a da classe média liberal. Dessa forma, o estado moderno de maneira regionalizada, fortalece suas estruturas para posteriormente se expandir pela Europa e depois no mundo (HOBBSAWN, 1962).

Essa transformação impacta diretamente a base estrutural da organização da sociedade naquele momento: o âmbito rural. Até a década de 1780 havia grande concentração das atividades produtivas no campo. Com exceção de grandes capitais como Londres e Paris, que na época já poderiam ser consideradas centros urbanos, haviam no máximo 20 outras cidades que chegavam a casa dos 100 mil habitantes espalhadas pela Europa. Na Escandinávia e nos Bálcãs, poderiam ser encontrados países com 90 a 97% da população vivendo no campo. Entretanto, era notável a separação do ambiente rural e do urbano, principalmente da parte dos habitantes de cidades provincianas (HOBSBAWN, 1962).

Muito embora nesses centros urbanizados houvesse atividade comercial e profissional por meio de negociantes e processadores de produtos agropecuários, pequenos empresários mercantis, agentes jurídicos, artesões, lojistas, além de nobres, representantes do estado e da igreja, a economia dependia amplamente das atividades camponesas. Nesse cenário, a questão agrária era fundamental, haja visto que a propriedade sobre a terra já era um fator de grande relevância. Por esse motivo, pode se dizer que o fator crucial de toda a estrutura da sociedade residia na relação entre aqueles que faziam uso da terra para produção e aqueles que possuíam sua propriedade (HOBSBAWN, 1962).

A Inglaterra no final do século XVIII é a protagonista das transformações das relações de produção e trabalho. Até então, eram amplamente dependentes da produção realizada por organizações tecelãs familiares, as quais, ocupavam regiões rurais dividindo suas atividades entre a manufatura desses produtos e atividades agrícolas de subsistência. Sua condição financeira era garantida pela comercialização com o mercado regional, garantido por mercadores que realizavam o transporte das mercadorias. Esse sistema garantia alguma liberdade a seus adeptos, visto que poderiam dividir conforme sua vontade o trabalho de tecer, com os cuidados nas suas lavouras e atividades de entretenimento e igreja (ENGELS, 1975).

Os vizinhos dos tecelões cultivadores eram em sua grande maioria pequenos agricultores chamados “*yeomen*”, que conduziam suas atividades produtivas com baixa eficiência e dependência da aristocracia, a qual era proprietária de suas terras de cultivo. Entre eles, havia um extrato social composto por fazendeiros, posseiros

de grandes parcelas de terra, já demonstrando inclinações a um modelo de produção mais técnico (ENGELS, 1975).

Essa dinâmica de organização passa a ganhar novos contornos a partir da introdução da máquina de tear “Jenny” em 1764, a qual ampliou a eficiência de produção dos tecelões. As novas possibilidades de operação dessa máquina demandaram a incorporação de operadores, afetando diretamente o núcleo de produção dos tecelões familiares, que progressivamente ignoraram a atividade agrícola para viver dos salários recebidos na indústria tecelã. Essa classe se dissolve totalmente com a migração para a região urbana, abandonando seus territórios rurais, os quais passaram a ser incorporados pelos fazendeiros que posteriormente se tornariam grandes arrendatários (ENGELS, 1975).

Essa nova classe de rendeiros, apropriaram métodos agrícolas mais técnicos visando a produção em larga escala. Assim, tornaram viável a comercialização de suas culturas a preços mais baixos, afetando diretamente a condição do “*yeomen*”. O pequeno produtor camponês sofre com a precarização direta de suas condições de vida, pois sua produção já não é mais suficiente para alimentar a família, e ele passa a empregar-se nas grandes lavouras ou vende suas terras para aderir a indústria tecelã. Como resultado, tomam forma as novas classes dos proletários rurais, bem como dos proletariados urbanos, compostos em sua maioria pelos antes tecelões cultivadores. Isto serve como base de uma nova forma de exploração do trabalho e acumulação de riqueza. Aos camponeses resistentes, restou a competição com propriedades geridas por princípios mais racionalizados e maior investimento de capital (ENGELS, 1975).

No início do século XIX o poderio econômico da Inglaterra já era notável. O êxodo rural e conseqüentemente o aumento da população urbana crescia exponencialmente, enchendo as fábricas de trabalhadores e as ruas com moradias precárias. Conforme descreve Hobsbawn (1962), a “revolução industrial” significou o rompimento definitivo com as amarras sociais que impediam o poder produtivo. Jamais antes uma sociedade havia sido capaz de superar os limites da sociedade pré-industrializada, com tecnologia e ciência deficientes, além dos problemas da fome e da mortalidade que impediam sua ascensão.

A revolução industrial que ocorria na Inglaterra e influenciaria a economia do mundo todo estava estabelecida. Na França, outros eventos revolucionários

aconteciam entre os séculos XVIII e XIX. A crise política irrompe como uma “reação feudal” devido ao descontentamento da nobreza se vendo insatisfeita com a redução de seus privilégios políticos, de suas instituições representativas e poderio econômico. O cenário de ebulição propicia mudanças estruturais na sociedade, culminando na insatisfação da classe média, que reage aumentando a exploração sobre o campesinato, tornando essa classe mais hostil e insatisfeita (HOBSBAWN, 1962).

Os camponeses representavam algo próximo a 80% da população naquele momento. Eram em geral livres e recorrentemente proprietários de terras. Nos 20 anos que precederam a queda da Bastilha, os crescentes tributos feudais, dízimos e taxações aumentavam a fome e a precariedade da vida dessa classe. A burguesia ascendia socialmente inspirando-se nos ideais liberais clássicos. Seus preceitos ideológicos norteiam a fissura entre nobreza e estado (HOBSBAWN, 1962).

Se intensifica o clima de agitação social que coincide com uma crise socioeconômica nos anos 1780. Esse fator permite que os levantes de caráter reformistas venham a se tornar revolução. Nos anos 1788-89, o campesinato sofre com safras pobres, enquanto que nas cidades a depressão industrial conduz ao aumento da violência e a criminalidade. Os levantes camponeses se intensificariam ainda mais no período conhecido como “grande medo”. O estado francês e a estrutura feudal ruiriam. (HOBSBAWN, 1962).

A burguesia ascendia socialmente sob preceitos ideológicos que promoviam a elevação da crença na propriedade inviolável, homens iguais perante as leis e profissões inclinadas a eficiência produtiva. A ascensão de Napoleão e seu sucesso nas campanhas pela Europa permite a estabilização da ideologia burguesa perante o estado. No cenário rural, o sistema feudal havia sido abolido. A agricultura adquiria contornos capitalistas, onde emergiam os pequenos e médios proprietários de terra, os quais dedicaram-se a produção mais eficiente. A busca por rápido desenvolvimento econômico promove o êxodo rural e a urbanização. O camponês perde categoricamente seu espaço (HOBSBAWN, 1962).

Os impactos das transformações ocorridas na Europa, principalmente na Inglaterra e na França, transcendem as fronteiras do continente e se espalham pelo mundo todo. No caso específico do Brasil, não é diferente. A queda das monarquias

e a instituição do capitalismo afetam diretamente a questão agrária e da ruralidade na então colônia de Portugal.

Conforme argumentam Rocha e Cabral (2016), a estrutura do sistema agrário brasileiro se estabelece como um monopólio de terras. No século XVI a instituição de capitanias hereditárias por meio do Rei Dom João III, determina a divisão do território do Brasil Colônia em 15 extensões de terra, que passam a pertencer a membros da aristocracia portuguesa. Inaugura-se a estrutura fundiária brasileira baseada na grande propriedade. Latifúndios escravistas se firmam como base do sistema de produção, e a distribuição desigual das terras favorece um arranjo de privilégios ao grande proprietário, gerando impactos que permanecem até os dias atuais.

O regime de sesmarias – derivado das capitanias hereditárias – perdurou como aparelho legal de distribuição de terras em território brasileiro até o ano de 1822, quando a independência nacional retira sua legitimidade. Entretanto, só viria a ser substituído legalmente em 1850 por meio da Lei de Terras³. A interseção entre esses períodos criou um “vazio jurídico”, onde de fato, passou a vigorar a posse efetiva da terra. Esse período favoreceu a ocupação precária por posseiros: pequenos agricultores, sem direitos jurídicos, mas que faziam uso do espaço para produção de subsistência e trocas mercantis. Mesmo após 1850, o “sistema de posse” segue existindo como meio de ocupação de regiões não utilizadas pelos grandes latifúndios. Ainda havia um segundo meio de acesso à terra. Nele, famílias se instalavam dentro de pequenas áreas com a permissão do proprietário. Elas poderiam cultivar alimentos nas proximidades de suas residências, desde que servissem ao patrão nas fazendas de cana de açúcar e café, e/ou pagassem tributos ao proprietário (WANDERLEY, 2014).

Do ponto de vista centrado no trabalhador do campo, a Lei de Terras de 1850 e a Lei Áurea em 1888⁴, não significaram uma inserção justa no mercado capitalista. O período de 1850 a 1930 pode ser considerado o de consolidação do latifúndio brasileiro. Em paralelo, a interpretação dominante entre a elite e agentes do Estado

³ Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850. Primeira determinação do Estado Brasileiro depois da extinção do regime de sesmarias. Buscava a organização da propriedade privada de terras no Brasil.

⁴ Lei de 13 de maio de 1888, que extingue a legitimidade legal do regime de escravidão em território brasileiro.

era de que o escravo tornado livre, poderia vender seu potencial de trabalho a quem pudesse paga-lo, e não se tornar proprietário. Ideia essa, amplamente difundida após o desfecho europeu das revoluções na França e Inglaterra. Sendo assim, as bases de relações trabalhistas no campo se deram de forma assimétrica, contrapondo os interesses entre o patrão proprietário de terras e a mão de obra desprovida de propriedade – indígenas, posseiros, ex-escravos, caipiras, imigrantes. (ROCHA; CABRAL, 2016).

Ainda assim, gradualmente o Brasil se estabelecia como um país rural. Impulsionado principalmente pelas fazendas no estado de São Paulo, logo se tornaria o principal produtor de café do mundo, sendo essa a atividade de maior impacto econômico no país. Entretanto, mais ao sul, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o principal vetor econômico se dá pela extração da erva mate. O ciclo econômico da erva mate ocorre durante o século XIX e dura até meados do século XX. Esse período é de relevância central no Paraná, estando a exploração desse produto diretamente relacionada com aspectos políticos, sociais e culturais do estado (BOGUSZEWSKI, 2007).

Os municípios de Palmas, Palmeira, São Mateus do Sul, Guarapuava e União da Vitória concentram a maior parte da produção de erva mate cancheada no Paraná. Por volta de 1870, em Curitiba, começa a operar o primeiro engenho movido a vapor. A produção ervateira atinge seu auge nos anos 1875-80 com a implementação das primeiras técnicas industriais para seu beneficiamento, fazendo com que o estado se consolide como maior exportador brasileiro da erva, comercializando principalmente com Chile, Paraguai, Uruguai e Argentina. A relevância econômica desse produto se manteria até a década de 1920, quando a redução da comercialização com a Argentina e a diversificação de culturas para exportação, reduzem significativamente seu impacto (BOGUSZEWSKI, 2007).

O declínio da comercialização da erva mate coincide com a crise do café em 1929. Cresce no Brasil a demanda por transição de uma economia de base agroexportadora para urbano industrial. O Estado exerce maior influência na economia inserindo políticas desenvolvimentistas, as quais favorecem principalmente a oligarquia cafeeira paulista. No Paraná, a modernização é acompanhada da crescente concentração fundiária e do êxodo rural. A partir dos

anos 1940, já é possível observar o surgimento de novos segmentos industriais e aumento do emprego formalizado (PRIORI *et al.*, 2012).

Conforme Rocha e Cabral (2016), a agricultura no Brasil é uma conjuntura altamente suscetível a transformações. Até 1930 o país de maneira geral, se definia pelo contexto agrário, o qual por sua vez, passara por crises e ciclos produtivos que determinavam a economia local. O êxodo rural intenso que marcou o período de industrialização nacional de fato produziu novos empregos e seções industriais diversas no contexto urbano. Entretanto, é necessário enfatizar que também foi responsável pela marginalização do trabalhador rural, agora se submetendo a possibilidade de desemprego ou subemprego e alojando suas famílias em periferias marginalizadas nos centros industriais.

Para aqueles que permaneceram no campo, é a partir de 1960 que ocorre a aceleração da transformação no meio rural. A modernização da agricultura promovida a partir dessa década pode ser entendida a partir de duas dimensões complementares: Primeiro, a subordinação das atividades produtivas no campo à indústria do capital financeiro, o que resultou na incorporação de máquinas, equipamentos e insumos para adequação ao modelo produtivo industrial; em segundo, políticas públicas que favoreceram a expansão de grandes empresas do setor. Para pequenos produtores e camponeses as consequências foram profundas e imediatas. Quando o preparo da terra e os afazeres inerentes ao plantio foram mecanizados, já não havia mais motivo para que os grandes proprietários empregassem mão de obra o ano todo em suas lavouras. Dessa forma, os trabalhadores foram expulsos das terras, passando a serem contratados eventualmente para trabalhos específicos (WANDERLEY, 2014).

A produção de subsistência é diretamente afetada, intensificando ainda mais a migração para regiões periféricas dos centros urbanos. Muitos trabalhadores rurais ainda permanecem buscando emprego nas colheitas dos grandes produtores, porém não dispõem de meios formais para garantia de seus direitos. Tal cenário provoca a insatisfação de núcleos camponeses espalhados por todo país, dando origem às primeiras Ligas Camponesas, engajadas em articular a busca por distribuição de terras, de forma que permitissem a manutenção de seu estilo de vida. Todavia, a modernização da agricultura brasileira promove a deflagração de conflitos violentos por terras, bem como a massiva desarticulação dos modos tradicionais de

organização. As populações camponesas fragilizadas sofrem com a ausência de meios legais para sua defesa, tornando possível a concentração fundiária por meio de grandes empresas agropecuárias (WANDERLEY, 2014).

Essa sessão procurou aproximar os principais reflexos da modernização na agricultura e no âmbito rural com o contexto dos modos tradicionais de organização. Para isso, abordou elementos da transformação técnica ocorrida na Europa e os impactos da tecnificação no Brasil.

Os embates que têm se manifestado no cenário agrário brasileiro, também influenciam as populações camponesas do estado do Paraná. A próxima sessão trata de discorrer a respeito das comunidades tradicionais de faxinais.

2.3 Comunidades tradicionais de faxinais

A próxima sessão apresenta uma revisão dos conhecimentos teóricos que discorrem a respeito dos povos e comunidades tradicionais de faxinais. Divide-se em quatro subseções: Povos e comunidades tradicionais; Comunidades tradicionais de faxinais; breve contextualização histórica; e Desarticulação dos faxinais.

2.3.1 Povos e comunidades tradicionais

As culturas tradicionais estão associadas com uma organização social que se caracterizam por atividades produtivas de pequena escala, como: agricultura, pesca, extração e artesanato, notabilizando-se pelo contato direto com a natureza e utilização renovável de seus recursos. Com pouca atividade comercial e uso tecnológico rudimentar, dependem do saber tradicional adquirido com o passar das gerações, que por hábito, é transmitido oralmente. Normalmente, são associados com ciclos ecológicos, costumes alimentares, religiosos, agrícolas, pecuários, etc. (DIEGUES, 2001).

Para Diegues, (2001), alguns elementos configuram as sociedades e povos tradicionais, entre eles: a simbiose com a natureza e o conhecimento de seus ciclos, permitindo desenvolvimento de estratégias de manejo dos recursos; a noção de território e moradia ocupada por várias gerações; a importância das atividades de subsistência com pouca atividade comercial e acumulação de capital; a importância da unidade familiar, bem como das simbologias associadas a mitos e rituais;

utilização de tecnologia simples de baixo impacto ambiental, com ênfase na produção artesanal; reduzido poder político; e auto identificação cultural.

Dentre os vários povos e comunidades tradicionais (PCTs) que residem em diferentes localidades por todo o Brasil, podemos citar: indígenas, quilombolas, açorianos, jangadeiros, pescadores artesanais, cipózeiros, ilhéus, comunidades de terreiro e faxinalenses (LITTLE, 2002; WEDIG, 2015). Esses povos recebem reconhecimento político em âmbito legislativo em 2007, a partir do decreto 6040, que compreende:

Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

A certificação legal apesar de tardia, é relevante para o reconhecimento desses povos, haja visto que historicamente enfrentam um cenário de exclusão frente a políticas públicas. No cenário nacional, as comunidades lutam pelo reconhecimento de seus direitos e territorialidades. Pois, se veem em situação de precarização e violação constante de suas práticas e costumes, em detrimento do avanço do capitalismo (BUCO; ZADRA; VANDRESEN, 2013).

Nesse sentido, se reconhece que os PCTs realizam iniciativas que buscam preservar sua herança cultural e modo de vida, de modo com que se distinguem pelo reconhecimento da identidade coletiva:

O processo de reconhecimento dessa imensa diversidade sociocultural do Brasil é acompanhado de uma extraordinária diversidade fundiária e ambiental ainda que pouco conhecida no país e, mais ainda, pouco reconhecida oficialmente pelo Estado brasileiro. As denominadas comunidades ou povos tradicionais encontram-se ainda, em sua grande maioria, na invisibilidade, silenciadas por pressões econômicas, fundiárias, processos discriminatórios e excluídas da formulação e proposição das políticas públicas. Todavia, buscam compor, cada um deles, com suas formas próprias de inter-relacionamento, grupos e comunidades tradicionais auto-definidas coletivas, juridicamente reconhecidas e auto-reguladas internamente pela gestão tradicional dos recursos naturais (JÚNIOR, SOUZA, 2009, p. 129).

A região sul do país também é cenário de conflitos dessa natureza. O contexto agrário sofre com o período de efervescência do desenvolvimento da agricultura, que ocorre no Brasil entre as décadas de 70 e 90. Isso representa o

avanço predatório da agroindústria no campo, modernizando as técnicas agrícolas através do uso de maquinário e agroquímicos. Como resultado, há uma generalização da monocultura e o avanço violento sobre os territórios ocupados por PCTs (BUCO; ZADRA; VANDRESEN, 2013).

As demandas industriais inseridas na lógica de mercado – principalmente na fronteira agrícola – tem sido um dos principais responsáveis pela desarticulação dessas comunidades. Todavia, grilagem de terras, usinas de mineração, hidroelétricas, UCs e até mesmo a utilização de seus territórios para espaços de lazer, tem tido impacto profundo na desagregação de áreas historicamente habitadas (BUCO; ZADRA; VANDRESEN, 2013; DIEGUES, 2001; FÖETSCH, 2014; LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005; JÚNIOR; SOUZA, 2009; WEDIG, 2015).

Nesse sentido, é sabido que o reconhecimento legislativo não é suficiente para garantir os direitos e a sobrevivência dos costumes dos moradores de PCTs, uma vez que são deixados à margem das políticas públicas de assistência básica. Isso se aplica particularmente aos estados do Paraná e Santa Catarina, onde a invisibilidade social é uma característica marcante entre os povos e comunidades tradicionais. Diante disso, e da inexistência de censos e estatísticas oficiais, os grupos se articularam e realizaram levantamentos com objetivo de reivindicar sua existência (JÚNIOR; SOUZA, 2009).

Como resultado desses esforços, em 2008 através do Iº Encontro Regional dos Povos e Comunidades Tradicionais, realizado no município de Guarapuava-PR, nasce a Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná, reunindo oito diretrizes compostas por: faxinalenses, ilhéus, quilombolas, pescadores artesanais, indígenas, benzedeiros, cipózeiro(a)s e religiões de matriz africana. Ela tem como pressuposto a aliança desses segmentos culturalmente diversos em defesa de seus direitos a nível político, organizando práticas de resistência em conflitos contra invasores de seus territórios, principalmente agentes agroindustriais (WEDIG, 2015).

A Rede Puxirão como é conhecida, atua em conjunto com outras organizações de cunho social. Entre elas, o Movimento Sem Terra (MST), o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento de Mulheres Camponesas, entre outros. Suas diretrizes também possuem representações segmentadas, como por exemplo, a Articulação dos Povos Faxinalenses (APF), que

tem como função agregar os interesses específicos dos Povos de Faxinais. Através do Centro Missionário de Apoio ao Campesinato (CEMPO), a Rede Puxirão foi capaz de promover uma mobilização em prol da auto cartografia como forma de combate a invisibilidade social. Também, em 2010 articula junto à Assembleia Legislativa do Paraná, um grupo que organiza demandas dos povos tradicionais, com a intenção de construir uma política estadual pertinente (SIQUEIRA, 2015; WEDIG, 2015).

De maneira geral, as demandas solicitavam: o apoio estadual na garantia de seus territórios; repasse direto de verbas de ICMS ecológico; proteção às atividades de subsistência tradicionalmente praticadas; inserção de discussões sobre os PCTs em currículos escolares; reconhecimento formal de autoridades responsáveis em casos de ameaças praticadas contra as PCTs; formação de agentes fiscais das comunidades pelo Instituto Ambiental do Paraná (IAP); apoio governamental ao reconhecimento de identidades coletivas; liberdade para construção e reforma de casas por moradores nativos em UCs; políticas públicas de pesca artesanal; apoio ao auto sustento particular de cada povo; que o Estado cumpra seu papel frente a questão de saúde dos PCTs; que o Estado forneça condições básicas de alimentação, saúde e educação em área de processo de demarcação; igualdade e participação em projetos sociais; promoção do combate ao preconceito e intolerância religiosa; e por fim, apoio a auto cartografia social das PCTs (SIQUEIRA, 2015).

Finalmente, o vínculo entre os povos é fortalecido através de conflitos e antagonistas semelhantes, tendo como principal fator, as questões territoriais. Essas, são provocadas por agentes externos representantes de interesses particulares vinculados a lógica do modo capitalista. Tais agentes avançam sobre territórios ocupados ignorando as particularidades locais, tornando áreas habitadas por PCTs regiões de conflito, ou expulsando moradores de terras que historicamente pertenceram a seus ancestrais. Dessa forma, ressalta a relevância da identidade coletiva como expressão de resistência que apoia a luta pela conservação de práticas e costumes tradicionais (BUCO, ZADRA, VANDRESEN, 2013; WEDIG, 2016).

2.3.2 Comunidades tradicionais de faxinais

É uma definição complexa que abarca uma série de conceitos e acepções sobre o tema. As comunidades de faxinais são próprias das pessoas que reconhecem suas práticas sociais e significados compartilhados. Podem ser referenciados também como: faxinal, faxinalenses, comunidade faxinalense ou povo faxinalense (HOCAYEN DA SILVA, 2015; LÖWEN SAHR, 2008)

Característica da região sul do Brasil, essa forma de organização se estrutura por meio do uso comunitário e compartilhados dos espaços de terra para criação de animais, extração de madeira, erva-mate e agricultura de subsistência. Ao longo da história se mostrou presente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Sendo que atualmente ainda sobrevivem por volta de 50 unidades divididas em 16 municípios que conservam essa configuração. A maioria delas localizadas na região centro-sul do território paranaense. Tendo abrangido até 1/6 do estado, atualmente se encontram em proporções reduzidas (LÖWEN SAHR, 2005; OLIVEIRA, 2008b).

Os modos de produção das comunidades de faxinais se fundamentam principalmente na divisão entre: terras de criar e de plantar (LÖWEN SAHR, 2005). Essas comunidades se distinguem não somente pelo uso singular da terra, mas também pela preservação da memória comum (CAMPIGOTO, 2008). São unidades camponesas que apresentam relação de preservação ao meio ambiente, e suas características autênticas remontam ao período do Brasil colonial. Assim, se apresentam como um cenário de conflito entre os ditames da civilização modernizada de base capitalista, destacada pela a individualidade, o uso indiscriminado da terra e orientação pela racionalidade instrumental. Nelas, são promovidas as práticas, costumes e convenções tradicionais de natureza substantiva, onde sobressaem os valores de cooperação fundamentado no uso comunitários das terras (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005; HOCAYEN DA SILVA, 2015):

Eles podem ser considerados testemunhos de uma identidade socioeconômica, que não deriva da elite dos grandes proprietários. De outro lado são também singulares, pois se caracterizam por um intenso entrelaçamento entre a utilização humana e preservação da natureza, e com isto podem ser interpretados como exemplos de uso sustentável (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p. 90).

Os agrupamentos que utilizam no modo de produção com base na separação entre as terras de plantar e de criar, característicos das comunidades tradicionais de faxinal, são popularmente conhecidos como Faxinais. Esse meio de associação coletiva explora possibilidades entre o uso comunitário e o privado. Desse modo, há consenso na utilização de área comum para pastagem animal, bem como apropriação privada para moradia e plantio. As articulações dentro desse espaço se configuram através da dualidade entre individual e coletivo (BERTUSSI, 2010).

O Sistema Faxinal enquanto PCT é reconhecido legalmente como Áreas Especiais de Uso Regulamentado (ARESUR), conforme o decreto 3446, publicado em 1997:

Entende-se por Sistema Faxinal: o sistema de produção camponês tradicional, característico da região Centro-Sul do Paraná, que tem como traço marcante o uso coletivo da terra para produção animal e a conservação ambiental. Fundamenta-se na integração de três componentes: a) produção animal coletiva, à solta, através dos criadouros comunitários; b) produção agrícola - policultura alimentar de subsistência para consumo e comercialização; c) extrativismo florestal de baixo impacto - manejo de erva mate, araucária e outras espécies nativas (PARANÁ, 1997).

Contudo, destaca-se também as distinções culturais e religiosas postas em prática dentro desse sistema. Benatte, Campigoto e Carvalho (2011), chamam a atenção para o espaço tradicional particular desse contexto. Estão envolvidos saberes medicinais conhecidos como “benzeduras”, curas, devoções, rezas e celebrações particulares à cultura faxinalense. Todos eles importantes no cotidiano da vivência em comunidade. A questão cultural é relevante, pois constitui parte da identidade faxinalense.

Benatte, Campigoto e Carvalho (2011), trazem considerações pertinentes sobre a descrição desse sistema: trata-se de um meio de utilização em comum de terras cercadas, utilizada para a criação de animais de diferentes espécies, equinos, suínos, caprinos, bovinos e ovinos. Ficam soltos nas imediações desses espaços, nas proximidades das residências, onde dessa forma, os animais criados soltos se alimentam de frutos da vegetação local, podendo ser suplementados em caso de necessidade. Nas áreas de entrada e saída do criadouro, são construídas pontes sobre o terreno seco, e elas intercalam pranchas de madeira estreitas criando pequenos vãos. Esse artefato é conhecido como “mata-burro”, e tem por finalidade afastar os animais da área de fora do cercado. Assim, não há necessidade de

porteiras, o que facilita o transito de pessoas. Já as terras de plantar, são localizadas fora do espaço de criação. Podendo ser propriedade legal daquele que as utiliza ou arrendadas. Destacam-se nesse sistema a produção de erva mate e a criação de porcos (BENATTE; CAMPIGOTO; CARVALHO, 2011; HOCAYEN DA SILVA, 2015).

O criadouro comum de animais geralmente se encontra em terrenos levemente ondulados e nas proximidades de rios, possibilitando o pastoreio extensivo. Já as terras dedicadas ao plantio, normalmente se encontram em relevo íngreme, afastadas da criação, pois são reconhecidos como terrenos férteis que permitem a agricultura. São também, singularmente inseridos em áreas de predominância de matas de araucárias (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005; NOVAK; FAJARDO, 2008).

O termo “Faxinal” no passado fora utilizado pelos caboclos nativos como maneira de mencionar a vegetação típica, se referindo a ela como “mata rala” (FRANCESCONI, 2000; NOVAK; FAJARDO, 2008). No contexto dos locais de criação, o Faxinal associa-se com “faxina”, devido ao resultado da alimentação dos animais nos bosques (CARVALHO, 1984; HOCAYEN DA SILVA, 2015). A distinção importante a ser feita com relação ao termo Faxinal é, primeiro no sentido que se refere a vegetação, e de outra forma, conforme utilizado pelos moradores, referindo-se ao espaço de criadouro comunitário (NOVAK; FAJARDO, 2008).

As comunidades faxinalenses conforme apontam Löwen Sahr (2008), e Hocayen da Silva (2015), tem como princípio o modo criação de animais soltos, áreas de uso comum e o extrativismo de recursos da terra, sobressaindo a associação à racionalidade substantiva. Dessa forma, o que predomina é o valor de uso em detrimento do valor de troca, permitindo a manutenção do meio ambiente para as gerações futuras. Por esse motivo, é possível identificar nesse sistema uma forte conexão com os valores tradicionais e de comunidade.

Tudo indica que o impacto ecológico do Sistema Faxinal é muito menor do que o provocado pela agricultura moderna. Desta forma, o Sistema Faxinal, como exemplo especial de multifuncionalidade da agricultura, deve ser abordado não apenas por critérios econômicos e produtivistas, mas principalmente pelo que significa em termos culturais e ambientais (LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005, p. 102).

Para Tavares (2005), os principais fatores que representam esse sistema – a produção animal; a policultura alimentar; e a coleta de erva mate – a distingue de

qualquer outra organização de produção camponesa no Brasil. Essa afirmação é sustentada pelo caráter coletivo da comunidade. É único o uso de terras em termos de cultivo e de produção comunitária por meio dos criadouros.

É também única, conforme observam Vizeu, Seifert, Hocayen Silva (2015), sua fundamentação em um código de convivência compartilhado, sendo construído pelos princípios da tradição local e da comunidade. Isto implica que há uma série de normas aceitas, com a função de regular o que deve ou não ser feito nas práticas comunitárias e no uso da terra.

Nesse sentido, historicamente um corpo próprio de lideranças era definido por intermédio comunitário dentro do faxinal. Eles assumiam papéis como Inspetor de Quarteirão, Inspetor Municipal e líder político. As funções exercidas nessas posições, representavam autoridade no cotidiano dos moradores, amparadas por princípios morais e religiosos (NERONE, 2000). Entretanto, a participação dos próprios moradores em resolução de conflitos é notável. Como apontam Novak e Fajardo (2008), muitas vezes os conflitos diretos eram resolvidos pela interferência dos residentes, sem intervenção externa alguma.

A relação comunitária pode ser observada também pela prática do “puxirão”. Trata-se de um evento recorrente no contexto faxinalense, onde moradores se reúnem para realizar tarefas em menor tempo e esforço. O puxirão, ou “mutirão” como também é conhecido, é essencialmente uma prática solidária e coletiva, normalmente associada com a construção de casas e trabalho na colheita. Dessa forma, os moradores reforçam os laços sociais e criam ciclos de ajuda em função das necessidades. O final das atividades do puxirão é marcado por bailes e comemorações. Os indivíduos que não participavam do trabalho desgastante mas compareciam nas celebrações, eram chamados de *carancho* e deveriam contribuir com uma taxa para o benefício da comunidade. Uma forma social de inserir punição ao comportamento individualista (BRANDT; CAMPOS, 2008; HAURESKO, 2011; HOCAYEN DA SILVA, 2015; NERONE, 2000).

De maneira geral, apesar da grande quantidade de fatores que envolvem a constituição do sistema faxinal. Chama a atenção seu modo distinto de uso da terra. Este é caracterizando por sua apropriação coletiva, muito embora, legalmente podendo se encontrar sob regime privado. Suas atividades, ao contrário da agroindústria, não produzem danos de larga escala. A organização social própria

desse contexto constitui um cenário culturalmente rico, dando forma a uma infinidade de práticas místicas associadas à relação com os animais, as pessoas e a terra. Entre elas, o “benzimento”, a cura por meios medicinais tradicionais da região e a devoção a santos. Enfatizando que, a dinâmica desse ambiente depende de uma lógica de não propriedade, onde o acesso à terra deve ser coletivo e regido pela aceitação do indivíduo como parte da comunidade (BENATTE; CAMPIGOTO; CARVALHO, 2011; LÖWEN SAHR; CUNHA, 2005; NOVAK; FAJARDO, 2008; TAVARES, 2005; VIZEU; SEIFERT; HOCAYEN DA SILVA, 2015).

2.3.3 Breve contextualização histórica

Há divergências a respeito da origem das comunidades faxinalenses. Esse sistema compreende uma variedade de etnias historicamente habitantes dos faxinais, onde entre elas estão: caboclos, indígenas e imigrantes europeus como alemães, poloneses e ucranianos (TAVARES, 2008). No que tange a constituição histórica, há pelo menos três vertentes que investigam o delineamento da gênese dos faxinais (HOCAYEN DA SILVA, 2015).

A primeira delas associa as práticas desse modo de vida com elementos trazidos pelas Reduções de jesuítas espanhóis no século XVI. Nesse sentido, as características da organização faxinalense teriam sido resultado da herança cultural da vida comunitária importada da Europa, sendo de tal forma incorporada e adaptada pela cultura indígena local. Após a evasão espanhola, os costumes praticados acabaram sobrevivendo e originando os moldes do sistema, sendo ameaçados a partir da metade do século XIX pela expansão de latifundiários avançando sobre suas terras (LÖWEN SAHR, 2008; TAVARES, 2005).

Uma segunda perspectiva histórica, afirma que a ascensão do mercado de erva mate no estado do Paraná, tem ligação direta com as comunidades faxinalenses. Essa é argumentada pelo fato de que a formação desse sistema remonta ao século XIX, sendo possibilitada pela necessidade de mão de obra para atividades de agropecuária e extração. Nesse sentido, a chegada dos imigrantes europeus no Brasil entre 1892 e 1910, fomentou a colonização de áreas da região para atividades de subsistência. Assim, sendo considerado de extrema relevância o papel dos ucranianos, poloneses, alemães, caboclos, entre outros, no que tange as atividades típicas do faxinal (NOVAK; FAJARDO, 2008).

A partir dessa visão, os primeiros faxinais teriam sido grandes áreas de terra cedidas legalmente como propriedade de uma família específica, a qual transferia seu nome a comunidade. Ex: Faxinal dos Andrades, Faxinal dos Ferreiras, etc. As demais famílias cerceavam a área organizando o espaço de criação em comum. Nesse caso, trata-se de um sistema de servilidade, onde os camponeses ajudariam com o cultivo da erva mate e limpeza dos bosques. Destaca-se o desenvolvimento de um sistema de ajuda mútua entre os moradores baseado na solidariedade. Dessa forma, cabia ao proprietário a autoridade de exercer as funções de contato político e religioso, caracterizando-se pela dependência à família proprietária (NOVAK; FAJARDO, 2008).

Um terceiro ponto de vista afirma que, a quantidade de proprietários sobre a terra era variada, nem sempre detendo a posse legal. Originalmente organizado pelos caboclos e posteriormente envolvendo os imigrantes, essa conjuntura se notabiliza pela autoridade daqueles que exerciam atividades religiosas e de cura. Os excedentes da produção de erva mate eram distribuídos entre a comunidade, relegando seu valor comercial a complementar. Se denominavam principalmente por elementos dominantes da vegetação local. Ex: Marmeleiro, Taquaral. A resolução de conflitos ficava a cargo dos próprios moradores baseados na moral religiosa (NOVAK; FAJARDO, 2008).

A história dos faxinais é complexa. O que se pode observar através de qualquer vertente é que se evidencia a singularidade desse modo de organização. Não somente chama a atenção o modo criação de comunitária e a manutenção de saberes tradicionais, mas, especificamente o fato de que ao longo dos séculos, eles vem se mostrando um ambiente dinâmico e integrativo, reunindo diferentes etnias e práticas próprias. É fato que o faxinal se constitui como território multicultural amplo. Entretanto, apesar de sua multiculturalidade e práticas de cunho comunitário e substantivo, vêm ocorrendo uma série de conflitos internos e externos que tem afetado os moradores. Dessa forma, resultando na desarticulação e até mesmo extinção dos faxinais (HOCAYEN DA SILVA, 2015; LÖWEN SAHR, 2008).

2.3.4 Desarticulação dos faxinais

Nas últimas décadas, tem-se observado que os faxinais têm tido dificuldades quanto a sua manutenção. Parte dos aspectos culturais e comunitários

vem sendo violados por agentes externos conduzindo a desarticulação e extinção de comunidades. Nesse sentido, destaca-se o avanço das empresas de produção agrícola, que invadem suas terras, afastam os moradores e provocam o abandono da agricultura de subsistência. Em alguns casos ocorrem atos de violência como destruição de porteiras, cercas, mata burros e matança de animais, resultando no enfraquecimento dos preceitos tradicionais (HOCAYEN DA SILVA, 2015; LÖWEN SAHR, 2008; RAUPP; MARTINS, 2008).

Conforme Grzebieluka, Löwen Sahr (2009), a expropriação de capital e a intensificação do uso de tecnologia trouxeram obstáculos à reprodução do sistema faxinal.

Não tendo data precisa nem o principal agente desagregador, as estruturas dos faxinais começam a romper a partir do momento em que forças capitalistas adentram as terras desta organização camponesa; estas forças capitalistas dedicam-se a exploração de mão de obra barata e a comercialização de produtos de fabricação artesanal, muitas vezes em função de um rendimento mínimo, exploram e degradam o modo simples de viver destas comunidades (GRZEBIELUKA, LÖWEN SAHR, p. 41, 2009).

Como apontam Novak, Fajardo (2008), tendências para fragmentação do sistema começam a ocorrer a partir da década de 30 do século XX. Esse fenômeno se justifica pelo declínio da comercialização de erva mate em função da perda de qualidade. Posterior ao fim do ciclo ervateiro, a extração de madeira a substitui como atividade de retorno econômico. Entretanto, essa prática culmina na devastação das matas e perda das propriedades rurais. Dessa forma, as terras de faxinais foram aos poucos sendo cedidas à latifundiários ou sendo repassadas a herdeiros. Aos poucos, incorporadas aos ditames do agronegócio (HOCAYEN DA SILVA, 2015).

No contexto dos dias atuais, esse processo continua acontecendo. As terras de faxinais têm sido cada vez mais reduzidas. Conforme relata Föetsch (2014, p. 129-130) se referindo ao Faxinal do Emboque em São Mateus do Sul no Paraná: “Isso (desagregação) se evidencia na diminuição da extensão territorial do mesmo que passou de dois mil alqueires – segundo os depoimentos e entrevistas – para 166,076 alqueires”.

A autora ainda ressalta a ligação desse fato à pressão exercida pelo sistema capitalista. Somado ao tardio reconhecimento político, que evidencia a condição de invisibilidade social enfrentada pelos faxinalense e PCTs de modo geral.

Na prática, elementos centrais para a existência dos faxinais podem se encontrar em estado de precarização. Alguns exemplos são: cercas em mal estado de conservação; disfunções sanitárias; áreas de pastagens insuficientes para a quantidade de animais; limitações quanto ao investimento em mudas de plantas; ausência de reposição de árvores frutíferas nativas; inexistência de alimentação suplementar aos animais; deficiência no controle de ervas daninha; e conflitos internos a respeito da manutenção dos criadouros comunitários (ALBUQUERQUE, 2000; HOCAYEN DA SILVA, 2015).

Os impactos do desenvolvimentismo afetam diretamente os meios de produção nesse sistema. O uso comum da terra é ameaçado pela privatização dos espaços de criadouro de animais. Isso ocorre devido a medidas de proteção à propriedade privada, como o cerceamento de áreas antes livres para circulação dos animais, de modo a causar disfunções na base da organização do faxinal. Entretanto, a redução da área de criação não significa necessariamente a desarticulação das comunidades como um todo, haja vista que, pequenas quantidades de terra em regime comunitário já permitem a coexistência entre as práticas produtivas de subsistência e as orientadas para o agronegócio (VIZEU; SEIFERT; HOCAYEN DA SILVA, 2015; LÖWEN SAHR, 2008).

Essa perspectiva é corroborada por Souza (2010), o qual enfatiza que a incorporação de sistemas produtivos integrados ao agronegócio, não é necessariamente suficiente para destituir a prevalência do uso comum. Nesse sentido, as comunidades faxinalenses se encontram “[...] numa aparente amálgama que resulta das relações intersociais, sem, contudo, resultar na pretensa assimilação ou aculturação dos agentes faxinalenses [...]” (SOUZA, p. 256). Com base nisso, apresentou uma proposta de classificação dos faxinais. Procurando dessa forma, contribuir para o mapeamento social. Assim, os classificou da seguinte forma:

Faxinais com uso comum - “criador comum aberto”: animais são criados soltos, tendo acesso a uma extensa quantidade de terra. Dessa forma, podendo acessar pastagens e recursos hídricos livremente (SOUZA, 2010).

Faxinais com uso comum – “criador comum cercado”: os animais são criados em área demarcada. Se utilizam telas, arames, valas, e barreiras naturais nos limites do espaço. Sendo essa a modalidade a mais utilizada, preserva o uso comum por todos os moradores (SOUZA, 2010).

Faxinais com uso comum – “criador com criação grossa ou alta”: Se caracterizam por espaços de uso comum somente para “criação alta” – cavalos, vacas – mantendo os animais de pequeno porte em redutos familiares. É visto como uma descaracterização do que no passado, havia sido um criadouro comum aberto ou cercado (SOUZA, 2010).

Faxinais sem uso comum – “mangueirões ou poteiros”: área comum restrita somente ao domínio familiar. Mantido pela identificação com os costumes e tradições (SOUZA, 2010).

As classificações dos faxinais não os resumem em organizações fixas, mas evidenciam o dinamismo e a flexibilidade com a qual interagem com o ambiente externo. Além disso, o modo de produção baseado no criadouro comum de animais, bem como as práticas de cultivo de subsistência, aponta para um estilo de vida adaptado à disposição dos recursos. Haja visto que não se tratam de práticas produtivas de alto impacto ambiental, sua existência ao longo séculos segue permitindo a conservação das principais características geográficas, de produção e do ambiente. Entretanto, é necessário levar em consideração que o avanço da urbanização e a consolidação do pensamento guiado pela racionalidade instrumental, tem gerado consequências a tradição faxinalense, de tal forma com que esse ambiente possa ser caracterizado enquanto uma arena de conflito entre a prevalência dos hábitos tradicionais de ordem substantiva e a crescente demanda por modernização (LÖWEN SAHR, 2008; SOUZA, 2010; VIZEU; SEIFERT; HOCAYEN DA SILVA, 2015).

Esta relação dialética se instaura como contraposição entre o “tradicional” e “moderno”. Todavia, a consideração desta oposição tem o sentido de oferecer subsídio para que se possa reconhecer tanto os elementos guiados por uma racionalidade substantiva, quanto a lógica alinhada ao pensamento instrumental, de modo com que as tensões entre ambos sejam reconhecidas. Sendo assim, destaca-se que, as comunidades faxinalenses observadas enquanto organização, não deve ser considerada fixa em um tipo particular de racionalidade, mas como arenas que refletem uma dinâmica de constante adaptação (LÖWEN SAHR, 2008; VIZEU; SEIFERT; HOCAYEN DA SILVA, 2015).

Esta sessão procurou revisar o conhecimento teórico a partir de trabalhos acadêmicos que dizem a respeito aos povos e comunidades tradicionais, as

comunidades tradicionais de faxinais, sua contextualização histórica e o fenômeno de desarticulação dessas comunidades. A seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados no decorrer dessa pesquisa.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse capítulo apresentará o delineamento da pesquisa e suas etapas, a contextualização do ambiente de investigação, os procedimentos de coleta de dados, a aproximação do pesquisador ao campo, os procedimentos analíticos e as limitações e aspectos éticos envolvidos na condução da pesquisa.

3.1 Delineamento da pesquisa

Esse estudo pode ser considerado uma pesquisa qualitativa, pois explora o uso de palavras em detrimento de quantificação no processo metodológico, não sendo tratado como objetivo a generalização de caráter amostral (BRYMAN; BELL, 2004). Em estudos dessa natureza, o pesquisador se preocupa com uma aproximação ao campo de estudo sem a demanda de estabelecer uma hipótese *a priori* (GODOY, 1995). Sendo assim, o estudo que se denomine qualitativo tem por pressuposto básico a experiência do pesquisador no mundo. Leva em consideração toda a historicidade que permeia o contexto investigado, de forma com que as práticas possam ser explicitadas através do conteúdo da pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Estudos de cunho descritivo têm como premissa descrever uma imagem confiável do perfil dos sujeitos envolvidos, das práticas relevantes e dos eventos que dizem respeito ao enfoque de estudo, assumindo a importância da delimitação do fenômeno estudado (SOUNDERS; LEWIS; THORNHILL, 2009). Nesse caso, o processo de descrição é imprescindível para que seja possível destacar os elementos particulares do campo.

No que diz respeito à pesquisa exploratória, se entende que contempla o contato direto com as pessoas envolvidas no fenômeno, permitindo dessa forma a participação em atividades e práticas, bem como o acesso a informações específicas relevantes. Tudo isso, de maneira a autorizar uma abordagem menos formalizada, ainda que, assumindo a possibilidade da produção de relatos consideráveis para o campo científico (BRYMAN; BELL, 2004).

Portanto, trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória de caráter indutivo. Essa postura ressalta a particularidade social da construção de significado e pode ser apropriado para a interação entre o pesquisador e o campo. Isso envolve a

reunião de informações a respeito do ambiente empírico e o detalhamento da relação com os participantes para posteriormente agrupar conceitos em temas e/ou categorias. A partir disso é possível discutir com amplitude teórica as experiências em questão e sua possibilidade de contribuição para a literatura adequada (CRESWELL, 2007).

O processo de pesquisa por via indutiva pode ser aplicado para estudos de caso. Conforme Bryman e Bell (2004), um estudo de caso se distingue em razão da preocupação do pesquisador em trazer à tona especificidades puramente características do campo. É recomendável que a seleção do caso seja realizada com base em sua unidade e que contenha um sistema delimitado com elementos que se relacionem (STAKE, 2011). Em vista disso, os procedimentos de coleta ocorreram em duas comunidades tradicionais de faxinais. Trata-se de cruzar informações obtidas em cada um dos casos e compará-las, sendo, portanto, um estudo de caso comparativo.

Pode ser considerado um estudo de corte transversal, pois estabelece o evento de coleta de dados em um momento específico do tempo (KUMAR, 2005). Ainda que os antecedentes da organização faxinal forneçam a estrutura dos meios de produção, essa pesquisa se deteve a observar os relatos históricos somente na medida em que eles espontaneamente foram sendo apresentados durante a coleta de dados. Isto é, o enfoque central se limitou a dados emergentes nas visitas realizadas para esta finalidade, sem dispor de um cruzamento e averiguação de dados históricos em maior profundidade.

Quanto ao nível de análise, pode-se dizer que é organizacional, pois compreende as dimensões sociais de produção e trabalho como principal nível analítico (BRYMAN; BELL, 2004). Buscando a compreensão do modo de criação de porcos e de organização dos ambientes investigados.

3.2 Etapas da Pesquisa

Esse estudo foi construído em cinco etapas. Na primeira delas, foi realizada uma aproximação temática através de buscas em conteúdo disponível na internet. Foram observados documentos audiovisuais e pesquisas científicas, no intuito de familiarizar-se com as Comunidades Tradicionais de Faxinais. Em seguida, foi

iniciada a revisão de literatura, contemplando estudos teóricos e empíricos que tratassem do tema.

A segunda etapa teve como objetivo a seleção dos casos investigados. Foi estabelecido que as organizações pesquisadas fossem o Faxinal do Papanduva de Baixo e o Faxinal Emboque. A opção por esses ambientes de estudo foi tomada com base no exame de dados secundários, e na indicação realizada por contatos do pesquisador. Em ambos os contextos escolhidos para investigação, foi realizada uma visita preliminar, onde se buscou aclimatação e a afinidade com moradores da região.

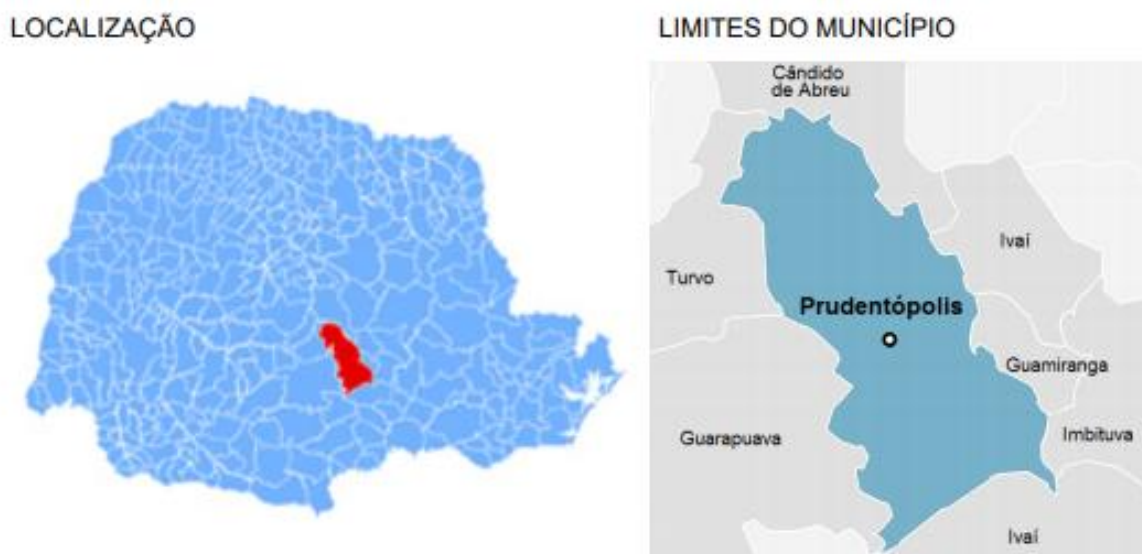
A terceira etapa diz respeito a aproximação de campo com o intuito de coletar dados. Foram realizadas visitas, entrevistas, observação participante e um período de imersão no Faxinal Emboque. Os procedimentos de coleta e a agenda de campo dessa pesquisa serão apresentados em detalhes nas sessões 3.4 e 3.5 respectivamente.

A quarta etapa consistiu na análise dos dados coletados, procurando compreender a técnica de criação de porcos nos faxinais. Em um primeiro momento, foi realizada a apresentação em profundidade das organizações estudadas; em seguida, foi descrito de que modo ocorre a criação de porcos que é tradicional nas comunidades de faxinais; na sequência, as atividades realizadas nesse modo de produção, foram analisadas a partir do conceito de técnica, da oposição entre operação e fenômeno técnico e dos caracteres da técnica (ELLUL, 1968); em seguida, a cultura foi destacada como elemento estruturante dos faxinais investigados, com intuito de aprofundar a compreensão a respeito da tradição em organizações tradicionais.

A quinta e última etapa realizada nessa pesquisa, tratou de compilar e apresentar as principais conclusões obtidas nesse estudo e as contribuições teóricas para área de Administração.

3.3 Contextualização do ambiente de investigação

O estudo em questão trata do contexto de dois faxinais localizados no estado do Paraná. O Faxinal do Papanduva de Baixo e o Faxinal do Emboque. O primeiro, na cidade de Prudentópolis, localizada na região centro-sul do estado. Na figura 2 a seguir, pode-se observar a localização e os limites do município:

Figura 2 - Município de Prudentópolis

Fonte: IPARDES (2019).

Essa comunidade tradicional de faxinal encontra-se na região rural a aproximadamente 25 km do centro da cidade. É reconhecida oficialmente como ARESUR, sendo que, informações sobre sua área total não foram encontradas no site oficial do IAP. Entretanto, na página oficial da Câmara Municipal de Prudentópolis consta área total do território, correspondente a 1.340,0 ha (hectares), ou o equivalente a aproximadamente 553,0 alqueires paulistas (PRUDENTÓPOLIS, 2011).

O presente estudo trata também do Faxinal do Emboque, que está localizado na região sudeste do estado do Paraná, no município de São Mateus do Sul, na divisa com o estado de Santa Catarina e municípios como Paulo Frontin, Mallet, Rio Azul, Rebouças, São João do Triunfo e Antônio Olinto. A localização pode ser vista na figura 3, a seguir.

Figura 3 - Município de São Mateus**LOCALIZAÇÃO****LIMITES DO MUNICÍPIO**

Fonte: IPARDES (2019).

A região pertencente a comunidade de faxinal encontra-se a 11,4 km da área central do município de São Mateus do Sul, estando aproximadamente a 167 km da capital Curitiba. Reconhecido legalmente através da lei municipal nº 1.780 de 2008, como espaço de uso comum de terras do Faxinal do Emboque.

1.780/08 - Dispõe sobre o processo de reconhecimento dos faxinalenses e dos seus "Acordos Comunitários", que regulamentam a construção e manutenção das cercas e tapumes dos faxinais e proíbem a colocação de fechos em áreas de uso comum, nas localidades que tiverem criador comunitário no sistema Faxinal no Município de São Mateus do Sul, Estado do Paraná, e dá outras providências (SÃO MATEUS DO SUL, 2008).

Da mesma forma, consta regulamentado pelo IAP como ARESUR com território total de 166,0766 ha (IAP, 2009).

O Faxinal do Emboque conta com presença notável de mata nativa. Naturalmente, incluindo as tradicionais araucárias e a erva mate, as quais são elementos centrais para manutenção do sistema. A área de criadouro comum onde os animais circulam livremente apresenta vegetação rasteira menos densa, característica dessa modalidade (FÖETSCH 2014). O mesmo pode ser observado quanto ao Faxinal do Papanduva de Baixo.

Föetsch (2014) identificou, conforme relato dos moradores, que o sistema faxinal teria começado próximo ao ano de 1890. Inicialmente abrangendo algumas

localidades próximas, como: Rosas, Costão, Fartura do Potinga, Turvo e Paiol Grande, totalizando uma área próxima de 2.000 ha. Entretanto, como observado, vem passando por processo de desagregação, que está relacionado ao reconhecimento político tardio e o estímulo ao uso de agroquímicos na década de 70. Ainda assim, é preservado o aspecto central para a organização do território faxinalense: a distinção entre terras de criar e terras de plantar.

Não foram encontrados estudos que abordem a história do Faxinal do Papanduva de Baixo. Ainda assim, conforme relatos dos moradores entrevistados para essa pesquisa, é conhecido que os primeiros colonizadores chegaram a região a partir de 1938, sendo famílias imigrantes vindas da Europa. Até os dias atuais, a região é habitada por descendentes dessas etnias: ucranianos, italianos e poloneses, em maioria. Sabe-se também que, a área total desse território diminuiu consideravelmente nos últimos anos. Segundo relatos, há menos de duas décadas, a extensão da localidade chegava ao dobro do que é atualmente.

Em ambos os casos, existe utilização de terras para plantio, contando com ampla policultura alimentar, envolvendo o plantio básico de: arroz, feijão, milho e batata. Além disso, pode-se averiguar a existência de hortas familiares, onde se cultivam alimentos e ervas medicinais. Quanto as terras de criação, predomina o trato de porcos, sendo observados também, cavalos, aves, cabritos e gado. As minúcias comparativas serão abordadas em maiores detalhes a partir da sessão 4, a qual aborda os resultados obtidos neste trabalho.

3.4 Procedimentos de coleta de dados

Os procedimentos de coleta de dados ocorreram por via de dados primários e secundários. Os secundários foram utilizados como meio de familiarização a natureza do campo. A busca pelo material aconteceu orientada pela disponibilidade do conteúdo em plataformas online. Entre os materiais observados encontram-se: livros, trabalhos científicos, material audiovisual e reportagens. Esse material foi utilizado para o conhecimento prévio sobre os faxinais e para compreender como esse assunto vem sendo apresentado pela mídia. Já em relação aos trabalhos científicos que abordam o assunto, parte pode ser aproveitada como referencial teórico nessa dissertação.

Os dados primários foram coletados por meio de visitas aos faxinais estabelecidos como locais de estudo. A escolha das comunidades mencionadas nesse trabalho, foi feita em função da facilidade de aproximação das mesmas. No caso do Papanduva de Baixo, o contato inicial foi intermediado por uma pessoa conhecida na região, sendo seu núcleo familiar formado por ex-moradores da localidade. O mesmo participou da primeira visita de campo mostrando a estrada de acesso até a comunidade e apresentando habitantes locais. No caso do Faxinal Emboque, moradores dessa localidade já faziam parte da lista de contatos do pesquisador orientador desse trabalho. A primeira aproximação com o campo ocorreu a partir do agendamento de uma visita onde os moradores nos receberam para um almoço e passeio pela região.

Quanto as técnicas de coleta utilizadas para a obtenção de dados, foi empregue a observação participante em atividades do cotidiano envolvendo a criação de animais, visitas a lavouras, atividades de lazer como rodas de chimarrão, passeios e colaborações na pesagem e transporte da colheita. Além disso, foram realizadas anotações de campo e entrevistas não estruturadas e semiestruturadas⁵.

No caso do Papanduva foram realizadas 5 visitas, enquanto que no Emboque, houve uma visita e um período de imersão entre os dias 21 e 23 de novembro de 2019, onde o pesquisador ficou hospedado na residência de famílias locais. A intenção de aproximações do campo fora a de manter o contato o mais orgânico possível, dispensando formalidades que pudessem ser motivo de desconforto aos participantes da pesquisa. Por esse motivo, os dados obtidos são oriundos de uma mescla entre anotações de campo, gravações de entrevistas e participação em atividades cotidianas.

O foco dos procedimentos de coleta foi a integração a realidade local, mediante as limitações dessa possibilidade, optando pela dispensa a qualquer tipo de procedimento mecânico de coleta, buscando através dessa postura evitar formalismos desnecessários.

⁵ Consistiu em pedir ao entrevistado que explicasse o que é um faxinal; e questioná-lo por qual motivo os animais ficam soltos.

3.5 Aproximação de campo do pesquisador

Esta sessão relata em profundidade a aproximação de campo realizada pelo pesquisador. Tem por objetivo aumentar a transparência do processo de coleta de dados (BAUER; GASKELL, 2002). Os pressupostos estabelecidos para esses procedimentos buscaram dar prioridade a um contato que reduzisse formalizações e mantivesse os participantes em zona de conforto.

A prática de coleta no Papanduva de Baixo se deu a partir de 5 visitas. A primeira delas realizada no dia 28 de setembro de 2019, onde houve o primeiro contato com o campo. Uma pessoa convidada se encarregou de mostrar o caminho de acesso ao faxinal e apresentar local de maneira geral. Nesta ocasião não houve gravação de entrevistas, entretanto, houveram diálogos com moradores e anotações de campo. A princípio paramos em uma residência para pedir água e fomos convidados a nos juntar a uma reunião casual que ocorria na varanda. Na sequência, visitamos um bar localizado na entrada do faxinal, onde procuramos informações sobre um residente local conhecido. Por fim, fizemos uma visita a sua residência onde conversamos com ele e seu filho.

A segunda visita aconteceu no dia 13 de outubro de 2019, a princípio realizando uma caminhada pela estrada principal à procura de pessoas interessadas em colaborar com a pesquisa. Em determinado momento fora avistada uma residência onde pessoas se reuniam em uma roda de chimarrão na varanda. Não manifestaram interesse em participar da pesquisa, mas, indicaram como sugestão o caminho para outra residência onde outros moradores poderiam ser encontrados.

Acatando a sugestão, a referida casa fora localizada e uma senhora se dispôs a gravar entrevista. Na sequência indicou que deveríamos procurar por seu marido que deveria estar na estrada, a caminho de casa. Assim, conforme dito, ele foi localizado, pilotando sua bicicleta. Nos estabelecemos na beira da estrada e conversamos aproximadamente uma hora. Ao final do diálogo, houve convite para visitá-lo durante a semana para um café da manhã.

A terceira visita ocorreu no dia 16 de outubro de 2019 como desdobramento da segunda. Chegando por volta das 5h10, fomos recebidos pelo casal de moradores e convidados a entrar e participar do café da manhã em conjunto. Após isso, partimos em outras atividades orientadas pelo senhor Sr. C. que realizou convite para tratar de seus animais, conhecer as imediações de sua residência e

observar os elementos da paisagem local. Depois disso, voltamos para continuar a conversa dentro de casa, onde, próximo ao horário de almoço nos despedimos.

A quarta visita ocorreu no dia 22 de outubro de 2019, onde sob indicação do Sr. C. fora marcada entrevista com o presidente da associação de moradores do Faxinal, o qual já se encontrava no aguardo da realização da referida entrevista. Ele apresentou um morador local, funcionário da associação encarregado de operações de cobrança, e operações de manutenção. Mostrou a estrutura da associação e em seguida começamos a reunião. Ambos falaram sobre questões referentes ao faxinal. Antes da finalização, indicou moradoras que poderiam contribuir com seus relatos para a pesquisa.

A quinta visita aconteceu no dia 11 de fevereiro de 2020. No início, fomos ao bar procurar informações das pessoas indicadas e em seguida procurar pela casa das moradoras em questão. No caminho para esse local, conhecemos uma residência onde houve entrevista com a proprietária. Na sequência, localizamos as moradoras previamente sinalizadas e recebemos convite para realizar a entrevista, enquanto ajudávamos a separar feijões que seriam cozidos para o jantar. Em seguida, sugeriram que procurássemos outra pessoa que poderia contribuir para a pesquisa. Acatando a sugestão, procurávamos pelo local indicado quando houve a abordagem de um senhor que trabalhava roçando seu terreno. Ele deliberadamente demonstrou interesse em contribuir com seu relato para a pesquisa. Por fim, tomamos o destino sugerido, onde mais uma entrevista pode ser realizada.

Ao todo foram realizadas cinco visitas que produziram dados a partir de diálogos, entrevistas, anotações de campo, bem como a participação em atividades cotidianas. Totalizando 4 horas, 59 minutos e 19 segundos em gravações de áudio e mais de 50 fotografias.

No Faxinal Emboque, a primeira visita ocorreu no dia 9 de outubro de 2019, onde logo após a chegada fomos recebidos pela família W. Adentramos sua residência, nos reunimos para uma roda de chimarrão e conversa na varanda. Na sequência, fomos convidados a conhecer as instalações de armazenagem de equipamentos e grãos de propriedade da família. Posterior a isso, conhecemos parte do terreno de faxinal nas proximidades, no qual em caminhada foi possível observar árvores nativas antigas e ouvir histórias sobre o local. Por fim, participamos do almoço.

O evento seguinte de visita ao campo ocorreu entre os dias 21 e 23 de novembro de 2019, durante esse período foi possível um período de imersão. Foi permitido ao pesquisador ficar hospedado junto a família de moradores locais. Parte das atividades realizadas será descrita a seguir.

A chegada aconteceu no dia 21 por volta das 15 horas, onde fui recebido pela Sra. Q. em sua residência e houve gravação de entrevista. Próximo as 16 horas, foi feita uma caminhada na rua principal da região para observar o ambiente. Após o retorno, o Sr. E. chegava do trabalho na lavoura e logo em seguida gravamos entrevista com sua participação. Entre 19 e 20 horas, fui conduzido até a residência da Sra. F do Sr. I. Fui convidado para o jantar, quando a filha do casal se juntou a mesa. Logo em seguida, houve gravação de entrevista.

Na manhã seguinte por volta das 6h50, nos dirigimos até a área externa da residência onde foi possível acompanhar o tratamento dos animais. Foram observadas outras áreas da residência como o paiol, que além de estocar alimentos, também serve como espaço para artesanato. Também, as produções artísticas da Sra. F. foram observadas, e em seguida nos dirigimos até o seu quintal, o qual possui ampla variedade de plantas medicinais e alimentos.

Por volta das 11 horas, fui encaminhado até a sede da associação de moradores local, conhecida como “Cozinha das Mulheres”. Fui recebido pelas senhoras que ali trabalhavam. Foi possível observar a produção de pães e cucas enquanto era encarregado de preparar o chimarrão, atividade que ocorria em paralelo a produção dos alimentos. Na sequência, almoçamos em conjunto ao passo em que ouvia relatos sobre a organização da cozinha.

Pouco após as 13 horas, retornei até a residência da família W. onde era aguardado pelo Sr. H e Sra. K. para gravação de entrevista. Aproximadamente 16 horas, me dirigi até a lavoura do Sr. G. para acompanhar o trabalho. Me foi permitido ajudar em tarefas pequenas, enquanto dialogava com as demais pessoas ali presentes. Na sequência, embarcamos de carroça e retornamos até o paiol da família W. onde haveria o descarregamento das batatas. Em seguida, perto das 19:30, participei de reunião familiar na varanda da casa dos Srs. H. e Q. onde houve gravação de entrevista e pernoite.

Na manhã seguinte, o Sr. G. conduziu um passeio pela área do Faxinal. Foram apresentados os terrenos de sua propriedade, suas lavouras, bem como de

seus familiares e amigos mais próximos. Em seguida, nos dirigimos até a sua residência e nos instalamos na varanda, observamos a mata próxima e os pássaros enquanto tomávamos o chimarrão. Fora gravado entrevista na presença de sua irmã e sua esposa. Na sequência fui convidado para o almoço. Por volta das 13h30 me despedi do Sr. G. e de sua família e logo após, dos outros moradores que me receberam, deixando o Faxinal do Emboque por volta das 14h30.

Ao todo, entre gravações de entrevistas e diálogos, 11 horas e 45 minutos foram registradas por meio de áudio. Além disso, foram tiradas aproximadamente 100 fotografias no local.

3.6 Procedimentos analíticos

Com relação a análise dos dados, foi realizada a releitura de anotações no intuito de analisar informações de destaque, somado a escuta na íntegra das gravações realizadas. Nesse primeiro contato não houve a intenção de estabelecer categorias ou classificações, procurando priorizar a familiarização com os dados obtidos. Em momento posterior, houve o mapeamento das entrevistas de modo a ressaltar os principais tópicos relatados pelos moradores e releitura das anotações de campo. Nessa fase procurou-se destacar itens relevantes a temática da pesquisa.

Todas as informações recolhidas através do contato com o campo foram revisadas com intuito de sustentar a sistematização dos dados a partir da técnica de análise qualitativa de conteúdo. Para isso, utilizamos os critérios analíticos propostos por Bardin (2011). Entretanto, foi optado por desconsiderar os elementos relacionados com as regras de enumeração, procurando evitar uma indevida influência quantitativa no desenvolvimento do estudo. Foi levado em consideração que a análise de conteúdo assimila técnicas de pesquisa que permitem sistematicamente abordar a descrição de mensagens expressadas no contexto em estudo, além de admitir inferências sobre as informações coletadas (BARDIN, 2011). Ao tomar contato com o material de análise, composto pelas entrevistas, anotações e observações de campo, procurou-se depreender relações implícitas e menos aparentes que se manifestaram nas falas e no contexto do estudo. Em seguida, esses dados foram organizados no intuito de responder as perguntas que orientam a pesquisa (BARDIN, 2011; BAUER, 2002).

O formato de apresentação dos capítulos que tratam da análise dos dados foi escolhido com a intenção de enfatizar a expressividade dos relatos. Para tanto, excertos das narrativas dos entrevistados foram dispostos no decorrer do corpo do texto. Partes dos trechos foram destacados em *itálico* como forma de realçar a fala em relação aos demais componentes textuais.

Quanto a estruturação da análise dos dados, ocorreu em duas partes distintas. Em princípio procuramos realizar a apresentação das organizações pesquisadas e a descrição do modo de produção tradicional dos faxinais. Já a segunda fase dos procedimentos de análise, buscou compreender a técnica tradicional de criação de porcos soltos no contexto dos faxinais, em face a lógica técnica dominante nas organizações convencionais. Para tal, foram estabelecidas duas categorias de análise: 1 – Técnica; e 2 - Comunidades Faxinais.

A primeira delas considera a literatura crítica apresentada na sessão de referencial teórico a respeito dos seguintes subtópicos: (1) o conceito de técnica (2) oposição entre operação e fenômeno técnico e (3) os caracteres da técnica (ELLUL, 1968). Com base nesses pressupostos, ao decorrer do processo de leitura flutuante e da realização das análises, foi estabelecida uma nova categoria emergente do campo como forma de melhor retratar o fenômeno, a qual foi denominada *limites a eficiência técnica*.

A segunda categoria analítica tem como base a sessão de revisão de literatura apresentada dentro do capítulo 2.4, a qual discorre sobre as comunidades tradicionais de faxinais. Os elementos constituintes dessa categoria foram em maior parte baseados em tópicos emergentes do campo. A partir do exame dos dados coletados, foi estabelecida a *cultura* como aspecto estruturante da organização faxinal. O estabelecimento dessa categoria teve como objetivo aprofundar a compreensão sobre o fenômeno estudado.

A interpretação das categorias de análise fundamentou-se nas informações apresentadas no campo, no referencial teórico relativo ao tema e nas vivências do pesquisador durante a coleta de dados. Foram realizados procedimentos de triangulação utilizando os dados primários e secundários provenientes da literatura, e considerações do autor (BAUER; GASKELL, 2002; STAKE, 2011). Esses procedimentos foram adotados no intuito de evitar possíveis equívocos durante o processo analítico. Também foram realizadas triangulações entre as informações

coletadas em campo, procurando identificar contradições e tensões entre diferentes perspectivas apresentadas.

O processo de análise como um todo procurou ser consistente em relação as observações de campo e relatar os principais tópicos de interesse para os estudos em Administração. A análise qualitativa de conteúdo foi elaborada no intento de preservar a realidade dos faxinais, procurando frequentemente retratar os dados de modo fidedigno. Bardin (2011, p. 35) explica que: “a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão para a descoberta.” Sendo assim, a premissa adotada nos procedimentos analíticos privilegiou esse atributo como forma de enfatizar o contexto das organizações investigadas.

3.7 Limitações e Aspectos Éticos envolvidos na condução da pesquisa

Este trabalho teve como pressuposto o bom relacionamento com os sujeitos moradores do ambiente empírico em questão, optando pela não divulgação dos nomes como forma de proteção à identidade dos envolvidos. Destacando o respeito pela tradição cultural ampla dos Faxinais do Papanduva de Baixo e do Emboque em São Mateus, ressalta-se que a atividade de pesquisa nesses locais, dependeu da boa vontade e interesse dos habitantes em permitirem o acesso a suas residências e uso das entrevistas. Cabe também, ressaltar que esse estudo não teve por finalidade abranger a totalidade das discussões sobre as temáticas propostas, de modo com que reconhece a pluralidade de possibilidades de interpretação e abordagens sobre o tema. Além disso, é necessário levar em consideração que as análises e resultados apresentados estão sujeitas ao viés do pesquisador.

4 RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos a partir da investigação empírica conduzida nesse estudo. É dividido a partir de cinco sessões, sendo a primeira e segunda, a apresentação do Faxinal do Papanduva de Baixo e do Faxinal Emboque, respectivamente. A terceira sessão trata da descrição do modo de criação de porcos soltos, tradicional nas comunidades de faxinais. A quarta, diz respeito aos limites e eficiência técnica encontrados nesse modo de produção. E por fim, é abordada a cultura enquanto aspecto estruturante nos casos investigados.

A sessão 4.1 e a 4.2 estão dispostas de modo a apresentar os principais tópicos que configuram os aspectos gerais das organizações de faxinais investigadas nesse estudo. Entre os itens abordados estão: localização; infraestrutura e lazer; moradias; animais; história; associação de moradores e conflito geracional. Em termos de condições sociais, econômicas e políticas, ambos os faxinais estudados possuem pontos em comum que se aproximam como semelhanças, e pontos que constituem diferenças.

4.1 Apresentando o Faxinal do Papanduva de Baixo

Localizado a aproximadamente 25 km da área urbana da cidade de Prudentópolis, conta com área total aproximada de 1340,0 ha. (PRUDENTÓPOLIS, 2011). Conforme relatado, ao todo habitam a região aproximadamente 100 famílias (FAXINALENSE A). Sendo que o acesso se dá por via de estrada de chão com paisagem mudando progressivamente mediante ao afastamento da região urbana, onde as residências e estabelecimentos comerciais vão dando lugar a lavouras predominantemente de fumo e de soja, bem como pontes e residências rurais.

A entrada de fato no criadouro comunitário é demarcada por nova mudança considerável na paisagem, que apresenta grande sombreamento e árvores de mata nativa de araucária, além da presença de porcos, cavalos e vacas. A estrada que cruza o faxinal conta com mata-burros em suas extremidades, bem como sinalização de placas que indicam o início de sua área.

Imagem 1 - Entrada do Faxinal do Panpanduva de Baixo

Fonte: Autoria própria (2019).

No Faxinal do Papanduva, poucos metros após cruzar o mata-burro localizado na estrada que vem da cidade, é possível observar do lado direito da rua um campo de futebol que é utilizado eventualmente pelos moradores para prática desportiva, e quando não, os animais podem pastar livremente pelo local. Logo em frente, há uma construção de alvenaria pintada na cor branca, onde localiza-se o único bar que atende nas proximidades. Conhecido informalmente como “bodega”, funciona como centro comercial local, bem como ponto de encontro e de lazer para os moradores. A menos de duzentos metros, seguindo por uma via secundária, se encontra a sede da associação de moradores, onde ocorrem reuniões periódicas e aluguel de máquinas agrícolas.

Pelo caminho da estrada principal, podem-se observar as moradias dos residentes locais, que se dividem em estruturas em alvenaria e construções características. São construídas em madeira, seguindo traços de arquitetura antiga do leste europeu, denunciando as raízes coloniais de grande parte dos moradores, os quais são descendentes ucranianos.

Imagem 2 - Residência com traços de arquitetura típica da região



Fonte: Autoria própria (2019).

Essas propriedades caracterizam parte da essência da comunidade do faxinal, pois localizam-se dentro do criadouro comunitário e apresentam cercas que impedem a passagem dos animais somente em sua área residencial, que contém frequentemente estruturas destinadas a armazenagem de grãos, ferramentas, maquinário, etc. conhecidas como “paiol”, bem como, galinheiros e em alguns casos pequenas estruturas para o abrigo de porcos e outros animais que são soltos pela manhã e recolhidos ao entardecer.

A prática de cultivo nos “quintais” é central para a manutenção do estilo de vida no faxinal. São espaços normalmente próximos das residências, onde é encontrada uma ampla variedade de alimentos para consumo de subsistência sem a utilização de agroquímicos, como explicado no seguinte relato:

Todo mundo planta. Aqui é difícil alguém que não tenha um alface, uma batatinha, couve, uma cenoura, uma petrushkinha [salsinha], um arroz crioulo, feijão, o povo planta... Na verdade, daí o que acontece, daí o cara ele planta tudo isso... veja, ele planta tudo isso. Daí ele ainda tem o gado

que ta no faxinal, o porco que ta no faxinal. Então, o povo aqui vive muito bem (FAXINALENSE B, acréscimo nosso).

Além desses alimentos, existem outros que aparecem com bastante frequência, como: pepino e abobrinha. Além de plantas medicinais ao exemplo do endro, alecrim, boldo e agrião.

A ampla variedade e abundância de alimentos é característica desse tipo de organização. Pode-se dizer que boa parte das famílias que moram na localidade são autossustentáveis do ponto de vista da alimentação, dependendo pouco dos armazéns locais para compra de mantimentos e menos ainda dos supermercados urbanos, como ilustrado:

Hoje em dia o mercado que nem pra nós, ai o povo, é mais a parte de higiene, de limpeza né. Se vai no mercado, metade das coisa que compra la é pra banheiro, é higiene, é limpeza... feijão, arroz, banha, que nem, nós não usamos azeite, óleo, é banha. Batata, cebola, tudo nós temos, nós fazemos, tudo é crioulo (FAXINALENSE A).

Tal fato é encarado com naturalidade pelos moradores, e para alguns participantes da pesquisa, para além da questão econômica, esse é um motivo de satisfação. Produzir o próprio alimento e manter uma relação estreita com a terra é reconhecido como uma característica distintiva do faxinal. Para outros, esse fato é encarado como rotineiro e de pouco valor, mas ainda assim praticado devido a sua praticidade e costume histórico:

To com 76 anos, completei agora, eu nasci ali, naquela moradia.... Então, a gente é acostumado aqui no interior nesta parte [cultivo de subsistência], por que você tem que em comparação comer uma batata doce, uma mandioca, um amendoim, um arroz, tudo orgânico que planta. Eu não compro. Eu tenho o porco lá, 200 quilos né (FAXINALENSE C, acréscimo nosso).

A produção de subsistência é basilar para manutenção do estilo de vida. É um complemento a renda das famílias, que frequentemente possuem frações de terra ao redor da área de criação comunitária, onde possuem lavouras de direcionamento comercial principalmente aderindo ao cultivo de fumo, além de soja e milho. Nessas áreas é permitida a utilização de agrotóxicos e o emprego extensivo de máquinas agrícolas. É frequente também que famílias conciliem o trabalho na roça com empregos na cidade, responsabilidade normalmente assumida por filhos e/ou netos de moradores mais antigos.

Apesar das características chamativas de algumas moradias, para os visitantes habituados com o cenário urbano, é usual que os animais chamem mais a atenção num primeiro momento. A circulação livre deles pelas redondezas é o traço característico desse ambiente. Como ilustra a imagem a seguir:

Imagem 3 - Animais soltos no Faxinal.



Fonte: Autoria própria (2019).

No criadouro comum do Papanduva não há um limite estabelecido para a quantidade de animais que podem ser criados pelas famílias. Além dos porcos, é possível observar com frequência bois, vacas, cavalos e galinhas passeando pelo espaço. Entretanto, deve-se observar que a predominância da criação de suínos pelos moradores se dá pela diversidade de suas possibilidades econômicas, servindo principalmente para a alimentação própria, mas também comércio em pequena escala. Atualmente, ainda é comum após o abate do porco, presentear os familiares e amigos mais próximos com peças de carne fresca. Uma prática ligada às gerações mais antigas, que ainda se faz presente nos dias atuais.

Os moradores do Papanduva têm um modo singular de criação de porcos, e frequentemente mencionam com certo orgulho o fato de que os animais que saem para pastar livres retornam para os seus donos no final da tarde, sempre reconhecendo suas respectivas casas. Para parte dos faxinalenses, isso é reconhecido e respeitado como um tipo de inteligência do animal:

E o mais engraçado do faxinal é isso aqui, todo mundo tem porco. Tipo, porco aqui é uma coisa que todo mundo quase tem. É difícil alguém que more aqui no faxinal e não *teje* porco. Então o porco, o pessoal solta né. E eles ficam dentro do faxinal. O faxinal aqui é grande, ele da uns acho que quase 400 hectares total dele... Então, o porco, aqui o pessoal recolhe de tarde... e de manhã cedo o povo solta, mas sempre o povo trata agora de tarde e de manhã cedo. E manhã cedo eles soltam, o porco ele anda o dia inteiro. E quando é de tarde ele volta pra casa sozinho! Como que pode! É uma coisa de ficar bobo cara. A inteligência do animal... O bicho anda tipo ele anda longe e de tarde ele volta e nunca vem o do vizinho, só vem o da gente, é coisa de ficar bobo (FAXINALENSE B).

O fato dos animais terem liberdade para passear pela área fechada de criação também dá contornos característicos para a vegetação local. A grama sempre se mantém baixa devido ao pasto dos animais que ainda se alimentam dos frutos que frequentemente encontram pelo caminho, como o pinhão e outras frutas típicas da região. Além disso, o fato do animal ser criado dessa forma representa uma vantagem no ponto de vista de alguns moradores, conforme relato a seguir:

Se cair o faxinal, você imagine. Crie 60, 50 porco fechado, custa caro por que daí você tem que tratar o dia inteiro. E assim não, assim você trata cedo e de tarde e o bichinho anda o dia inteiro, daí ele come uma guavirova, ele come alguma fruta que cai, é pitanga, essas outras frutas que cai, então o bichinho se alimenta, ele ta comendo. Pasta gramado, essas coisa. Então você imagine se você criar ele fechado ali dentro de um chiqueiro que nem a gente vê. Que nem, a gente entende de chiqueiro, mas dentro do chiqueiro não tem nada, só o que você vai dar pra ele e esse que você vai dar te custa e assim, o que ele catar no faxinal é de graça (FAXINALENSE B).

No ponto de vista de outro morador, apesar de nem todos seus vizinhos zelarem pela área de criação comum, essa é uma atividade economicamente rentável. Para ele, não só o baixo custo da operação é um fator relevante, mas também a qualidade da carne, conforme argumenta:

Tem vizinho que não quer, por que não quer fazer cerca. Não quer se incomodar né. Mas é vantagem, é bom. Eu vendo 600 a 800 quilos de porco todo ano. Ó aquele preto lá ó... Aquele porco da uns 90 quilos mais ou menos. *Sorto* come duas espiga de milho por dia e se for fechar um porco daquele come 30 espigas de milho por dia... Nós trabalhamos ai com porco

comum, só que esse porco comum é mais valorizado do que o porco de granja. Pra você ter uma ideia, esse porco de granja ta 4 real, 5 real o quilo. Aqui nós vendemos a 10... o povo procura direto por que a carne é outra carne (FAXINALENSE A).

O estilo de criação de animais no Papanduva de Baixo teve seu início em 1938 e depois da construção da primeira cerca, se manteve com poucas alterações significativas. A mais relevante delas é possivelmente o costume de prender e vacinar os animais antes do abate. Os primeiros ocupantes dessa região foram famílias de imigrantes europeus, principalmente ucranianos e italianos:

No ano 38 começou os primeiros moradores, tinha 13 moradores no ano 1938... ai tinha os filhos e foi aumentando e foi vindo mais gente de fora... 90, 100 anos atrás que começou o Papanduva, então era um faxinal só, não tinha cerca, não existia cerca por que era de poucos morador... era um matão, não tinha essas estrada, então era matão, fazia uma picada no meio do mato la pra fazer um rancho, fazer uma casa. Depois la no outro, la longe, a cada dois ou três quilômetros outra, uma casa. Ai aos poucos, foi aumentando e dai foi fazendo estrada e criação. A criação sempre teve... desde o começo, só que hoje, que nem *acabemo* de falar, eu vendo porco, todo mundo vende, o que você faz, você vende, tem comércio, antigamente não tinha. Todo mundo tinha, todo mundo criava, não tinha comercio, não tinha o que fazer (FAXINALENSE A).

Quanto a organização em relação a criação comunitária, atualmente a Associação de Moradores vem desempenhando papel significativo no Papanduva. Contando com aproximadamente 70 famílias de faxinalenses associadas e 50 de moradoras próximas da região sem vínculo com o criadouro comum, sua principal função é encurtar a distância entre a ação de manutenção do faxinal e a relação com o poder público. Para isso, atua principalmente como mediadora de distribuição dos recursos públicos repassados a comunidade, além de disponibilizar equipamentos agrícolas para aluguel dos associados.

Essa organização recebe em conta, anualmente o valor de 70% da verba do ICMS ecológico. Esse montante tem como destino principal a manutenção do cercado que circunda o faxinal, o “vedo”. Assim, a associação pode adquirir e fornecer os materiais necessários, restando aos moradores o trabalho de realizar a manutenção da cerca e dos mata-burros. Para o presidente da associação, sem esse repasse de verba seria impossível a manutenção da área do criadouro comum.

Por se tratar de uma organização atuante politicamente, assume a responsabilidade de tomar parte quanto a conscientização pela manutenção da área de criação comum, se posicionando em relação a conflitos e ações desarticuladoras.

Entretanto, quanto a esse aspecto, não há nenhum tipo de ação formalizada, como a promoção de eventos educacionais ou adesão ao movimento puxirão.

Conforme observado, entre conversas e entrevistas no Papanduva, o faxinal é reconhecido pelos próprios moradores como um modelo de organização em decadência:

Ta se acabando por que o pessoal cerca um pouco pra fazer lavoura, por que o faxinal era muito grande né... E quem não tem terra, bastante, ta fechando o faxinal pra fazer um pouco de lavoura... já é menos pra criação andar né (FAXINALENSE D).

Para alguns moradores a manutenção da área de criação comunitária está garantida somente no futuro próximo. Para uns, 10 anos, para outros 2. Muito embora a manutenção objetiva da área da cerca estar bem protegida pela associação em conjunto com a política pública municipal, isto é, a área delimitada como criadouro não tem sofrido redução por lavouras vizinhas. Existem moradores e proprietários de área não residentes, que não se interessam pela manutenção do sistema:

É só preguiça. Não faz e não muda nada. Não que ele (desinteressados pela criação comunitária) não deixa fazer, ninguém manda. Isso é da comunidade né (FAXINALENSE A).

Como é explicado por um morador que diz ser “a favor do faxinal”, é cômodo manter a área de criação comunitária. Podendo plantar na lavoura, principal fonte de retorno financeiro, utilizando o quintal para o plantio de subsistência e mais o criadouro para criação principalmente de porco, concretiza a autossuficiência em alimentação e ainda oferece possibilidade de ampliar a saída econômica, ainda que afirme do ponto de vista financeiro, não obter uma boa relação custo/benefício em criar para venda.

No ano de 2018, os moradores associados receberam como excedente, sete sacos de adubo, obtidos como um tipo de retorno material em recompensa pela manutenção do criadouro. Além disso há uma disposição, ainda que incipiente, em promover alternativas de negócios, principalmente visando a permanência dos jovens no faxinal. Para o presidente, isso aconteceria através da aquisição e distribuição de sementes de culturas alternativas ao fumo, predominante na região, como relatado a seguir:

Se a gente conseguisse alguma coisa pela secretaria, alguma coisa, sei lá, do governo, alguma coisa pra ajudar. Por que aqui tipo, vem esse dinheiro do ICM, a gente sempre gasta em adubo, uréia. Mas aqui era bom se surgisse alguma coisa pra preservar, pra segurar o pessoal no faxinal. Por que o pessoal mais novo, ele não tem interesse de ficar, sabe? Pessoal mais novo ele quer sair, ele quer ir embora ó, ele quer ir trabalhar fora, por que aqui, única coisa que o povo trabalha muito aqui é com o fumo e o fumo é uma coisa que judia muito com o povo, com a pessoa, ele vai muito tipo veneno, intoxica... então se tivesse alguma coisa pra segurar, pra manter, pra incentivar o mais novo. Por que o mais velho, ele vai ficar.... Se tivesse alguma coisa pra incentivar o jovem, seria uma boa ideia (FAXINALENSE B).

Todavia, apesar da atuação no sentido de produzir melhores condições econômicas aos associados, as atividades da associação são pouco significativas em relação a questão geracional. Conforme relatado, os elementos econômicos e sociais da vida no ambiente rural parecem não satisfazer as expectativas das gerações mais jovens e habituadas com a internet e a cultura urbana. Tem aumentado progressivamente a quantidade de jovens que buscam cursos de nível superior ou técnico com objetivo de se capacitar para o mercado de trabalho e aumentar a renda familiar. Para os mais velhos isso é visto com naturalidade, ainda que, perceptivelmente represente um enfraquecimento da cultura local:

Os novo ai vai tudo pra cidade né. Eu tenho duas filhas que tão fora, ta só o rapaz ai... por enquanto, faz 18 anos e já sai (FAXINALENSE A).

As questões culturais locais merecem destaque quanto ao recorte geográfico que é o faxinal, pois o código de conduta social é regionalizado e específico. Começando pelo fato de que os faxinalenses se conhecem entre si, as terras de seus vizinhos, os sobrenomes comuns da região, habilidades pessoais distintas e até mesmo o modo como trabalham na roça. Um passeio a pé pela rua que cruza a área de criação comunitária já parece ser o suficiente para atrair olhares atentos vindos das varandas e áreas externas das residências. Entretanto, a primeira impressão que pode ser confundida com uma recepção hostil é facilmente quebrada com um cumprimento ou aceno de mão. Isso acaba revelando que muito mais do que incomodados, os moradores se mostram curiosos com uma presença externa.

Os elementos culturais são centrais para compreensão desse espaço. O trabalho, território e os conflitos inerentes a esse modo de organização, estão diretamente interligados com a cultura local. Esse assunto será especificamente tratado na sessão 4.5. Todavia, é necessário ressaltar de antemão, que toda a estrutura sociocultural da organização faxinal se estabelece perante um conjunto de

práticas e costumes específicos de sua região. Elas são afetadas por aspectos históricos, econômicos e políticos, de forma que se configuram a partir de uma complexidade de fatores, muitas vezes ambíguos ou contraditórios.

Dessa forma, conclui-se uma primeira visão do Faxinal do Papanduva, onde foram apresentados aspectos que compõe a estrutura da organização faxinalense. Não obstante, sobressai logo de início que, para além da paisagem singular, a vivência sob a cultura local se destaca como principal elemento de distinção. Nesse sentido, a criação comunitária de animais nesse espaço desponta como um elemento determinante. É a partir de sua existência que se condicionam as particularidades estabelecidas da vida em comunidade no faxinal. Isto é, sem o criadouro comum, toda a organização da infraestrutura, moradias, associação de moradores, a cultura e inclusive os elementos de paisagem, seriam reconfigurados a partir de outras bases. Sem ele, haveria uma descaracterização e rearranjo de toda a esfera sociocultural. Posto que, a partir dela se sustentam as relações sociais entre os sujeitos, é seguro afirmar que o criadouro comum possui ligação com a identidade faxinalense.

4.2 Apresentando o Faxinal do Emboque

O denominado Faxinal Emboque, mais conhecido na região de São Mateus do Sul apenas como “Criador”, encontra-se a aproximadamente 12 quilômetros da região central do município, com boa parte do caminho pela rodovia, BR 476. Atualmente constando com área de 166,07 ha (IAP, 2009), é uma área consideravelmente menor comparada ao Papanduva de Baixo. Estima-se que entre 50 e 60 famílias residam no espaço do criadouro comum (FAXINALENSE E). Possui como característica, a mudança de paisagem logo ao passar sobre o mata-burro que marca a entrada na área de faxinal, sendo notável a incidência de árvores nativas de mata de araucárias, particular da região e de presença indispensável para o sistema. Isto confere como característica específica, uma enorme quantidade de sombra nesse espaço, algo que contrasta com a região próxima.

Imagem 4 - Faxinal Emboque

Fonte: Autoria própria (2019).

De modo semelhante ao Papanduva, no Emboque também há uma “bodega” que funciona como centro de distribuição de alimentos, bebidas alcoólicas e ponto de encontro, sendo as reuniões nesse espaço uma atividade recreativa notavelmente masculina. Além disso, é comum que os moradores participem de festividades religiosas como almoços e bingos promovidos nas regiões próximas. Não obstante, a poucos metros desse local, pode-se encontrar a sede da associação dos moradores, informalmente conhecida como “agroindústria”.

Passando pela via de acesso, é possível observar que a maioria das residências é construída em alvenaria e possui as estruturas características do modo de organização faxinal. Contendo paióis, cercas ou muretas que impedem a entrada dos animais na área residencial e quintais. A prática de manutenção do quintal tende a oferecer variedade nutricional relevante. Em um passeio rápido, a Sra. F. fez questão de apresentar alguns dos seus cultivos ao redor da residência. Explicou que além de frutas e verduras, é muito comum nos quintais a presença de plantas

medicinais utilizadas para chás naturais e como ingredientes para compostos curativos, como o “específico”⁶.

A extensa diversidade de plantas encontradas inclui: quatro tipos de hortelã; avenca; palma fedida; orelha de coelho; manjeriço; serralha; sálvia; camomila; erva doce; poejo; capim limão; citronela; boldo; cavalinha; endro; ora-pro-nóbis; gengibre; babosa; salsinha; confrei; rosário; alface; milho; rúcula; mandioca; couve; tomate; nabo roxo; pimentão; repolho; amendoim; morango; amora; maçã; pêra; laranja; tangerina; uva; entre outros.

Imagem 5 - Quintal da Sra. F.



Fonte: Autoria própria (2019).

“Quintal” é o termo utilizado para se referir a variedade de plantas cultivadas nos arredores ou próximas as residências. Uma segunda estrutura que pode ser entendida como uma extensão do quintal, é a horta. Nela, são cultivados alimentos como: pepino, cenoura, batata, beterraba, abobrinha, etc. Elas podem estar

⁶ Conserva de plantas medicinais em álcool. Apesar do nome sugestivo, essa substância é utilizada em uma ampla variedade de tratamentos. Entre os mais comuns: cortes e arranhões; alergias; picadas de animais como aranhas e escorpiões; entre outros.

localizadas junto aos quintais, mais próximas das residências ou junto as lavouras que ficam fora da área de faxinal. Na imagem a seguir pode-se observar as cenouras da horta do Sr. G. a qual retiramos e comemos ali mesmo no local.

Imagem 6 - Cenouras da Horta do Sr. G.



Fonte: Autoria própria (2019).

As lavouras ainda que localizadas fora da área de criadouro e longe da residência física dos moradores, não pode ser considerada uma atividade alheia ao lar, visto que, os núcleos familiares são a principal unidade econômica da organização faxinal. Isso impacta diretamente nas relações de trabalho, sendo usual que as a proximidade dos membros do núcleo familiar, se reproduza como o emprego de trabalho na lavoura. Isto é, maridos, esposas, filhos, netos e afins, frequentemente trabalham juntos no plantio, além de ajudar parentes e amigos mais próximos.

Atualmente, o número de faxinalenses que procuram emprego na cidade tem aumentado como informou a Sra F. A distância considerada curta até a região urbana, permite que muitos continuem com residência fixa dentro da área de criação comum. A opção por esse modo de vida que mescla elementos da cultura rural com a urbana, leva ao abandono das práticas produtivas inerentes ao faxinal: a criação de porcos, o trabalho na lavoura e a manutenção dos quintais. Abandonar a produção de subsistência nem sempre é vantajoso como narra a Sr. F:

Pessoal que não tem quintal, não cria porco, passa mal. Essas pessoas passam dificuldades, mesmo produzindo supersafra de fumo, ele acaba gastando tudo em alimentação (FAXINALENSE F).

Muitas famílias optam em se manter somente com a renda salarial do emprego na cidade ou focando seu trabalho na produção de fumo. Como resultado, tem tido dificuldades para se manter em nível econômico saudável. O equilíbrio do núcleo familiar faxinalense depende diretamente de sua produção na lavoura, no quintal e na criação de porcos.

Tendo isso em vista, ao conhecer a horta e as lavouras dos moradores foi possível ajudar com pequenas tarefas no trabalho. Durante esse tempo, foi explicado que, tanto o Sr. G., o Sr. H. quanto o Sr. I, atualmente vinham plantando suas lavouras para comercialização em um modelo que mescla a produção de alimentos orgânicos e com o uso de agroquímicos. Eles vêm buscando parceiros comerciais interessados em seus produtos orgânicos, com o objetivo de mostrar para outros faxinalenses que é possível encontrar uma fonte de renda dessa forma. Atualmente, através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), eles alegam que os resultados têm sido satisfatórios.

Imagem 7 - Batatas produzidas na lavoura orgânica do Sr. H



Fonte: Autoria própria (2019).

Isso é considerado uma vitória conquistada por meio de muito esforço para esses agricultores. Como explica o Sr. G, o modo de organizar o plantio muda

substancialmente quando se opta por fazê-lo de tal forma, pois é necessário criar barreiras naturais que impeçam a contaminação de agroquímicos das lavouras convencionais para as orgânicas. Só assim, se torna possível aderir esse modelo, como ilustra a imagem a seguir:

Imagem 8 - Barreira natural que separa a lavoura orgânica da convencional



Fonte: Autoria própria (2019).

Por meio dessas práticas, os faxinalenses procuram meios de reduzir o impacto ambiental em suas produções conciliando essas atividades com a viabilidade do retorno econômico. Além disso, alguns moradores como o Sr. H. ainda aderem a extração da erva-mate em bases antigas, porém outros já abandonaram esse sistema e incorporaram a lógica convencional.

A própria criação de animais e organização do espaço comum também já passou muitas mudanças ao longo do tempo. Atualmente há um acordo comunitário entre os moradores, sua função é manter as boas relações entre os faxinalenses e impedir que os recursos da área comum se esgotem, como exemplificado no relato a seguir:

O acordo comunitário que nós fazemos é isso né. É, por que tem criação boa e tem criação que ela é daninha né. Daí você né, quando acontece, tem acordo comunitário, se uma criação começar a entrar, arrebentar cerca, o dono da criação é obrigado a consumir... que nem as vezes um porco né, existia uma porca né, quando ela começa a pegar galinha né, não sei o que da nos bicho que ele começa, da uma loucura nela e... as vezes na casa do dono não pega mas vai na casa do vizinho né... daí da problema, daí tem que consumir... fecha, engorda e... resolve essas coisa, então esse que é o acordo comunitário né (FAXINALENSE I).

Fora estabelecido o limite de três matrizes⁷ a cada núcleo familiar. Devido ao espaço reduzido, são necessárias ações de controle como tal. Diferentemente do Faxinal do Papanduva, onde uma família não possui restrições quanto a quantidade de animais, no Emboque essa é uma questão considerada séria, que pode levar ao esgotamento da área de maneira irrecuperável:

Na verdade até três matrizes ta de bom tamanho por que... assim, um colono né, um morador, faxinalense, se tiver mais de três porcas não vence cuidar... menor (o espaço do criadouro comum) e daí o gasto né, por que você tem que ter bastante milho por que da criação o principal é milho (FAXINALENSE F).

A redução da área de criação comunitária, é um fator histórico e progressivo. Segundo o Sr. H, a redução do criadouro vai fazendo com que cada vez mais o faxinal fique “espremido”, aumentando as dificuldades para sua manutenção:

A tendência é ir diminuindo, a gente vê que ta diminuindo, mas onde existem alguns faxinais que são mais fora da área urbana. Nós estamos quase dentro já né... tem faxinais que mesmo dentro do movimento (Rede Puxirão) é capaz de desaparecer, como eu falo né, muito próximo da área urbana né, isso inviabiliza. Pode ver que o nosso ta inviabilizando, por que tem 50 e poucas famílias dentro de uma área de 60 alqueires né. Então já não existe território mais pra criação animal dentro um... muita gente né, e nós *era* de antes 50 e poucas famílias dentro de 1000 e poucos alqueires, então tinha onde os bicho andar e mais espaço pra procurar alimento, agora assim, já não tem muito né (FAXINALENSE H).

Não obstante, para compreender melhor esse fenômeno de desagregação das terras de faxinal, é necessário compreender parte da história desse local. Recontar parte da história do Faxinal Emboque, aqui, não será o equivalente a retratar com detalhes todo evento histórico relevante com precisão de datas, nomes e afins. Mas, utilizar os relatos obtidos através de longas conversas com moradores antigos e ligados ao passado da localidade, para retratar fragmentos do passado que remontem a redução do espaço de criação comum.

⁷ Fêmea suína já adulta e em idade fértil que é preparada para reprodução.

A história desse faxinal se inicia por volta de 100 anos atrás, com a chegada de imigrantes poloneses. A integração entre as culturas locais, misturas indígenas e caboclas com a europeia importada pelos colonos, é a gênese do faxinal conforme conhecemos atualmente:

Aqui na verdade começar mesmo, ninguém sabe contar né, por que, na época dos caboclos que moravam aqui eram poucas famílias que tinha então cercavam só envolta da casa pra plantar alguma coisinha pra eles comer né. Mas depois quando os poloneses chegaram... na chegada dos poloneses que chegaram aqui na comunidade onde nós *tamos* era uma fazenda também né, a tal dos Pacheco uma época. Então, eles gostavam muito de espada, de corrida de cavalo, de futebol, de caçar, pescar, dai foram vendendo os pedacinho de terra pros pessoal das colônia ai descendo pra cá, que a colônia eram aqui, era fazenda dai os poloneses que habitavam nas colônia dai vieram morar no faxinal dai que eles organizaram a cerca ai que eu te falei que mais ou menos uns 5 quilômetros de cerca eles cercaram mais de 1000 alqueire (FAXINALENSE H).

Eles se organizavam em um regime semelhante ao que existe hoje, em uma área que encontrava seus limites nos rios Emboque e Putinga, superando 2.420 ha. Conta-se que haviam mais de 100 famílias vivendo nessa área, onde era regular a prática característica do sistema, que é a junção entre uso privado e comum de recursos.

Então tinha 60 e poucos moradores e todos eram criador de porco né e a área era bem grande, dava mais de 1000 alqueires de chão ai né (FAXINALENSE H).

Além de habilidades com o cultivo de alimentos, os imigrantes trouxeram máquinas de diferentes tipos que incrementaram as possibilidades de cultivo já conhecidas pelos moradores locais.

No início a criação da associação foi pra, pra conseguir contatos é, pra conseguir recursos da colônia né, então veio um monte de ferramenta tipo: *debuadora* de milho, esses manual que o pessoal não conseguia, arado... veio de lá, veio arado, veio um monte de ferramenta, *carpidera*, essas coisa (FAXINALENSE H).

Na figura 12, a seguir, pode ser observado uma máquina de beneficiamento de grãos trazida pelos antigos colonizadores da região do Faxinal Emboque:

Imagem 9 - Máquina centenária de beneficiamento de grãos em funcionamento



Fonte: Autoria própria (2019).

Haviam também elementos culturais marcantes promovidos pela antiga associação de moradores, construída na década de 1930. Ela atuava buscando recursos como ferramentas e maquinário, além de funcionar como escola, área de lazer e centro cultural. Um ponto de encontro da comunidade que frequentemente se reunia nesse local para atividades comunitárias e entretenimento:

Tem o prédio da associação é de 37 (34 – diz Sr. E.) aquela construção, mas servia pra pegar e, como escola, como associação, pra eventos, área de lazer, casamento, festa, baile, tinha todo mês, tinha teatro, briga... (FAXINALENSE E).

Ocorriam com mais frequência os mutirões organizados para tarefas que exigiam grande força de trabalho e festividades religiosas. Além disso, a comunidade contava com um “inspetor”, o qual era uma autoridade reconhecida, que tinha por

responsabilidade zelar pelo mantimento de acordos sociais. De tal maneira, atuava intercedendo em conflitos que julgasse necessário.

Dessa forma, se estabeleceu o sistema faxinal praticado no Emboque, que se manteve em pleno vigor até meados das décadas de 70 e 80. Quando foi iniciada a construção da BR 476, cortando parcialmente as terras de faxinal e criando a necessidade de cercar a área próxima à rodovia:

Pegava daqui até a ponte do Rio Putinga, nós cruzava por tudo ai, com outras comunidades o que tava até aqui não dividia, o que acabou cortando depois foi a BR né, quando saiu. Que dai os bicho pra não sair na BR foi feito cerca de um lado e do outro, mas era bem extensa a área. E não era tanta cerca né, por que de um lado era cercado por rio né, aqui era o Rio Emboque que vedava na época que era mais fundo, tinha mais área, dai encostava no Putinga, e la o Putinga descia até na BR, dai a cerca começava aqui, ela quase que cortava em linha reta aqui, que aqui esse rio faz tipo uma curva né, um balão, então não era tanta cerca, acho que pra 1000 e poucos alqueires, não sei, mas ele dava acho que uns... uns 5, 6 quilômetros de cerca que cercava tudo essa área, hoje nós estamos com 68 alqueires e da quase 7 quilômetros de cerca, por que é tudo cercado em volta né (FAXINALENSE H).

No entanto, a consolidação da agroindústria no Brasil é que se destaca como principal desarticuladora do sistema. Pessoas de outras localidades foram adquirindo áreas dentro do faxinal com intuito de aderir ao plantio de mercado. Rapidamente muitas áreas foram sendo cercadas até o criadouro ser definitivamente dividido em dois. Um deles já não existe mais. O que resta é o presente Faxinal Emboque.

Desde então, os problemas dessa organização não têm se limitado somente ao seu espaço reduzido. Atualmente os faxinalenses sofrem com a desunião em relação aos interesses que preservam o faxinal. O Sr. H. lembra com orgulho da reunião que estabeleceu o primeiro acordo comunitário escrito, feito pelos moradores, em 1988. Naquela época, conforme explicou, haviam mais de 60 famílias morando na comunidade, todas se dedicando a criação de porcos. Havia harmonia quanto aos interesses das famílias e nenhum tipo de conflito quanto a natureza da organização dos mesmos, um faxinal forte e homogêneo:

Na época, não existia assim pessoas contrarias né, por que aqui o pessoal da comunidade que quando nós *fizemos* a primeira reunião ai pra colocar no papel assim o acordo comunitário, foi em 88, então tinha 60 e poucos moradores e todos eram criador de porco né e a área era bem grande, dava mais de 1000 alqueires de chão ai né (FAXINALENSE H).

As pessoas que participavam do sistema faxinal eram integradas e mais unidas quanto as práticas locais. Havia unicidade quanto a dependência e a manutenção da criação comum. A medida que as técnicas e promessas do agronegócio industrial passaram a seduzir os faxinalenses, nascem cisões que prejudicam o espírito comunitário do sistema. Esses elementos externos que ganham força principalmente de 30 anos para cá, são os principais responsáveis pelo declínio desse agrupamento social:

Foi colocando mais cerca por que dai eles já começaram a plantar mais... é que chegou bem no centro da comunidade, chegou o pessoal de Contenda também e comprou umas área, pessoal das área da Petrobras também, aqui próximo a associação antiga la e da igreja, dai dividiu, cortou o faxinal pro meio dai tinha duas área, uma la que nós chamamos de Rio de Areia e outra pra cá, ficou ruim. Eu lembro que na época o pessoal começou a plantar la e teve gente que protestou varias vezes e fez o pessoal cercar né, eles achavam que eles iam plantar com 4 fio de arame e não iam incomodar mais né, mas não há de ver que eles botaram cerca pro bicho não entrar né. Mas assim acabou dividindo nós né, por que dai era no meio da comunidade as área deles né... não tinha lei nenhuma, não tinha proteção nenhuma e como a onda do momento era exatamente a entrada do agronegócio, que foi na época era revolução verde né, *desmatação*... anos 80 pra frente ai, então deu muito, muito peleia pra ir né. Mas fomo levando e dai nós *fomo* ficando exilado, agora ultimamente o ataque foi dos *chacreiro* ai né... (FAXINALENSE H).

Entretanto, apesar da condição atual ser bem diferente dos anos áureos, ainda existem práticas que mantêm e/ou que buscam retomar o espírito comunitário. Por intermédio da atuação da associação de moradores locais, busca-se o desenvolvimento de atividades artesanais e de baixo impacto ambiental, como forma de obter fonte de renda alternativa para os envolvidos e a própria associação. Uma dessas atividades que vem se destacando é a “Cozinha das Mulheres”⁸. Uma operação endossada pela associação local e que conta com atividades de produção, distribuição e comércio de produtos artesanais, com base no uso comum de recursos e gestão não-hierárquica.

Em seu início, esse projeto contava com a participação de pelo menos 12 mulheres, todas moradoras locais, que se dividiam em 3 equipes. Assim, poderiam organizar a divisão de turnos para a utilização do espaço da cozinha e os equipamentos. A dificuldade inicial em obter retornos financeiros somada as demandas nas lavouras de fumo e problemas gerenciais na operação, levaram a

⁸ Nome informal pelo qual é chamada a operação local de organização, produção e distribuição de produtos artesanais manufaturados por um grupo de mulheres faxinalenses.

maior parte das mulheres a desistirem do projeto. Dessa forma, permaneceram nas atividades, um grupo de quatro pessoas envolvidas na área operacional, e uma responsável pela parte burocrática e jurídica.

Apesar da redução em número, elas constataram que dessa forma seria mais fácil se organizar como único núcleo de atividades. Também que o engajamento das mulheres que perseveraram era muito maior, possibilitando que a operação finalmente prosperasse.

Imagem 10 – Produção de pães artesanais realizada na “cozinha das mulheres”



Fonte: Autoria própria (2019).

Semanalmente, produtos são levados até a feira local, realizada no centro da cidade de São Mateus do Sul, onde são comercializados. Além disso, fornecem parte da produção dos pães, cucas e bolachas para a merenda escolar, atendendo demandas do PNAE. Parte do retorno financeiro é reaplicado para a manutenção das atividades: pagamento de luz, água, manutenção e capital de giro. Outra parte, serve para o pagamento da taxa cobrada pela associação para uso do espaço. Enquanto que o excedente é dividido igualmente entre elas.

Da mesma forma que qualquer faxinalense pode usar o espaço do criadouro para soltar seus animais, qualquer um pode ter acesso ao uso da cozinha. Entretanto, em ambos os casos, existem acordos sociais que devem ser seguidos para o bom funcionamento dessas estruturas. No caso da segunda em específico, parece ainda desconhecida dos moradores em geral a existência de um conjunto de normas, prática de direitos e deveres sobre a utilização de um recurso comum. Conforme fora relatado, uma moradora demandou a utilização do espaço para uso particular sob o argumento de ter “assinado e permitido aquilo”. Desconhecendo a necessidade do pagamento da taxa e a de licença individual fornecida pela vigilância sanitária, a mesma sentiu-se prejudicada:

Que nem agora, até tipo assim, uma senhora chegou e falou pra nós que pela cozinha ser comunitária ela tinha o direito dela ir la e assar o pão dela no final de semana por que é comunitário, então ela pode usar... posso chamar minha nora, posso chamar minha cunhada pra vir comigo por causo que eu assinei pra isso, eu assinei pra essa cozinha minha ta aqui. Dai nós falamos assim, não, claro que tem direito de vim, só que desde que, venha fazer aqui, né, ai você vai ter que pagar a taxa, como era cobrado dos outros grupos, 15 dias né, vai ter que pagar uma taxa, vai ter que ajudar... nós pagamos a taxa da vigilância sanitária, cada uma nos que trabalha la que faz o produto né, você tem que ter a licença da vigilância, cada uma de nos paga individual então você vai ter que pagar também pra trabalhar aqui (FAXINALENSE J).

Entretanto, a Cozinha das Mulheres apesar de possivelmente ser a atividade mais bem-sucedida e articulada promovida pela associação até o momento, não é a única. É estimulada a coleta de frutas na região para a produção de polpa. Uma empresa produtora de sucos com base em Curitiba, comprou e produziu lotes experimentais de suco baseado nas frutas nativas da região do faxinal. Nesse sentido, a associação busca oferecer saídas financeiras que beneficiem diretamente os moradores envolvidos e que consolidem a atuação da organização.

Os moradores que encabeçam as operações da associação reconhecem o potencial econômico da comunidade. Entretanto, lidam com problemas administrativos como: baixo engajamento dos próprios faxinalenses nas atividades e dificuldades em encontrar parceiros comerciais que compreendam os traços da cultura local. Ambas essas questões se mostram ameaçadoras para o sistema como um todo:

Já aconteceu isso sabe... de fazer assim, era dos próprios grupos que *tavam* trabalhando la, terminou o serviço no final da tarde, quebrou a

máquina, fechou a máquina e deixou a máquina quebrada pra outro grupo vir no outro dia trabalhar com a máquina quebrada... deixou quebrado, ah mas quando eu *tava* funcionando quando eu sai daqui. Então como que *tava* funcionando se ta quebrada a peça? Não *tava* funcionando, então... e não foi nem uma e nem duas vezes que aconteceu isso, então não *tava* dando certo. Ai você né, cobrava a taxa você ia, *vamo* subir um pouco a taxa por que tem que pagar o concerto da máquina. Há então não quero mais, eu desisto desse grupo e não quero mais... dai não queriam ajudar a pagar a luz por que a luz que vem ali não é barata, né... (FAXINALENSE J).

Já no caso do segundo problema, os parceiros externos não se dão conta de que os “atrativos comerciais” dos produtos “importados” dos faxinalenses só são, em partes, possíveis pelas suas condições inerentes ao contexto. É notável, que o porco do faxinal tenha uma qualidade reconhecida quando comparado ao porco regular de granja. Isso só é possível, porque ele é criado solto, com uma dieta baseada em alimentos naturais e não produzido em escala, alimentado com ração e hormônios. Portanto, é impossível para o faxinalense atender a uma demanda mensal e progressiva de produção de carne sem que haja interferência no modo de produção tradicional.

Somado às questões administrativas, a associação de moradores no Emboque, há um agravante para a manutenção do sistema. A verba do ICMS ecológico jamais foi repassada pela prefeitura. Assim, as reformas na cerca do criadouro sempre foram financiadas pela iniciativa dos próprios interessados. Os faxinalenses relatam que a anos vêm cumprindo demandas burocráticas a pedido da prefeitura local. Entretanto alegam que o resultado é sempre o mesmo: quando conseguem cumprir o estabelecido, uma nova demanda aparece. Isso somado a lentidão dos tramites internos e a falta de interesse do poder público, resulta em anos de comunicação infrutífera.

Quanto a outras questões internas que geram incertezas para a manutenção do faxinal, destaca-se o impasse geracional. A medida que as novas gerações crescem, novos interesses são apresentados aos jovens que se mostram mais habituados a um mundo dinâmico e influenciado por tendências urbanas. Assim, a vida no faxinal a exemplo de seus pais e familiares oferece menos atrativos:

Eu acho que parte da minha geração, já são pessoas que já não tem isso tão forte né (identificação com o faxinal)... eu vejo assim que como eu, eu cresci vendo essa luta né, meus avós participavam disso, meus pais, né, tiveram sempre a frente dessa luta então acho que a gente já cresce com esse sentimento junto né, mas parte das pessoas que, que estudaram comigo e tal, que moravam até no faxinal, que já saíram e que hoje olham com outros olhos e não se identificam mais com isso né, que não concordam que, eu acho que cresce aquele sentimento do individualismo,

sabe? Eu vejo isso muito forte na minha geração. Aquele negócio do individualismo, é meu, eu não preciso dar satisfação pra ninguém, se eu tenho meu lote no faxinal, é meu, não interessa se, o que que ta acontecendo, então acho que isso é muito forte na minha geração... Não se preservou esse senso de identidade... boa parte das pessoas que, que eu cresci junto, já, acho que 50% já saiu né, saiu pra fora e as vezes até pensa em voltar né, e tal, mas eu vejo que esse sentimento já tá, já não existe mais, já perdeu essa questão (FAXINALENSE K).

O fato de não haver nas escolas um movimento de conscientização sobre a identidade faxinalense e nada ser divulgado sistematicamente sobre a importância desse assunto dentro do faxinal, afasta ainda mais o imaginário do jovem. Entretanto, para Sra. K, o bom desenvolvimento do faxinal não deve ser baseado somente na exclusão dos aspectos tradicionais em favor da modernização, e sim na conciliação entre esses fatores, conforme explica:

Eu acho que hoje *pro* jovem *ta* no meio rural e viver em qualquer sistema como esse, a gente tem que ter garantias de que isso é benéfico, é positivo e qualidade de vida principalmente né. Por que, viver da mesma forma que meus avós viviam talvez não seja meu objetivo né, mas conservar o que foi bom, eu acho que é bastante benéfico, então eu acho que esse é o principal ponto, assim de, de poder intercalar, tanto o conhecimento científico, como o conhecimento que trás de fora pra melhorar os aspectos (FAXINALENSE K).

No caso do Emboque, é necessário ressaltar a atuação de um núcleo social composto e liderado principalmente por membros da família W. e seus amigos mais próximos. Eles atuam deliberadamente em favor de uma ideia de orgulho em ser faxinalense. Dessa forma, desenvolvem atividades através da associação local; frequentam disciplinadamente as reuniões do Movimento Puxirão; compraram terras desmatadas dentro da área do faxinal para recuperar a mata nativa; produzem e comercializam alimentos cultivados sem agrotóxicos; além de serem notadamente reconhecidos pelos outros moradores como referências na manutenção do sistema. Esses fatores, para eles, constitui uma tentativa de conciliar as demandas do mercado capitalista com a manutenção do Faxinal Emboque.

Parte desse modo de pensar está ilustrado no sistema utilizado nas terras de plantar, as quais são divididas entre cultivos orgânicos e convencionais. Nela, a preocupação em produzir de maneira ecologicamente viável encontra seus limites na viabilidade econômica. É sugestivo observar a questão como um espelho da própria dinâmica interna do Emboque. Como argumenta Hocayen da Silva (2015), é perceptível a tensão entre as racionalidades instrumental e substantiva. Essa característica pode ser observada nos vínculos de produção e organização que

invariavelmente estão conectados com o estilo de vida que é singular desse espaço. No Emboque, há um expreso senso de identidade que reconhece sua cultura como derivada historicamente dessa prática distinta.

O próprio fato de se tomar consciência sobre essa identidade, permite que o faxinalense compreenda mais a fundo seu meio, reconhecendo a existência de articulações externas que defendem seus interesses particulares, tomando parte em conflitos e contradições internas do faxinal. A iniciativa que tomam, assumindo e sendo reconhecidos como agentes que lutam pela manutenção do criadouro, parece ser possível principalmente pela sua conscientização e articulação em favor da causa. Nesse sentido, mesmo na situação adversa na qual se reconhecem, não abrem mão de uma ideia de pertencimento ao local e ao costume, uma espécie de “teimosia”, como descreveram.

É importante salientar que o contato com a cultura do faxinal já é por si só, notavelmente distinta da urbana. O ato de aproximar-se, introduz uma série de práticas, saberes, costumes, que são particulares. Entretanto, isso não quer dizer que não haja o reconhecimento de elementos distintos das práticas tradicionais pelos faxinalenses. As tensões produzidas com aumento da demanda por eficiência causam efeitos no microuniverso do faxinal, sendo perceptível que atualmente existem esforços no sentido de desenvolver adaptações econômicas que permitam interlocução entre as convenções tradicionais e o mercado.

Por fim, procuramos apresentar as duas organizações em destaque nesse estudo. Compreende-se que por se tratarem de organizações de mesma natureza, a organização faxinal, é compreensível que possuam aspectos semelhantes em certas estruturas e características, como o fato de estarem inseridas diretamente no campo de disputa política, a constante luta por recursos e a singularidade cultural.

É necessário destacar que a dinâmica interna de cada um deles é única. Os assuntos de interesse, o estabelecimento das relações pessoais, as práticas organizacionais, as relações com agentes externos, entre outros fatores, nos permitem afirmar que não se pode tratar toda organização faxinal da mesma maneira.

Entretanto, ainda que em ambos os casos seja possível encontrar um bar; animais soltos na área de criação; ruas de chão batido; residências cercadas com fios de arame suficiente para impedir a passagem de animais na área doméstica;

“paióis”; quintais; lavouras; associação de moradores; entre outros, não são essas características organizacionais comuns a qualquer faxinal que determinam a cultura local e a relação com os agentes externos. Mas, diz que o condicionamento da viabilidade dessas estruturas, importantes para o faxinal enquanto organização, ocorre pela existência do criadouro comum e mais especificamente, pela criação de porcos.

Nesse sentido, o que mais chama a atenção é a relação imbricada entre o modo de criação de porcos e os demais aspectos gerais observados nos faxinais. O uso do espaço comunitário interfere nas relações entre moradores e sustentam a disposição das demais estruturas que compõe esse contexto, com exceção das lavouras.

Sendo assim, a observação dos aspectos gerais da organização dos faxinais, nos permite apontar para a centralidade da criação de porcos, a qual desponta como o principal fator para a manutenção do faxinal enquanto organização. Por esse motivo, a próxima sessão é dedicada a descrição em profundidade desse modo de produção.

4.3 O modo de criação de porcos no criadouro comum tradicional no faxinal

Essa sessão tem o objetivo de apresentar em profundidade o principal fator de produção que permite a existência do faxinal enquanto organização. Trata-se do modo de criação de porcos soltos, realizado tradicionalmente a partir do uso comunitário de terras em um criadouro comum. Esse modo de produção se caracteriza pelo prevalectimento das regras tradicionais no desempenho das atividades.

Foram relatados aspectos de natureza espacial geográfica, histórica, de manejo, nutricional, sanitária, de confinamento e abate, além de manutenção do espaço. Para efetiva descrição do campo, optei por realizar a apresentação em forma de narrativa, centrada na experiência de observação que realizei nos faxinais. A opção por esse formato se dá pela intenção de ressaltar e transparecer a intimidade com a qual os sujeitos comunicaram essas informações.

Nos primeiros contatos que tive com os faxinais abordados nessa pesquisa, foi possível constatar a complexidade da conexão entre o modo de produção e o modo de viver nesses contextos. A própria nomenclatura não faz uma distinção

óbvia entre ambos, de forma que não há determinação literal que especifique até onde vai um hábito de criar animais e onde começa uma combinação de relações mais amplas. Quando à rodoviária de São Mateus do Sul, em visita ao Faxinal Emboque, percebi que “Faxinal Emboque” não era um termo autoexplicativo como se supunha. A tentativa de pegar um táxi para me dirigir a localidade demandou vários minutos até que houvesse entendimento mútuo com o motorista sobre o meu destino. Nesse entremeio, descobri que a região era conhecida dentro do município apenas como “criador”. De forma semelhante, nas primeiras conversas com moradores do Papanduva de Baixo, foi possível reconhecer que não havia distinção no uso dos termos “faxinal” e “criador”.

Em ambos os casos, ao passar pela delimitação de entrada, não pude deixar de perceber características diferentes do espaço em relação a região rural que dá acesso até eles. A particularidade destes espaços, e que chama a atenção de sobressalto, é a existência de animais soltos, passeando pelas ruas de terra e pastando livremente pelo gramado. Além disso, é possível perceber que árvores tomam conta do espaço, sombreando parte da extensão do local, como observado na figura 14. As residências apresentam sutilezas, como cercados baixos em suas proximidades e são dispostas próximas a estruturas de suporte, como os paióis e as hortas.

Imagem 11 - Área de faxinal



Fonte: Autoria própria (2019).

Na tentativa de compreender melhor esse território, procurei por moradores familiarizados que se dispusessem a explicar as singularidades locais. Durante essa busca, conheci o Sr. C, que se disponibilizou a falar sobre o assunto. Em primeiro lugar, contou que o ambiente é assim há muito tempo. Seu avô imigrou da Europa há quase um século e estabeleceu residência nesse local junto de outros imigrantes. Seu pai cresceu e viveu ali durante a vida toda, assim como ele, sendo que durante a passagem entre gerações, a dinâmica do espaço se manteve semelhante.

O Sr C. também contou que no passado era impossível viver sem os animais de criação e ao menos um quintal pequeno para cultivo. Devido ao isolamento da região, era fundamental que as fontes de alimentos estivessem prontamente disponíveis. Explicou que o animal de criação mais comum era o porco e que em tempos passados todos vizinhos próximos tinham suas próprias criações.

Os porcos se destacavam dos demais animais por oferecer ampla variedade nas possibilidades de consumo. Podendo se fazer proveito da carne, da banha, além da reutilização de sobras na confecção de sabão e ração para outros animais. Dessa forma, o porco se destacou ao longo do tempo como o principal animal de criação para os faxinalenses, chegando a ser considerado essencial para a sobrevivência das pessoas.

Todavia, reconhecer o papel central do porco para suprir as demandas básicas de alimentação, não era suficiente para compreender o sentido de mantê-los soltos na área criação. Ao estar livre nesse espaço, o animal fica sujeito a diferentes tipos de riscos, como adversidades climáticas e ataques. Então o Sr. C. explica que para os criadores, manter os porcos soltos pelo espaço de criação é algo desejável, dado que assim, o bicho não causa tanto incomodo quanto confinado em uma baía. Estando livres, podem se alimentar, se hidratar e se refrescar de maneira a reduzir a demanda por cuidados.

Além disso, o Sr. C. conta que as pessoas que residem na comunidade estão habituadas a tratar e conviver com os porcos, e isso se deve a proximidade com que circulam e a experiência acumulada em práticas de criação. Em virtude disso, costumam reconhecer que o bicho é dotado de um nível de inteligência, sendo capazes de reconhecer seus donos, casas e horários para receber alimento, de forma que essas características são utilizadas em favor da criação do animal. Por esse motivo, os criadores os suplementam desde pequenos, onde durante o

processo, os leitões se tornam capazes de sair e voltar sozinhos para residência de seus donos.

O Sr. C. me convida para participar do café da manhã em sua casa no dia seguinte, onde posteriormente, poderia ajudá-lo a alimentar seus porcos e galinhas. Então cumprindo com o combinado, ele me recebe por volta das 05 horas, portando em mãos uma cuia, ele explica que não consegue começar um dia sem antes tomar seu chimarrão. Nos acomodamos ao redor de um fogão a lenha recém aceso, ao passo que sua esposa colocava a mesa repleta de alimentos cozidos e coletados ali mesmo no faxinal. Logo após nos alimentarmos, foi a vez de alimentarmos as galinhas e dos porcos. Saímos por volta das 6h30 ao pátio para realizar o trato dos bichos.

Imagem 12 – Alimentando as galinhas na residência do Sr. C.



Fonte: Autoria própria (2019).

As galinhas foram alimentadas com sobras e grãos de milho descartados das hortas produzidas para o consumo próprio. Logo após a realização dessa tarefa, nos dirigimos até uma estrutura de madeira, onde haviam dois porcos confinados esperando para receber comida. Indaguei o Sr. C. sobre tal fato, e então, ele

explicou que os animais passavam a maior parte da vida soltos no criadouro, mas que era necessária uma fase de confinamento antes do abate. Nesse período, os bichos passam pelo processo de “limpeza”, aonde recebem as medidas sanitárias, como a ingestão de medicamentos para eliminar possíveis contaminações e adequá-los para o consumo humano. Além disso, são alimentados com maior frequência com o intuito de estimular o aumento de peso. Nessa fase os bichos recebem, principalmente, espigas de milho e uma mistura de sobras de cultivo chamada de “quirerão”.

Nesse momento, aproveitei para perguntar como era tomada a decisão de confinar os porcos e se existia um momento ideal para isso. O Sr. C. explicou que dependia da necessidade de cada criador. Naquele caso em específico, ele havia definido a preparação visando a celebração do natal e do ano novo. Mas que era comum a visita eventual de potenciais compradores, o que em certa medida exerce influência no processo de confinamento dos animais.

Imagem 13 – Porcos em fase pré-abate



Fonte: Autoria própria (2019).

No final da visita, quando estava preparando para me despedir dos anfitriões, chamei a atenção para um suíno relativamente maior que os demais, pastando próximo ao cercado da residência. Se tratava de um reprodutor de propriedade do vizinho do Sr. C. Questionei-o a respeito do fato desse reprodutor estar se alimentando junto dos seus animais, imaginando que possivelmente se tratasse de um evento incomodativo, ele sinalizou negativamente. Alegando então que, fazia questão de alimentar aquele porco com frequência. Em seguida explicou que um bicho como tal, por vezes servia como inseminador em até 20 residências diferentes.

Na sequência, o Sr. C. explicou que a união é necessária entre os moradores do faxinal, tendo em vista o fato de que compartilham o espaço para criação, aonde os animais ficam soltos. A zona de criação é uma junção das áreas em propriedade privada dos habitantes, mas que permanece acessível aos bichos, uma vez que se tem por costume cercar apenas o perímetro residencial. Desta forma, o espaço pode ser utilizado coletivamente por qualquer morador que tenha interesse em criar animais. Além disso, existe um cercado que circunda toda a área do criadouro, evitando fugas do espaço delimitado.

Para fazer uso do criadouro basta apenas morar dentro do faxinal, conquanto que cumpra alguns combinados informais básicos, relatados pelo Sr. C. como: garantir a suplementação de seus animais; ceder parte cabível de sua propriedade ao criadouro; se dispor a resolver contingências relativas aos bichos, como acidentes e ataques; além da participação em atividades de manutenção do cercado e dos “mata-burros”.

Em visita realizada posteriormente, enquanto caminhava pela área do criadouro comunitário, encontro o Sr. A. parado em frente à sua casa observando uma porca pastando junto de seus filhotes. O homem faz barulhos com a boca buscando se comunicar com o bicho. Calmamente, o animal caminha em sua direção. Ele então acaricia seu pelo e, notando minha presença, me explica que se trata de um bicho manso. Em seguida descreve o comportamento da matriz, afirmando que se não fosse pela presença dos leitões, ela estaria passeando procurando frutas no chão, o que revela conhecimento a respeito dos hábitos de sua criação.

Na sequência, o Sr. A. desenvolve a explanação, afirmando que os porcos passam boa parte do tempo fuçando a terra, mas que esse comportamento se

tornava problemático nas proximidades da cerca como mostrado na figura 17, uma vez que a danificavam com frequência. Boa parte do trabalho que envolve o criadouro comunitário diz respeito ao monitoramento e reposição de áreas comprometidas do cercado, como palanques fragilizados e grades deterioradas.

Imagem 14 – Leitão caminha próximo do cercamento



Fonte: Autoria própria (2019).

Sobre a questão da manutenção da cerca, ouço o Sr. A. explicar que, desde tempos remotos, há um combinado entre os moradores, estabelecendo que cada sujeito deve ser responsabilizado por fiscalizar e reparar determinada fração do cercamento, com objetivo de prevenir a fuga dos animais. Apesar de cada morador receber atribuições específicas, a maior parte dos trabalhos de manutenção acontece através dos eventos de puxirões, em que os moradores voluntários se reúnem para a realização de reparos em grandes extensões do cercamento. Esses eventos requerem uso de força manual e são extremamente desgastantes, como sugere o Sr. A. Entretanto, também funcionam como pretexto para socialização entre

os envolvidos, sendo comum que pessoas frequentem os puxirões apenas para interagir e contar histórias.

Ao fim desses relatos, me despeço do Sr. A. e deixo o faxinal. Dias após, procuro assimilar as informações observadas em campo a respeito da conexão entre o modo de criação de animais e o estilo de vida nesse local. A oportunidade de participar diretamente de parte das tarefas relativas à criação, me permitiu reconhecer que esse modo de produção possui um sentido contextual impossível de ser dissociado dos elementos particulares que compõe o território do faxinal.

Dentre as particularidades notadas nas visitas ao território, percebi a influência da tradição, do contato com a natureza particular do espaço, o modo singular de abordar contingências e tomar decisões. Estes elementos revelam que as preocupações demonstradas pelos criadores se alinham a questões de valor substantivo e contextualizado. Não constatei, durante as visitas interesse aparente na promoção da racionalização dos procedimentos que envolvem o processo produtivo, manifestos pelos criadores.

Por fim, esse relato com base na observação participante, procurou apresentar as principais características do modo de criação de animais, especialmente porcos, no criadouro comum no território do faxinal. Foram relatados aspectos de natureza espacial geográfica, histórica, de manejo, nutricional, sanitária, confinamento e abate, além de manutenção do espaço. De modo geral, foi possível observar que as práticas de trabalho no criadouro comum, são orientadas predominantemente por convenções de origem tradicional, que apontam para a existência de limites a eficiência técnica. A sessão seguinte, procura aprofundar as informações obtidas em campo no sentido de compreender melhor os limites na organização faxinal.

4.4 Limites a eficiência técnica no modo de criação de porcos tradicional do faxinal

Nesta sessão apresenta-se a principal descoberta deste estudo, que é a existência de limites a eficiência técnica no contexto da criação de porcos soltos tradicional do faxinal. Diante disso, se procura ainda que de maneira não exaustiva, identificar em ambos os faxinais os fatores que representam tais limites. Para isso, é considerado o conceito de técnica, de modo a abranger a oposição entre operação e

fenômeno técnico, bem como as características da técnica, conforme apresentadas por Ellul (1968), além dos dados e observações de campo.

Os limites encontrados foram divididos a partir de duas dimensões: os limites operacionais e os valorativos. Os limites operacionais, dizem respeito a um conjunto de características do modo de realizar as tarefas relacionado com o estabelecimento de critérios de racionalização, direcionados para maior produtividade. Os limites valorativos dizem respeito a determinações substantivas presentes nas atividades cotidianas do modo de produção, as quais se baseiam em elementos de natureza moral e ética. A seguir serão apresentados os limites operacionais observados:

Ausência de controle sobre o animal: Conforme observado, existem medidas de restrição do espaço territorial, mas de forma limitada, o que prejudica o controle sobre a circulação dos animais dentro do faxinal. Assim, é bem comum que com o passar dos anos as cercas que delimitam a área de criação fiquem danificadas, sendo necessário de frequentes reparos para evitar a fuga dos animais para áreas externas do faxinal.

Com isso, era recorrente o desaparecimento de animais em mata fechada, por vezes sendo realizadas buscas, já que o período de confinamento acontece somente na fase pré-abate, onde só então o animal recebe estímulos para engorda como o aumento da frequência e quantidade das porções de alimentos. Caso contrário, a alimentação dos animais é primeiramente garantida pelas condições naturais do espaço de criação, onde passam vagando pelas áreas acessíveis procurando por comida, água e espaço refrescante. Além disso, os porcos são suplementados com sobras de cultivo duas vezes ao dia.

Diante destas condições, não foram identificadas no modo de produção, tentativas de estabelecer protocolos formais para medição de desempenho entre os animais, tampouco índices de produtividade do criadouro. Por esse motivo os porcos criados no faxinal não são considerados de alta performance.

Também fora constatado pouco controle sobre a reprodução dos animais, ocorrendo frequentemente de maneira não planejada. Não obstante, alguns porcos são selecionados como reprodutores e podem atender a vários residentes. Contudo, não existem métodos para a inseminação artificial, tampouco medidas sofisticadas de estímulo a reprodução, incluindo as que buscam o controle da herança genética.

Ademais, não se teve relato sobre a utilização de um padrão de critérios para determinar o confinamento, abate, meios de conservação e destinação dos derivados finais, estando todas essas decisões a critério do produtor.

Ausência de Automação: No modo de produção do faxinal, não fora constatado a utilização de algum tipo de maquinário tecnológico de alto desempenho, sendo comum o uso de ferramental rústico com prevalência de objetos manufaturados a partir da madeira.

Nas áreas dedicadas para o isolamento e limpeza do porco, na maioria dos casos apresentaram estruturas prioritariamente de madeira, assim como o cercado que delimita a área de faxinal, onde em algumas áreas ainda é possível observar palanques com até 50 anos de uso colocados próximos aos mais recentes de concreto.

Em relação às técnicas de corte, ocorrem de forma manual com o auxílio de facas. O preparo da banha é feito com o uso de panelas fundas convencionais, bem como a utilização de objetos comuns domésticos para o armazenamento do produto.

Ambientação: O modo de criação se caracteriza principalmente pela liberdade dos animais. O animal passa a maior parte da vida sujeito as determinações naturais do contexto da área do criadouro comunitário.

Não existem medidas que impeçam a aproximação de pessoas a área do criadouro, tampouco se nota alguma preocupação com a interação do porco com demais espécies de animais. No período de confinamento, o criador relatou utilizar medidas de controle climático, como o uso de uma mangueira para molhar os porcos com intuito de amenizar o calor. Conseqüente, parte do trabalho cotidiano se trata de atender contingências referentes a acidentes ou ao comportamento dos animais, como: fugas, ataques ou outros tipos de inconvenientes.

Ausência de Formalização: Em ambos os faxinais, foram constatados a atuação da associação de moradores como intermediadora para demandas formais do território, entretanto, atuando com mais ênfase nas áreas jurídica e política. Especificamente no Papanduva de Baixo, a associação procura garantir a aplicação da legislação para o recebimento do ICMS ecológico.

No Faxinal Emboque, a associação atua fazendo frente política em eventos em prol da defesa e resistência da cultura faxinalense, de forma que já apresentou

projetos para obtenção de recursos filiados a responsabilidade social de empresas, sendo bem-sucedida nessa empreitada.

Entretanto, suas atividades não interferem com medidas para aumento de produtividade. Além do mais, é firmado pelos moradores um acordo comunitário formal, onde a principal regra de manutenção do criadouro diz respeito a limitação da quantidade de porcos de propriedade para cada família.

Desse modo, constata-se que em ambos os casos, não existem procedimentos formais ou posições hierárquicas determinadas com objetivo de aumento da produtividade no criadouro comum. Tampouco, o estabelecimento de metas ou controle contábil, sendo que, as medidas de produtividade no espaço são determinadas pelos critérios informais estabelecidos por cada família.

Com base no exposto, as restrições ao controle sistemático dos animais, ao uso de maquinário de primeira linha, ao controle ambiental e a ausência de formalização, caracterizam fatores operacionais que não impedem que a produção aconteça em certa medida, mas que representam limitações a eficiência técnica.

Diante disto, segue as observações apresentadas do ponto de vista das limitações valorativas encontrados nesse modo de produção tradicional dos faxinais. Os limites valorativos a eficiência técnica no modo de criação de porcos, estão representados a partir de três principais aspectos: em primeiro lugar o afeto pelo animal, em segundo, a preservação das condições naturais e por fim, o conjunto de hábitos, expostos nos subtópicos a seguir, respectivamente.

4.4.1 Afeto pelo animal

Imagem 15 – Porco na entrada da residência



Fonte: Autoria própria (2019).

“No faxinal o animal faz parte da família [...]” (FAXINALENSE H).

Com o decorrer do tempo e do amadurecimento desse modo de produção, foram constituídas formas particulares de compreender e tratar o animal. É possível perceber que há o reconhecimento de sua importância para o estilo de vida nesse contexto, o exemplo disso se dá pela condição de liberdade do animal e a proximidade com que circulam entre as pessoas, como exemplificado na figura 18, acima. De forma que são tidos como integrantes da cultura local:

O pessoal que lida com isso, ele vive isso, ele tem na essência, na cultura, o jeito de produzir o porco, os alimentos, não é só comprar e pagar... Pra eles é só um produto e não importa se eu tive prazer ou não, se tem um valor emocional, eles compram, ta aqui o dinheiro e acabou. Você sai quase ofendido (FAXINALENSE E).

Sendo assim, é possível observar que existem medidas que confrontam o rigor técnico em sua criação, as quais levam em consideração a vida do animal:

Quando encontraram vírus nas matrizes que tavam aí com o vírus, isso deu confusão... Mesmo assim teve gente que escondeu pra não matar, então é difícil, teve pessoas que se desesperou, choravam e outros queriam brigar. Entra o apego ao animal também, né (FAXINALENSE H).

Quando fizemos a experiência dos chiqueiros, as porcas dele preferiam o chiqueiro velho, mais simples. É uma questão de costume, às vezes pro animal dormir na terra é mais quente do que dormir no chiqueiro e isso vai de encontro com as pessoas, não dá pra chegar e fazer um vazio sanitário no faxinal. Isso não vai acontecer (FAXINALENSE K).

De forma parecida, há valoração da liberdade do porco, havendo certo grau de autonomia quanto a nutrição e reprodução. O espaço de circulação permite contato com recursos naturais que lhe sejam agradáveis, e possibilidade de desenvolver relações sociais particulares de sua espécie, com pouca interferência humana.

É possível identificar também que, alguns moradores se sentem pessoalmente realizados por participar da criação:

Você poder ter um ovo, fazer chocar, ver o pintinho, uma vaca, a gente parece que participa junto, quando elas tem leite, fazer queijo e ta tirando por que não pode deixar, daí você faz aquilo lá. Uma porca quando da cria, daqui a pouco aquele bando de leitão, eles crescem, você tem carne e é a gente que é responsável por isso (FAXINALENSE N).

Entre a busca pela eficiência produtiva e desempenho operacional, os faxinalenses consideram em primeiro lugar o afeto existente entre eles e sua criação. Sendo assim, o limite a eficiência técnica se constitui na medida em que a empatia pela vida do animal é considerada um fator que relativiza o desempenho no modo de produção.

4.4.2 Preservação das condições naturais

Imagem 16 - Faxinalense apresenta árvore centenária.



Fonte: Autoria própria (2019).

Aqui é muito mais tranquilo, aqui a noite é um sossego. É tua conversa e um bicho que faz barulho [...] (FAXINALENSE E).

É notório a preservação das condições naturais com um aspecto de relevância dentro do contexto do modo de criação de porcos tradicional no faxinal,

como mostrado na figura 19, acima. A consciência ambiental é um fator que influencia tanto as condições de produção, quanto as disposições sociais do território: *“Tem o pessoal que dá valor assim pras árvore. Os pequenos tudo eles, os grande plantador que não dão bola (FAXINALENSE G)”*. Para alguns moradores não se trata apenas de manter a atividade de criação, mas de reconhecer a relevância ecológica do espaço:

Boa parte da população aqui ainda preza pelo ambiente. A gente acredita que se acabar o faxinal isso aqui ta desmatado, roendo aos poucos. Boa parte da resistência não é por causa só do porco, mas é por que você consegue manter a floresta, as nascentes. Boa parte tem essa consciência (FAXINALENSE K).

Existem fatores reconhecidos historicamente que contribuíram para a diminuição do espaço da área de faxinal, resultando na redução do acesso a rios, nascentes e diminuição da floresta nativa, o que torna escasso o alimento aos animais. Nesse sentido, é observada sinergia entre as atividades produtivas que dependem do espaço, ocorrendo por meio de medidas que procuram aproveitar sobras de cultivo na criação: *“Eu planto verdura, batata, sem muito refugo, mas tem cara que planta e da quase metade. Ele pode usar pra tratar os bicho, não tem perda, desperdício (FAXINALENSE H)”*.

Com base no que afirma outro morador, é possível reconhecer que o modo de criação ajuda a conservar a riqueza ambiental da região sem necessariamente sobrepor os interesses produtivos à preservação do meio ambiente: *“Mas o nosso pensamento não é só por causa dos porcos. Tudo esse mato aqui é bom pra ter água. A hora que acabar a criação vão destocar tudo isso aqui, vai acabar a água e o ar puro (FAXINALENSE G)”*.

Também se fez possível observar um caso específico em que um habitante realizou a aquisição de um terreno dentro da área de faxinal com a intenção de mantê-lo adequado para a prática do modo de produção tradicional:

Eu sempre fui de gostar do mato, essas bracingas eu que plantei, comprei os terrenos pra recuperar, esses tem faz uns 15 anos. Eles derrubaram pra fazer destoca, eu não deixei, fiz usucapião legalizei. Ali é feito pra eles andar, deixei mato recuperar pra bicharada andar. É só pra cavalo não entrar por que ele descasca pinheiro, dai não nasce se eles entrarem (FAXINALENSE G).

Além disso, as determinações naturais são condicionantes das atividades de criação, sendo a principal característica desse modo de produção a utilização do recurso em estado natural. Nesse sentido, o aspecto de preservação das condições naturais está relacionado a viabilidade do modo de produção pelas possibilidades naturais do espaço onde os animais ficam soltos:

Eles [porcos] acham comida aí por tudo... Depende da época já começa a sair fruta, pinhão, eles já comem e você gasta menos milho. Agora tem época que tem pouco, daí tem que dar mais milho, por que não tem no faxinal... Tinha um aí que queria botar cerca nos banhado, falaram não. Você cria o bicho pra ter que dar água na mangueira daí? (FAXINALENSE C, acréscimo nosso).

Conforme exposto, é possível reconhecer que o limite a eficiência técnica pode ser observado a partir da importância dos aspectos naturais e geográficos. Esses elementos se encontram inseridos na dinâmica de reprodução do sistema de modo com que se regulam as possibilidades desse modo de produção.

4.4.3 Conjunto de Hábitos

“Primeira coisa é tomar um chimarrão, trato os porcos e tomo um café” (FAXINALENSE G).

O modo de criação de animais tradicional do faxinal ocorre com base em um conjunto de hábitos vinculados a saberes locais específicos: *“As pessoas daqui criam porco e gostam de criar desse jeito... Eu crio porco e é bom do jeito que é criado, assim solto (FAXINALENSE Q)”*. Esses saberes dizem respeito a procedimentos que asseguram a nutrição, reprodução, confinamento, abate e conservação dos porcos:

Ai você trabalha na roça tem alguma coisa que você planta e não dá pra consumo humano, você leva pros porco e eles comem muita coisa que da na roça fica de alimento pros bicho. As vezes a gente chega com a carroça cheia pra dar pros bicho. Isso já é uma refeição, agora ficar medindo comida sabendo quando vai comer isso já é um sistema de agronegócio dos porcos de granja, aqui a gente não liga pra essas coisas (FAXINALENSE H).

As práticas de produção ocorrem de maneira a desconsiderar medidas técnicas não habituais, conforme explica a Faxinalense K:

A criação de suíno intensiva é vazio sanitário, lança chama, deixar uma semana sem animal, mas no faxinal não funciona, não adianta... O Jonas

falava pros produtores medirem o alimento que dava a tarde e de manhã pros animais e isso já era difícil. Por que o pessoal não tem esse costume.

É possível observar que as práticas realizadas por meio desse modo de produção representam uma zona de conforto para o criador: “O pessoal aqui é mais ambientado com a prática desse lugar” (FAXINALENSE E).

Além disso, trata-se de um costume que é considerado adaptado e defendido por parte dos moradores:

Se for de analisar, os primórdios de organização do faxinal é uma tecnologia muito grande e foi se construindo ao longo da história, tem sua dinâmica própria (FAXINALENSE E).

A dinâmica de produção se mostrou alinhada com a prioridade do consumo familiar, e só então, sendo considerada como opção para a comercialização de excedentes. Sendo assim, não foram constatadas medidas de melhoramento no criadouro com objetivo de atender a determinações mercadológicas. Também puderam ser identificados desajustes quanto a atribuição de valor a certas particularidades:

“Ah” quero comprar um produto de faxinal. Mas como você vai por preço num porco que andou livre, comeu uma fruta, que faz parte de um conjunto que valoriza árvore, água, o conjunto das espécies, o sossego do cara de tarde, que não tem preço, mas que tem um valor (FAXINALENSE E).

Em síntese, esse modo de criação se caracteriza pela prevalência das condições habituais de produção e comercialização, de forma que se mostra estranha a incorporação de medidas formais e de aderência ao controle técnico baseado em cálculos, registros e padronização.

As atividades são organizadas e reproduzidas através de um conjunto de hábitos, os quais se manifestam nas práticas do modo de produção e prevalecem na reprodução de tarefas. Dessa forma, a prática produtiva se mostra alinhada ao cumprimento das práticas informais familiares ao processo produtivo, que não tem por intenção reproduzir uma lógica que priorize a eficiência técnica.

Assim, retomando os aspectos abordados nesse capítulo, é possível constatar a existência de limites a eficiência técnica no modo de criação de porcos tradicional do faxinal, os quais se apresentam como características dos fatores produtivos. Nesse sentido, foram elencados limites a eficiência técnica a partir de duas dimensões: os limites operacionais e os limites valorativos.

Na primeira delas, a ausência de controle sobre o animal, a ausência de automação, a ambientação e a ausência de formalização; representam fatores limitantes a eficiência técnica no que diz respeito a critérios de racionalização direcionados para o aumento de produtividade. Quanto a segunda, os limites valorativos trataram de aspectos ligados a determinações substantivas nas atividades cotidianas do modo de produção que se manifestaram através do afeto pelo animal, a preservação das condições naturais e o conjunto de hábitos.

O reconhecimento de limites a eficiência técnica como elemento central na criação de porcos soltos está vinculado a aspectos estruturantes da vida no faxinal. Esse assunto será investigado com maior profundidade na seguinte sessão.

4.5 A cultura como aspecto estruturante da organização nos faxinais do Papanduva de Baixo e do Emboque

Tendo em vista a apresentação dos aspectos gerais da organização faxinalense, o modo de criação de porcos e a constatação de limites a eficiência técnica nesse processo, se faz necessário olhar para dimensões que definem a existência desses limites. Nesse sentido, a cultura chama a atenção pelo modo como manifesta práticas tradicionais através dos valores compartilhados, saberes e costumes.

O estabelecimento dessa categoria não tem a pretensão de exaurir todos os elementos culturais que compõe o faxinal, mas retratar em profundidade o vínculo tradicional presente nesse modo de organizar. A exploração minuciosa das principais características culturais nos faxinais, revelou a existência de relação com os limites a eficiência técnica. Tais limites estão imbrincados no modo como as pessoas interpretam o contexto, se relacionam com o espaço e desempenham suas atividades.

Ao falar da cultura local, podemos estar ao mesmo tempo nos referindo a outros elementos importantes como o trabalho ou conflitos pela manutenção dos faxinais. Portanto, é necessário enfatizar que não há nas realidades locais um elemento fixo que separe claramente quando se está falando de uma coisa ou de outra. Sendo assim, esses elementos não podem ser ignorados, ainda que não necessariamente sejam o foco dessa sessão.

O modo como refere-se a cultura, diz respeito a acordos de convivência. Isto é, valores compartilhados, como saberes e costumes do faxinal. Os três tópicos e suas subdivisões serão abordados nesse capítulo. É pertinente ressaltar que existe uma cultura específica que diz respeito ao território faxinalense, sendo o principal elemento que retrata a tradição, e se estrutura a partir da necessidade da criação de porcos, a qual se mostra distinta de áreas rurais que não apresentam o uso comum de terras.

Esse capítulo tratará de abordar em três pontos principais os tópicos que ilustram os fatores culturais. Eles são apresentados, respectivamente como: (a) valores compartilhados; (b) saberes; e (c) costumes. Cada um deles contendo suas subdivisões.

Se tratando de, (a) valores compartilhados nesse espaço, destacam-se:

1. Relação de dependência com os animais e a terra;
2. Organização de trabalho pelo núcleo familiar;
3. Relação de afinidade com os vizinhos.

A **relação de dependência com os animais e a terra** é ilustrada por meio da prática de produção de subsistência. Esse modelo se desdobra em dois núcleos de atividades de trabalho, o plantio e a criação de animais. Sendo possível afirmar que no primeiro predomina a prática de lavouras orientadas pelo modelo capitalista, essas lavouras têm objetivo de produzir a maior parte da renda das famílias. Um segundo desdobramento ainda dentro desse núcleo de trabalho, são os quintais, neles são produzidos alimentos para consumo próprio.

O segundo núcleo de atividades de trabalho é a criação de animais soltos. Ele é orientado pela lógica da tradição local, a qual está fundamentada na necessidade de criar porcos para sobreviver. Esse entendimento pode ser considerado o denominador comum da cultura faxinalense. Com base nisso, se estabelecem normas de convivência que foram observadas em ambos os faxinais:

Cada um tem o seu lote de terra que ele pega a tela e você conserta né... então, cada um tem aquele pedacinho e daí conserva né (FAXINALENSE L).

Então como eles fizeram: eles repartiram a cerca, né. Vamo contar quantos moradores têm, contaram os lanço de cerca, você fica cuidando aí de tantos lanço de cerca, um fica com um tanto e outro com um tanto, né... (FAXINALENSE I).

Dessa forma, cada morador possui a responsabilidade de zelar pela manutenção do criadouro comum. Quando há necessidade de reparos maiores na cerca, o trabalho demanda maior envolvimento da comunidade. A prática do puxirão ou mutirão, reunia um grupo de moradores que realizavam a manutenção em extensas parcelas de cerca. Atualmente, em ambos os casos, essa prática tem acontecido com pouca frequência e menos engajamento, liderada por indivíduos mais motivados:

A manutenção da cerca cada um ia pegar tela lá, que eu peguei daqui, dai eu fiz, mais ou menos uns... não me lembro... eu mesmo peguei os vizinho, que moram aí... pois é, então é uma parte, que é uma comunidade unida. Dai pra funcionar, porque se for desunido não funciona (FAXINALENSE C).

Conforme explica outro morador, a cerca requer atenção, ela necessita ser constantemente observada para que o criadouro não tenha problemas com animais escapando:

Tem que cuidar, prestar atenção, seguido ir ver e quando é um serviço grande tem que pegar mais gente. Que nem você falou, puxirão a gente fazia, que nem ano passado nós fizemos ali, 3 quilômetros de cerca, 3 quilômetros (FAXINALENSE A).

Os eventos de mutirão além de serem importantes para a manutenção objetiva do sistema, também são eventos sociais importantes para a comunidade:

Época mais de *força* ai que a turma da lavoura ai de setembro até fevereiro, *a gente trabalha* demais, é muito serviço, tem que trabalhar, é época e depois já mais no inverno ai é *servicinho* assim, dai que é época de mexer com cerca. Ah nós *fiqemo* dois mês fazendo cerca... (há grupo de faxinalenses) que mais toma conta, dai a gente convida o povo eles vem *uns meio dia* assim sem compromisso... por que dai vão sem compromisso, sem interesse, não é que tem que fazer aquilo mas vai, o povo vai pra conversar, contar caso, tomar uns gole... É muito bom, Deus o livre, o dia que acabar o criadouro ai, eu vou morar na cidade dai... nós temos casa na cidade, terreno lá mas não dá pra deixar o interior (FAXINALENSE A).

Por mais relevante e central que a prática de manutenção da cerca seja para a cultura e existência do faxinal, essa norma tem sido violada ou negligenciada dentro do contexto do Papanduva de Baixo:

Aqui nós temos ajuda, digo nós não, o faxinal, a associação, do ICM ecológico, ai eles mandam material. O povo tem preguiça de fazer cerca, mas é só a mão de obra. Por que material vem do ICM ecológico, tela, palanque... (FAXINALENSE A).

Essa afirmação é corroborada por outro morador que denuncia o descumprimento da norma cultural: “[...] as cerca tão caindo tudo já né, ninguém quer fazer... Um arruma, o outro não arruma, e assim vai né” (FAXINALENSE M).

No Faxinal do Emboque a questão é delicada a sua maneira. A associação não recebe material de manutenção para a cerca:

Pela área do faxinal o município recebe royalties e por lei ele teria que repassar 80% desses royalties pra associação e eles não repassam nada (FAXINALENSE H).

Contudo, existe um grupo coeso que toma partido das ações necessárias para manutenção:

Ainda tem gente de boa vontade... O faxinal é isso aqui, enquanto tiver 5 famílias criando, e arrumando as coisas ele vai ter (FAXINALENSE I).

Frequentemente os esforços para preservar o criadouro no Emboque são referidos como “teimosia”, como ilustra o relato a seguir:

Diminuiu pra mais da metade... eles foram lá e cortaram a cerca, nós vimos quando começou a sair porco lá. Dai desmanchemos e mudamos pra cá. Então é a teimosia né. Nós vamos teimando e estamos aí até hoje (FAXINALENSE I).

Em ambos os casos, pode-se observar que há um grupo de moradores que tomam a liderança para conduzir as ações de resistência pela defesa da tradição no faxinal.

A relação de dependência com a terra e com os animais, significa que a extração direta de recursos naturais é o modo de suprir suas necessidades de existência. Diante disso é seguro afirmar que a cultura do território faxinal demanda que os faxinalenses sejam agricultores e criadores de animais, pois essas características garantiriam a reprodução da comunidade historicamente, com o passar das gerações. A criação de animais no criadouro comunitário e o plantio de subsistência não produzem efeitos danosos em escala, no que diz respeito ao impacto sobre o meio ambiente. Essa organização depende de florestas saudáveis para que os animais se alimentem mais e melhor quando soltos.

Por esse motivo, é possível observar que pelo menos entre parte dos moradores, existe um afeto particular pelas árvores, plantas, rios e os animais:

Pois ele é bonito [faxinal], por que o ar, você veja né, tudo verde, tudo bonito, não tem poluição, não tem nada né (FAXINALENSE L, acréscimo nosso).

Se a gente conversar com o povo eles respeitam mais o que é do outro, um porco, um bicho. Essa vaca aqui ela não é minha. Se um bicho vem na minha casa e ta comendo junto com os meus a gente alimenta com essas *batacinha desclassificada*, é bonito porque os *porco* do vizinho comem junto. Assim o ser humano mesmo tem uma relação de respeitar um ao outro que é diferente, assim como a gente vê na televisão, cada um no seu quadrado você pisou aqui, já vai querer matar. Aqui o povo mata porco e manda um pedaço carne. Às vezes você nem espera, chega em casa e ganha um pedaço de carne então é essas coisas (FAXINALENSE N).

Também existe preocupação com a degradação dos recursos naturais:

Como diz aquele, [precisa] uma segurança pra não desmatar a árvore nativa... ai aconteceu aqui pra cima, tem gente: eu não quero pra mim e não vou ajudar pra ninguém. Tão trancando até as sangas... eles jogam a terra e plantam por cima, 2025 vai faltar água. O que né, a gente tá sabendo, por que tá acontecendo isso? Tão destruindo tudo as nascentes. Não tem mais nascente nesse rio (FAXINALENSE C, acréscimo nosso).

Quando se trata de natureza, nem sempre o assunto é abordado pelo viés da preservação. No seguinte trecho, o Sr. C. apenas conta uma história sobre as árvores nos fundos da sua casa:

Olhe esses pinus aqui, tão com mais de 50 anos, meu pai plantou... veio uns 10 mais menos, comprar aqui. Me ofertaram, né. Me ofertaram 16 conto. Eu olhei e disse eu quero o que? Mas não vendo e não da e não... veio de Imbituva, de Irati, faz um ano ou dois, vieram aqui e olharam por que não existe pinus nessa grossura. Olhe isso da madeira só de primeira né, por que hoje pinheiro não. Então precisam dessa madeira. E eu: venha cá, e o que que eu quero? [risos] (FAXINALENSE C).

Imagem 17 - Pinus plantados pelo pai do Sr. C



Fonte: Autoria própria (2019).

Durante a mesma visita, pouco tempo depois de ouvir a história sobre as árvores mostradas na figura 20, logo acima, o Sr. C, nos convidou para conhecer o “Pinheirão”. Segundo ele, trata-se de uma árvore milenar, única dentro do município de Prudentópolis. Ele explica que uma grande marca horizontal que percorre o tronco é o sinal deixado por um raio que atingiu a madeira em tempos antigos:

Quando não existia gente nenhuma aqui. Já existia ela aqui... mais de 1000 anos. Do começo do povo, to contando, se veja eu já to com essa idade (76) já era assim... mas isso aqui olhe, 1924 que meu pai veio, já era assim. Ele não cresce e o pinhão que ele da assim, uns *pinhãozinho* assim, você não come, é resina... e diga o que é esses risco... *Curisco* de raio... bateu e deu só na casca, olhe só o que fez... mas olhe, ele riscou a casca e abriu. Deu de *resbalo*... aqui dentro do município de Prudentópolis não existe mais desse tipo de pinheiro (FAXINALENSE C).

Enquanto o *Pinheirão* era observado (Imagem 18, a seguir), o Sr. C. lamentou por outras árvores semelhantes que foram extraídas, fazendo o seguinte comentário:

Tinha mais ou menos... tinha uns 2000 pinheiro desse aqui. Que uma laminadora levou um ano pra tirar tudo (FAXINALENSE C)

Imagem 18 - "Pinheirão"



Fonte: Autoria própria (2019).

O segundo tópico sobre os valores compartilhados diz respeito a **organização do trabalho a partir do núcleo familiar**. Essa estrutura se baseia principalmente na relação monogâmica de orientação conforme preceitos da igreja

católica. Nesse sentido, o gênero tem papel relevante na distribuição de responsabilidades, tarefas e direitos. A divisão denota inclinação patriarcal no cerne da família, sendo o componente do sexo masculino mais propenso a assumir posições de liderança.

Entretanto, isso não implica que homens tenham mais responsabilidades quanto a volume de trabalho. É possível observar que essa divisão de gênero por mais que de fato implique distinção, possui espaço para flexibilização, não podendo ser interpretada como uma determinação. Nos cuidados da lavoura, homens e mulheres dividem as mesmas tarefas quanto a manutenção, plantio e colheita:

É que aqui também as mulher tudo vai pra roça, não tem o seu tempo de ir né. Tem que se programar. É bastante fumo, tudo mundo tem fumo (FAXINALENSE O).

Contudo, essa atividade é a principal responsabilidade dos homens, sendo eles encarregados de coordenar as tarefas que demandam força de trabalho. Normalmente são eles que administram negociações e organizam as tarefas. Nesse sentido, a mulher é normalmente considerada uma ajudante no contexto da lavoura, visto que sua principal responsabilidade são os cuidados do lar. Os filhos regularmente também são inseridos como ajudantes nesse contexto, onde é comum que parentes e vizinhos sejam empregados como diaristas eventualmente, nesses casos recebendo recompensa financeira.

O trabalho referente a manutenção da residência é considerado a principal responsabilidade das mulheres. Sob seus cuidados ficam as incumbências de preparar a maior parte dos alimentos em todas as refeições, realizar tarefas de limpeza e organização da casa, maior parte dos cuidados com os filhos e ainda, frequentemente são encarregadas da manutenção dos quintais e hortas próximas das residências. Os homens, normalmente são encarregados da manutenção do espaço físico, realizando consertos e outras atividades paralelas.

Os cuidados com a criação de animais são variados. Quem realiza o tratamento diário dos porcos e das outras criações é determinado por arranjos variados dependendo exclusivamente de cada família. A situação muda quando se trata do confinamento pré-abate. Essas atividades na maioria das vezes são coordenadas pelos homens. A comercialização de produtos de origem animal

oriundos do criadouro, a manutenção das cercas, as reuniões promovidas pela associação, são atividades quase exclusivamente masculinas.

No faxinal do Emboque há uma atividade que destoa das demais: a Cozinha das Mulheres, uma operação promovida como atividade da associação de moradores e conduzida por mulheres faxinalenses. A organização do trabalho nesse contexto é mais orientada pela identificação de gênero do que pelo núcleo familiar propriamente.

Quanto as relações entre pais e filhos, se mostrou notavelmente determinada pela autoridade:

Meu pai era ucraniano, olhe, meu avô veio da Europa, meu pai era aqueles ucraniano duro. Se ele mandasse *nóis* fazer uma coisa lá, buscar, só traga tal coisa, era *vapt vupt*, senão o *pau comia* (FAXINALENSE C).

Em geral os filhos obedecem às determinações dos pais e tem responsabilidade de ajudar nas tarefas de trabalho, sejam elas na lavoura, no lar ou na criação de animais. Baseado nos dados coletados em campo, não se pode fazer afirmações sobre a relação dos jovens com escolaridade em tempos remotos. Contudo, atualmente, a principal responsabilidade dos filhos é a educação formal. A partir do momento que se mostram proficientes nas habilidades requeridas, procuram estabelecer suas próprias residências e núcleos familiares.

O terceiro tópico que tange os valores compartilhados diz respeito a **relação de afinidade com os vizinhos**. Dentro do faxinal as pessoas se conhecem bem, sabem sobre particularidades da vida dos vizinhos, a história das famílias, dos sobrenomes, o modo como trabalham, além de manter práticas de entretenimento em conjunto como visitas e rodas de chimarrão:

[...] Não, aqui no mato ainda a gente visita um o outro, mas na cidade ninguém conhece ninguém, né (FAXINALENSE L).

Manter vínculos estreitos com outros moradores é o que possibilita o uso comum dos recursos, dos espaços de terra e a criação de animais soltos. Manter a boa relação com os vizinhos é manter a comunidade unida, como explica um morador do Papanduva:

Aqui o povo tipo é, tirou esse homem que tem *esses terreno*, o resto do povo não tem cara, é muito bom de lidar, o povo é muito unido. Antigamente faziam mutirão pra fazer *essas cerca*, sabe? Do vedo. Então reunia ai 15, 20

peessoas pra fazer cerca, dai agora depois que foi mudando e dai a gente dá tela e o povo vai fazendo devagarzinho, mas vai fazendo (FAXINALENSE B).

Contudo outro entrevistado, morador do Emboque, observa que manter a relação próxima com os pares envolve uma complexidade maior atualmente:

Antigamente o pessoal tinha vida comum né, comum-nidade. O problema do meu vizinho era o mesmo que o meu, era o porco na roça, era a aspiração dele a mesma, era ter alguma coisinha pra viver e só isso. Hoje em dia tem o vizinho que quer ser fazendeiro, quer trabalhar por um trator que custa 500 mil, uma colhedeira de 1 milhão, de repente, tem aquele que já não tem um pedaço de terra que ela possa trabalhar pra fazer agricultura, então já vai trabalhar na cidade, então já divide, segmenta... a gente tem uma política de boa vizinhança, mas os desafio já não são os mesmos e antigamente era comum, o meu e do vizinho era o mesmo, né (FAXINALENSE E).

A relação amistosa entre os membros da comunidade é um elemento fundamental para a manutenção do criadouro. Além de promover o conserto da cerca, também favorece o respeito pela criação de propriedade alheia. O animal do vizinho circulando dentro da sua propriedade não é causa de incomodo, existe uma noção de reciprocidade, pois o seu porco também circula pelo terreno do vizinho. Em alguns casos é comum até alimentar bichos de outras pessoas:

Não, [incomoda]. Veio um reprodutor ai do vizinho e os porco também né, querem fazer enxerto né, ai eles, a gente dá alimento pra eles né, fortificar, né. Não é [incomodo], olhe aí tem porco, tem gente cuidando e porco de raça, né. Daí é bom porque quando é da mesma criação... (FAXINALENSE C, acréscimo nosso).

De maneira geral, a relação com os vizinhos é importante para manter as regras das comunidades. Quando os interesses dos membros saem de sintonia e passam a ser contraditórios, o território passa a se fragmentar. São os valores compartilhados que asseguram a manutenção da organização com o passar das gerações. Contudo, esses valores também geram características singulares desse espaço de convivência, e dentre os mais notáveis, destacam-se os saberes locais. O conhecimento produzido e repassado dentro desse contexto tem uma importância particular para os moradores. Para alguns não se trata de negar o saber em outros domínios, mas de reconhecer a importância local do conhecimento autêntico da região:

Se for pra ir ali fazer uma cerca, cultivar uma lavoura, saber a época de plantar, se a vai chover ou não vai, como que é o trabalho, o pessoal vive isso, ele vive esse contato... contato com a essência, é uma ligação, o

pessoal tem essa ligação com a natureza, época que vai plantar, que vai podar, que vai colher a roça, ah vou engordar um porco, que lua que dou desverminante, que lua é melhor pra castrar. Pro conhecimento acadêmico muitas vezes isso é irrelevante, mas o pessoal tem isso, ele vive isso (FAXINALENSE E).

Tendo isso em vista, o seguinte aspecto a ser abordado trata de (b) saberes compartilhados no contexto do faxinal. Destaque para os seguintes:

1. Saberes naturais;
2. Saberes residenciais;
3. Saberes medicinais.

Por **saberes naturais**, nos referimos ao conhecimento associado aos ciclos de estação naturais, as plantas e árvores nativas com suas espécies e propriedades, do uso do solo e da água, os animais e seu comportamento. Esses saberes são utilizados de maneira prática e adquiridos por meio da observação, experiência empírica e repassados oralmente. É possível ilustrar alguns deles:

Guavirova agora não tem... pinhão agora não é tempo, é pra mês de abril, não saiu nesse pinheiro que não carregou, eu olhei e disse tá fraco, não enxergo. Ano passado carregou bem *pouquinho* (FAXINALENSE P).

Outros saberes também envolvem o clima e espécies nativas:

E aqui, eu não sei se é por isso, depois que tipo, tem o faxinal, eu vejo lugar que não tem, parece que tem dado tanto vento, o povo fala que as vezes o mato ele segura. O que *os mais velho* contam pra nós é isso, sabe? Que tipo, o mato não deixa passar o vento, ele segura... imbuia⁹ tem, não é bastante mas tem, ali tem uma... essa ali (FAXINALENSE B).

Outros relacionados a água e os animais:

Daí aqui água encanada nós usamos né, lava a calçada, as vezes a roupa, né, trabalho né, da lavoura aqui, que usa água né, pra limpar. Essa água aqui, (mostra um poço) dá 10 metros de *fundura*, esse poço aí tem 100 anos. É do falecido meu avô ainda... água da rua é só pra lavar calçada, lavar roupa, né. Quando ta limpa ainda. Quando metem aquele cloro lá, a criação não toma essa água. Não toma, o bicho é, principalmente o animal, parece que sente né... é água da vertente né, não é água do rio não é água de nada, é da vertente que vêm essa água... tem gente que depois que tomou disse olha, é potável (FAXINALENSE C).

E também ao comportamento dos animais:

É porco comum, é mansinho. Ó agora ela vem (porca). Cada uma dessas *tem 6 leitão*. Aqui é assim, é que nem você viu, e agora tão aqui porque tão

⁹ Árvore da família Lauraceae, típica de florestas ombrófilas mistas da região do Paraná.

com os *leitão*, mas se não, tão no mato o dia inteiro, chega a tarde e cada uma vai pra casa do seu dono (FAXINALENSE A).

Tem assim bastante gente que vem visitar aqui e fica se perguntando, tá mas e o teu porco anda por lá e pra cima, e como é que ele sabe quando ele tem que voltar pra casa? É por que ele sabe que se ele chegar tipo aqui na casa do pai, aqui na frente, ele não vai ganhar a comida dele aqui. Se ele for na casa do ou outro vizinho, ele não vai ganhar a comida dele lá. Ele tem que procurar onde que é a primeira vez que ele ganhou, a segunda vez e daí ele pega isso por hábito. Então ele fica andando por toda a parte, mas a tarde ele sabe pra onde voltar (FAXINALENSE J).

É a partir dos saberes naturais que se estruturam os demais saberes desse espaço. Em segundo lugar, tratamos do **saber residencial**. O qual divide-se em pelo menos três tipos: conhecimento de alimentos e meios de cozinhar; técnicas de cultivo e jardinagem; produção de bens ou arte de modo artesanal. Nesse sentido, pode-se observar que a residência é um espaço de aquisição de habilidades, as quais se baseiam principalmente no aprendizado dentro do seio familiar. O relato a seguir ilustra parte da relação de trabalho com o ofício da carpintaria:

Tem um pouco de maquinário aí... aqui que eu faço *as banquetas* (inaudível) tem furadeira, tenho chave, de jogo de chave... eu trabalhava, antigamente eu trabalhava com meu padrinho, tio da minha mãe. Ele pegava casa pra fazer e eu ajudava, aí fui aprendendo. Daí eu faço... que nem isso aqui ó, daí só acerto pra furar né. Daí parei, fiz *umas par* delas (banquetas) daí você fura e tem as mais curta assim e daí você fura assim, encaixa né, e vai fechando e colando. Esse é imbuia, cheira... essa daqui é peroba¹⁰, peroba acho que é mais duro ainda (FAXINALENSE C).

Não é incomum encontrar um espaço da residência dedicado para a prática de artesanato, a figura a seguir mostra o espaço exclusivo para o trabalho artístico na residência da Sra. F. no Emboque:

¹⁰ Espécie de árvore da família das apocináceas, frequentemente utilizada na confecção de móveis pesados e outros objetos.

Imagem 19 - Espaço residencial dedicado para o artesanato



Fonte: Autoria própria (2019).

Além dos saberes artesanais, é notável a variedade de alimentos produzidos e que são ensinados dentro do espaço residencial:

Aqui única coisa que se você chegar numa casa cedo você não vai achar caseiro é o café, porque nós não podemos plantar porque se plantar a geada mata. Mas diferente, é banha de casa, é pão feito em casa, é margarina muito difícil alguém comer (FAXINALENSE B).

Além do pão e da banha, durante a visita foi possível provar diferentes variedades de geleias, queijos, bolachas, sucos, bolos e doces. Todos produtos caseiros, feitos pelos donos da residência. A figura a seguir mostra um café da tarde no Emboque:

Imagem 20 - Café da tarde



Fonte: Autoria própria (2019).

Os saberes de jardinagem e principalmente cultivo se dividem nas práticas dentro da lavoura e nos quintais. As lavouras, localizadas fora da área de criadouro, permitem um modo de trabalho mais ajustado para as demandas do mercado capitalista. Sendo assim, estão mais condicionadas ao uso de agroquímicos e máquinas pesadas. Por outro lado, os quintais, normalmente localizados nas proximidades das residências são produções que tendem a ser orgânicas:

Aqui, nessa parte aí, nós sabemos o que nós comemos, como eu te falei, eu planto batata doce, planto um inhame, uma mandioca, um arroz, uma batatinha ali né, *vamo dizer, puis um pouquinho* de adubo, sulfato de aquele [fungicida]¹¹ aquele dá pra se dissolver que ele é só contra pinta, ele não é tóxico... não, no faxinal não tem [agroquímico], daí não planta. Nem na erva. É proibido. Se pegarem o cara passando veneno na erva ele é interditado e não compram mais (FAXINALENSE C, acréscimo nosso).

Alguns moradores optam por se manter exclusivamente no trabalho dos quintais:

¹¹ A marca de produto omitida por opção do pesquisador.

Eu lá na roça não vou, o meu irmão alugou *pros piá* plantar fumo. Eu fiz uma *lavourinha* aqui pra baixo. É um *quintalção* grande, daqui vai até lá perto dos pinheiros. Eu cuido (FAXINALENSE O).

Entretanto, essa prática não é encontrada com tanta frequência e é adotada por pessoas que possuem outras fontes de renda, como a aposentadoria repassada pelo estado.

Os saberes específicos dos cuidados com os quintais são os conhecimentos sobre características do clima, do solo, da planta, o momento adequado para colheita e nutricionais sobre os alimentos. Dentro desse conjunto, um saber específico chamou atenção especial: **Os saberes medicinais**. Esses, dizem respeito a espécies de plantas possuem propriedades curativas:

[...] aquele tempo aí 50,60 anos atrás não tinha medicina nenhuma. Não tinha posto, não tinha médico. Usava o [remédio] do mato ai né (FAXINALENSE C, acréscimo nosso).

O avanço do acesso a medicina, trouxe o declínio dos tratamentos exclusivamente baseados em plantas nativas. Entretanto, permanecem como opções complementares devido ao costume e acessibilidade.

Você quer dizer assim, erva, medicina? Eu tenho uma erva ali que a minha filha que quando ela era solteira ainda, era comer alguma coisa e ter uma dor de estômago, gritava, deitava e rolava. Eu trouxe uma folhinha, pegue põe na boca que eu vou fazer o chá... é pra ser esse boldo (FAXINALENSE C).

Os remédios de quintal é nossa! Usa de qualquer forma, dá pra fazer o específico. Tem pra tudo quanto é coisa. Hortelã tem de tudo quanto é tipo, boldo tem, cavalinha, pulmonária, babosa, na verdade tudo que tem no quintal é remédio, né. Na verdade até o sal que eu uso é com coisas do quintal, sempre compro sal assim de qualidade e dai tempero com remedinho né (FAXINALENSE F).

Benzedeiras e curandeiros que detinham o conhecimento das plantas medicinais e de curas, foram desaparecendo nesse contexto:

Benzedeira tinha bastante, aí diziam que era feiticeira né (risos). Hoje em dia não tem mais (FAXINALENSE L).

Outro dia *nóis tava* conversando com o Milton e dai ele disse que ele ta lutando, porque ta doente né, de coração e as *benzedeira* que *tão* dando remédio porque os médicos não *tão* adiantando mais. Eu disse e você acredita? O padre nosso, digo brasileiro, (inaudível) ucraniano, é contra isso. Como que uma pessoa não é de nada, não é de religião não é de nada, ela vai ter o poder de curar? E os *padre* né, *vamo dizer*, que como eles falam em Deus, Jesus né, e nossa senhora e a turma não fala em nada. Então

eles vão contra, porque daí sabe o que acontece? Você tá seguindo essa religião e vira pro outro lado, daí abandona... (FAXINALENSE C).

Os saberes também se relacionam como os (c) costumes no faxinal, através de hábitos e práticas frequentes. Tratam-se de atividades do cotidiano que dizem muito sobre a singularidade desse território e por esse motivo merecem destaque nesse capítulo.

Um costume relevante e frequentemente praticado é o de se reunir para conversar. Geralmente com membros da família, e conhecidos. Não é incomum outros interessados serem convidados a participar. Essas reuniões acontecem nas residências nas áreas de varandas, cozinhas ou salas. Quando há o acontecimento desses eventos, normalmente serve-se uma cuia de chimarrão. Ela é preparada pela mesma pessoa que ferve a água, em seguida, tendo a cuia e a chaleira devidamente arranjadas, o chimarrão é passado ordenadamente entre os envolvidos, sendo que, o turno acaba quando a pessoa suga todo líquido contido na cuia. Após isso, a cuia retorna ao articulador que a abastece novamente com água e a repassa para a próxima pessoa.

Durante esses eventos as pessoas conversam sobre variados assuntos. Entretanto, entre eles há uma categoria que merece destaque: os “causos”. Tratam-se de narrativas rápidas que abrangem acontecidos regionais. Envolvem comportamentos considerados anormais, eventos trágicos, bizarros, míticos ou sobrenaturais. Essas narrativas podem conter elementos reais misturados com ficcionais, muitas vezes contadas no intuito de provocar o questionamento se são verídicas ou não:

Meu pai tinha uma bíblia, meu avô trouxe da Europa. Ele falou isso aqui. Daqui a 50 anos atrás, que ia chegar um tempo que todo mundo vai correr. Não vai ter tempo e não vai alcançar. O que que tá acontecendo? Você viu que na cidade aquilo todo mundo, ou se não, com o carro, tem *os limite* de andar nas rua né, o cara apura lá, paga multa e é porque tem que chegar já e quanta gente acontece e ninguém, não vai alcançar, pode ficar sabendo, vai terminar o povo e o povo vai correr. E cada vez mais... ele falou assim, que um tempo vai chegar, que vai dar as coisas só embaixo da terra. Por cima não vai dar nada. O que que vai acontecer? (risos) *tá loco*, isso aqui a gente né, sabe que aquela bíblia lá, o padre veio e catou, porque ele contava os ano que vem, agora o próximo e contava como que ia ser, se você não fosse *bão* de religião lia uma frase assim e se não fosse *bão*, ficava louco. Não, é sério, você lia assim. Ano que vem vai ser assim e assim e assado, como que pode? Ele falou isso. Que ia queimar por baixo da Terra... (FAXINALENSE C).

Nesse momento, há uma interrupção pelo seguinte comentário:

Ah, o que vai passar no amanhã só Deus que sabe (FAXINALENSE L).

Na sequência retoma:

Não, mas ele falou, que nem esse ano (inaudível) 60 litros de chão e *tava* seco de mais, pegou fogo, queimou mais de 1000 alqueires, depois as raízes que tinha por baixo *tava* queimando, ficou um mês, sol vermelhou e naquele tempo não tinha lua, acendia o lampiãozinho assim e não enxergava o outro (inaudível) pois é, ta escrito que ia passar isso. Trabalhamos não sei quantos dias pra apagar aquele fogo e bem no fim não conseguia. Isso foi em 50, no ano 1950 (FAXINALENSE C).

Conforme ilustrado, os causos misturam uma série de elementos complexos e muitas vezes confusos. Contudo, são muito presentes nas rodas de chimarrão e por vezes, são contados durante outras atividades como passatempo. Aparecem principalmente como forma de divertimento. Dentro do domínio dos causos, há um tipo específico que merece destaque: os “causos dos antigos”. Os causos dos antigos são um tipo específico de narrativas que envolvem a vida dos ancestrais que viveram no faxinal, ou tratam de histórias romantizadas sobre como a vida era diferente e bela, em comparação com um presente deturpado e decadente. Quando não, relatam o sofrimento, precariedade e dificuldades da vida dos antigos:

Só que a casa, ela é nossa casa antiga. Dai quando fizemos a outra dai mudaram daquela lá, casa feia. Tem sótão, tudo como era (antigamente). Tem cama lá, porque era só um quarto que tinha assim, como disse, na casa mesmo, no sótão tem várias camas que os *filho* dormiam só abraçados. Eram 9 filhos... eles reclamavam e choravam porque a mãe pra comprar um tênis havia de trabalhar na certa. Porque não tinha. Eles queriam tênis novo e não tinha dinheiro pra comprar, tinham que trabalhar pra ganhar, era assim, era sofrido. Pegar criança na carroça e vim pra dia inteiro na roça e dai o marido parava *num palhoça*¹² e eu com as crianças *posava*¹³ e cedo *ponhava animal* na carroça e ia com os filhos na roça. E tudo no muque, arado com animal e dai eu plantava com aquela *maquininha*, *matraca*¹⁴. E dai pra carpir também é só na enxada, ninguém usava veneno. E semeava bastante trigo, aveia, pão ano inteiro só trigo crioulo, não tinha pra comprar (FAXINALENSE D).

Nesse momento há uma interrupção:

Comprava só o sal e o querosene porque dai na época não tinha luz, né (FAXINALENSE O).

E complementa em seguida:

¹² Habitação rústica coberta de palha.

¹³ Pernoitava.

¹⁴ Semeadeira rústica.

E açúcar. E se não tinha açúcar, tinham muito mel, né. Adoçava com mel (FAXINALENSE D).

Sendo assim, contar causos e se reunir em rodas de chimarrão é uma atividade de entretenimento. Essa prática é regular dentro dos faxinais. Parte desse costume reforça a percepção de que as pessoas são hospitaleiras e inclinadas a interagir, conforme ilustra o seguinte comentário:

Nós tamo ocupado de passar o dia só. Visita não é incomodo, incomodo é doença né! (FAXINALENSE L).

Existem ainda, outros costumes que ainda persistem. Um deles é o de presentear parentes e vizinhos com peças de carne após o abate:

E muitos vizinhos se repartiam, as vezes *um mata* um porco grande, da pro vizinho, 2 ou 3 vizinho, depois o vizinho matava e dava pra nós, então era muito bom porque dai sempre tinha carne fresca... não (é comum atualmente) porque dai cada um tem freezer, mata e põe no freezer. É diferente os de agora (FAXINALENSE O).

Por mais que não ocorra com tanta frequência, ainda acontece esporadicamente:

Tem, pior que ainda tem [costume]. Que nem, a mãe sempre quando o pai mata, eles sempre, só que eles sempre dão *pros* irmão, *pros* mais de casa dai sempre tem. Leva, dá um pedaço de porco, quando meu irmão mata um boi ele sempre traz um pedaço de carne pro pai, e sempre assim ou vende mais barato pro vizinho (FAXINALENSE B, acréscimo nosso).

Outra característica relevante e que pode ser considerada um costume é a observação e interação com os animais:

Sim, a gente acostuma tanto que olha (o animal). Cedo, você levanta e a primeira coisa é tratar a criação, *tratar os porco, os cavalo, as vaca*. Também, *as vaca* de dia tão pro faxinal, de tarde vem, a gente trata e recolhe no potreiro. Ah, cedo já tão berrando, já solta uma pra tirar leite, outra pra dar de mamar o terneiro, outras não tem leite, mas só pra comer, então, é, é muito gratificante, é importante pro povo do interior que valoriza isso aí, esse tipo de coisa (FAXINALENSE A).

Se a gente conversar com o povo eles respeitam mais o que é do outro, um porco, um bicho. Essa vaca aqui, ela não é minha. Se um bicho vem na minha casa e ta comendo junto com os meus a gente alimenta com *essas batatinha desclassificada*, é bonito porque *os porco* do vizinho comem junto... (FAXINALENSE N).

Os costumes se mantêm como práticas cotidianas presentes no dia a dia, entretanto, o estado geral da cultura faxinalense em ambos os casos é a decadência.

Os valores fundamentais que sustentam a cultura como tradição, vêm sendo substituída por normativas, práticas e saberes associadas a convenções de origem externa:

Já não é aquelas coisa igual antigamente [o faxinal], tem muito pouquinho, pouquinho criação, não é forte, forte (FAXINALENSE O, acréscimo nosso).

O estado geral de decadência da cultura pode ser ilustrado conforme os relatos a seguir:

Um tempo atrás eram [mais unidos]. Pessoal se juntava mais pra fazer né. *Os mais velho* né, assim que gostavam de lidar, criar né, que tinham mais interesse né. Mas que nem agora, *os mais velho*, uns já tão fraco, uns *bateram as bota* né, e os *novo*... os *mais novo*, uma parte *tão indo* tudo embora, então ta essa faixa do meio ali, de 30 a 50 anos ali... (FAXINALENSE M, acréscimo nosso).

Tem faxinais que mesmo dentro do movimento [Puxirão] é capaz de desaparecer, que nem eu falo, muito próximo da área urbana, isso inviabiliza. Inclusive eu vejo que o nosso ta inviabilizando porque têm 50 e poucas famílias dentro de uma área de 60 alqueires, né. Então já não existe território mais pra criação animal dentro de um lugar; é muita gente né. Nós era antes 50 e poucas famílias dentro de 1000 alqueires então tinha onde os bichos andarem e mais espaço pra procurar alimento e agora assim já não tem muito... O faxinal ele precisa de um território bom, bem maior do que nós temos hoje. Você precisa ter área pra plantar, precisa ter área pra criar animais, pro plantio de erva mate. Porque é uma diversificação de coisas, pequena propriedade não vive de uma coisa só (FAXINALENSE H, acréscimo nosso).

A reprodução da cultura e organização faxinal historicamente, não tinha de incorporar meios de resistência para a manutenção de seu espaço físico, a tradição era algo inerente ao local, conforme explica:

É que eu acho que no fundo, as pessoas daqui criam porco e que gostam de criar desse jeito, elas, sabe, elas simplesmente vivem. Elas não dizem assim: ah eu faço isso por causa daquilo, eu vou no encontro dos faxinalenses e vou defender. Não! Eu crio porco e é bom do jeito que é criado, assim solto (FAXINALENSE Q).

Esse relato demonstra como a articulação em defesa do território faxinalense ainda é algo recente para os moradores. Grande parte não reconhece a possibilidade de estabelecer meios de proteger sua cultura. As iniciativas de resistência esbarram na conscientização do próprio faxinalense de que, seu território e tradição vêm se dissolvendo com o passar das gerações.

4.5.1 Território

Com base nos principais achados a respeito dos fatores culturais presentes nas comunidades investigadas, emerge a necessidade de aprofundar as considerações a respeito do território, o qual se trata de um elemento necessário para a compreensão da tradição no contexto dos faxinais. Mais especificamente, se refere ao conjunto de características da organização faxinal dentro de sua área delimitada. Consideramos as condições do espaço como o principal fator territorial, compreendendo questões a respeito do clima e da extensão.

Por clima se entende que trata de necessidades, preocupações e percepções dos faxinalenses. A extensão, das delimitações espaciais de área do faxinal. Existem diferentes interesses legais, políticos e econômicos de partes internas e externas ao faxinal, envolvidos com o clima e a extensão.

A questão do clima, conforme relatos, se mostrou diretamente relacionada com narrativas sobre o passado, presente e futuro do espaço:

Antigamente, no tempo do meu sogro, minha sogra, aqui era tramado de pinheiro no faxinal e tudo né. Ah derrubaram tudo, madeira, vinha *carregava tudo* o caminhão. Hoje aqui tem três ou quatro pinheiros que *tá* apodrecendo, não se consegue derrubar e serrar... pois ele [faxinal] é bonito, porque o ar, tudo verde, tudo bonito, não tem poluição, não tem nada, né (FAXINALENSE L, acréscimo nosso).

Uma percepção recorrente, refere-se a limpeza e a aparência da paisagem do faxinal. Esse elemento é valorizado por alguns moradores:

Ele sempre dá uma diferença [em relação a outras áreas rurais]. Porque já tem *as criação*, já fica mais limpo, né. Tem lugar que não tem, que no lugar de criação, tem mato, já é uma quiçaça¹⁵ *do diacho*, né. E aqui já não tem, é um lugar mais fechado, mais limpo. Assim já nem cobra não cria (inaudível). E agora, *vamo dizer* que lá pro lado do São Pedro, lá os canto onde não é roçado, não é faxinal, é uma quiçaça *dos córrio*. Nem cachorro passa (risos). E aqui é mais limpo (FAXINALENSE M, acréscimo nosso).

Sim, [é diferente] e outra, você vê aí os gramados, é limpo. Aqui você já vê os [animais] e já vê a grama. Ali já, aqui no Papanduva [de Cima] mesmo, onde não é faxinal. Lá no começo do Papanduva, que não tem criação, meu Deus do céu. Meu irmão mora lá, dá 4 quilômetros. É um *matão*, quiçaça até *perto dos portão*. Ele vem aqui, fica: como é que pode *esses faxinal* aí, tem esses gramado limpo? Tem criação, pasto e fica sempre limpo (FAXINALENSE A, acréscimo nosso).

¹⁵ Mato rasteiro, arbustivo, ralo e espinhoso.

Outra percepção que se destaca é sensação de tranquilidade e segurança. Na mesma linha de argumentação, outros acreditam que a segurança da região é afirmada pela confiança e união da comunidade:

[...] muda muito. Isso aqui né [faxinal] *vamo dizer*, né, que principalmente, *vamo dizer*, que da cidade tem bastante gente já que quer sair daquele tumulto, daquele barulho, né. Aqui né, é calmo, né. Tranquilo. É que nem diz meu genro, aqui a gente dorme bem, olhe, não tem estresse nenhum. De tanto ele lutar naquilo lá [cidade], as vezes ele sai, anda no mato assim pra aliviar um pouco (FAXINALENSE C).

[...] o povo aqui vive muito bem. Tipo, eu que nem eu te contei pra você a minha história. Eu tinha o caminhão na prefeitura, eu ia pra cidade, né. Morava lá. Mas eu dava graça de vim final de semana embora. Porque a comida daqui tem outro gosto, por tudo que a mãe que faz... aqui é muito bom de viver, não tem cara. Roubo aqui não existe, você dorme com janela, com porta aberta... aqui é muito sossegado... gente ruim não existe... pode que esteja errado, mas o povo aqui ainda é muito unido (FAXINALENSE B).

Além da limpeza, segurança e tranquilidade, para alguns se trata de um espaço onde se pode observar e admirar a natureza:

Mais uma coisa tem *uns cachorrinho* ai, *jaguarinha*, mas chegou um porco estranho, eles vão lá no meio dos *40 nosso* e tiram aquele porco de lá... é só vendo pra acreditar mesmo, assim por valorizar o tipo do bicho, é igual gente, não sei como é que pode, a inteligência do bicho (FAXINALENSE A).

Esses dias aqui, coisa que fazia anos que não aparecia, faz umas duas semanas atrás, veio *três macaco* bugio aqui, ali na imbuia, treparam, fizeram festa. Eu *tava* sentado ali tomando chimarrão e rádio ligado, escutava barulho vindo dos pinheiro, minha mulher disse venha ver uma coisa. O que que aconteceu, era *os bugio* que *tavam* aí, tudo atizado que *tavam* (FAXINALENSE G).

...mas uma coisa que eu acho interessante, na hora de dar a comida não vem nunca o do vizinho, nunca vem na tua casa, só o teu. Pra nós não é novidade porque a gente vive aqui e vê todo dia, né. Mas que nem pra vocês lá, é uma coisa de como que pode um porco sai e anda? Porque tem porco aqui que anda 10 quilômetros adentro do faxinal. E quando é de tarde ele volta pra casa do dono. Como que pode a sabedoria dele voltar pra casa do dono, sabe? E como que ele sabe a hora, o tempo? Tipo, da comida de tarde, então, o bichinho, quem olha pro porco não vê a inteligência que ele tem, mas ele é inteligente (FAXINALENSE B).

Existem também as questões referentes a extensão do faxinal. Sua área é menor do que fora anos atrás.

Aqui tem gente aí que perdeu um monte de porco e não descobriu, se sumia, se sumia pro mato... (FAXINALENSE C).

Boa parte das terras antes pertencentes ao faxinal foram incorporadas ao agronegócio, dando lugar a lavouras de soja, milho e fumo. Segundo comentários, atualmente a área do criadouro no Papanduva não perde mais espaço diretamente para ameaças externas, exceto compradores de outras regiões, o que se alega serem poucos casos:

Sabe que o nosso [faxinal], te falar bem a verdade, o nosso, depois que nós *entremo* [presidência da associação], não diminuiu (FAXINALENSE B, acréscimo nosso).

Outro relato explica porque não é vantajoso adquirir áreas dentro do faxinal:

O pessoal de fora que vem e compra e já agora até parou, por que é proibido destocar¹⁶ né. Não vem cara lá de fora vim querer comprar um faxinal aqui e dizer que vai cercar e vai plantar, não pode destocar, é proibido (FAXINALENSE A).

Deve ser considerado que os faxinais apresentam áreas distintas em termos de extensão. O Emboque conta com 166,07 ha (IAP, 2009), enquanto o Papanduva de Baixo possui 1.340,0 ha ou aproximadamente 553,0 alqueires paulistas, segundo dados obtidos através do site da Câmara Municipal de Prudentópolis (2011). Ambos regulamentados e reconhecidos formalmente em seu aspecto legal.

Entretanto, não se sabe ao certo a proporção total de área que segue aberta para a livre circulação dos animais. No caso do Papanduva, na visão do presidente, o criadouro se mantém devido ao repasse do ICMS ecológico:

Então, é por isso que eu sempre falo, esse dinheiro que o governo tem liberado pra nós, esse que tem que ajudado muito. Se parar de vim, pode, esqueça, o povo vai fechar, o povo vai desmatar, povo vai derrubar, o povo vai acabar com o pinheiro... (FAXINALENSE B).

Ainda que a verba repassada seja importante para a manutenção do criadouro, no sentido de evitar a escassez de recursos e que as cercas atinjam níveis de precariedade, nem todos concordam que sua manutenção esteja condicionando a existência do faxinal:

[...] mas, 90% [quer manter o criadouro]... Mas escute, se subir aqui, pertinho, Papanduva de Cima, aqui é o de Baixo, da 10 quilômetros, você não entra no mato... não é [lavoura], ninguém pode destocar, é mato assim, que já criou de tudo, espinho e você não entra. Aqui ainda a criação, né,

¹⁶ Desmatar

vamo dizer ainda tá cuidando... Lá acabou [o faxinal], porque aqui dentro do município de Prudentópolis, não sei se você tá sabendo, tem três colônias ou quatro que ainda tem: os porquinho solto, uma vaquinha, o resto cortaram tudo, tudo muda. Só que a turma vem de fora, olha, um porquinho como esse que passou aqui, outro dia veio aqui, gente, mas me venda um porquinho (FAXINALENSE C, acréscimo nosso).

Nesse sentido é necessário reconhecer um fator que diferencia os dois faxinais. No Emboque, as atividades desenvolvidas pela associação de moradores envolvem a busca por recursos materiais que supram a falta de recebimento do ICMS ecológico e garantam a manutenção das cercas e mata-burros. Para isso, apresentaram projetos formais a empresas interessadas em ações de responsabilidade fiscal. Foram bem-sucedidos nesse aspecto e receberam a matéria prima solicitada, a qual fica em estoque e é utilizada na medida em que é necessária.

Não obstante, a atuação política dos membros da associação é considerável, participando frequentemente das reuniões do grupo puxirão e atuando diretamente na conscientização da importância da preservação do espaço e cultura do faxinal.

Por fim, a questão territorial é o que define a identidade nesse espaço específico. Existem experiências, vivências e códigos de comportamento que são únicos desse lugar:

No faxinal o animal faz parte da família. O faxinalense, ele se criou num sistema, onde na nossa época não circulava dinheiro, né. Você tinha que plantar um milho, pra criar galinha, criar um porco, pra vaca, pro cavalo, tinha cavalo se precisa de tração animal, até hoje eu ainda trabalho com cavalo. E a vaca você tinha pra dar leite, o boizinho você engordava pra carne e daí os porco era um forma de, veja, tinha banha, tinha torresmo, tinha carne... Eu acho que quando a gente se cria assim dentro de um sistema, eu não sei, eu tenho uma paixão por criação de porco solto assim. Porca quando vai parir no mato, coisa que eu mais gosto é ir procurar uma porca quando vai dar cria. E não sei, isso eu acho que já vem de berço, porque minha mãe era muito ligada nisso aqui (FAXINALENSE H).

Ficar na lavoura aqui, faxinal, tem que ter criação... Graças ao faxinal que o povo ainda tá no interior... Sim, a gente acostuma tanto que olha. Cedo, você levanta e a primeira coisa é tratar a criação, tratar os porcos, os cavalos, as vacas. Também, as vacas de dia *tão* pro faxinal, de tarde vem, a gente trata e recolhe no potreiro. Ah, cedo já *tão* berrando, já solta uma pra tirar leite, outra pra dar de mamar o terneiro, outras não tem leite, mas só pra comer, então, é, é muito gratificante, é importante pro povo do interior que valoriza isso aí, esse tipo de coisa (FAXINALENSE A).

Na sequência explica o que aconteceria com a região caso o faxinal fosse extinguido:

É, que eu acabei de falar né, muitos vão pra cidade e outros, os que ficar, fica no meio do mato por que daí vira mato né, quiçaça. Se não tiver criação. Por que não pode lavar, não pode destocar (FAXINALENSE A).

Retomando os principais elementos apresentados através dos fatores culturais e do território nos faxinais, foi possível observar diferentes formas com que se exprimem as características tradicionais dessas regiões. Elas se mostraram atreladas aos acordos de convivência, aos saberes e aos costumes que fazem parte das relações entre as pessoas nessas comunidades.

A proximidade com os animais e a terra, a organização do trabalho a partir do núcleo familiar e a relação de afinidade com os vizinhos, apresentam relevância para os moradores. Esses fatores evidenciam as normas de convivência essenciais para o compartilhamento de espaço e a prosperidade da comunidade.

Entre os eventos fundamentais para existência das comunidades, se destacam as iniciativas de puxirões, em virtude de que reforçam os vínculos sociais entre os habitantes dos faxinais. Se faz importante ressaltar que muito embora se tratem de eventos de trabalho, também funcionam como pretexto para a socialização. Então, além de representar um evento central para o bom funcionamento do criadouro, se trata de uma atividade que gera satisfação para os envolvidos, ainda que demande grande esforço, como indicaram.

Além do mais, os puxirões e outros eventos que podem compreender ajuda mútua, como o abate dos porcos ou situações contingenciais no criadouro comum, ilustram a presença de fraternidade, cooperação e solidariedade entre os faxinalenses. Isso reforça o valor da união em favor dos mesmos interesses como um elemento central para a manutenção do território.

Contudo, os acordos combinados que remetem ao uso comum do espaço do criadouro de animais vêm sendo afetados por práticas desarticuladoras do faxinal. Os interesses dos próprios faxinalenses têm se fragmentado, e por isso, além de enfrentar os conflitos de origem externa, como a proximidade a grandes agricultores e a aquisição de terras dentro da área do faxinal, também necessitam lidar com discordâncias internas. O crescente desinteresse pela criação de porcos tem levado parte dos moradores a violar as normas de convivência tradicionais, resultando no fechamento de suas propriedades à área de uso comum e abandono dos puxirões.

Esse fenômeno é percebido pelos moradores das comunidades, tanto no Papanduva, quando no Emboque, sendo para eles, notável a condição de

decadência das práticas tradicionais. A partir do reconhecimento disso, esse estudo pode observar a emergência de grupos informais dentro dos faxinais. Os quais, reúnem faxinalenses que manifestam posicionamento ativo em defesa da preservação das condições de organização tradicional e reforçam a identidade do território.

Entre os integrantes desses grupos, houve identificação com o termo “teimosia”. Para eles, essa palavra descreve a intenção que possuem em manter ao menos parcialmente o formato do faxinal do modo como conheceram. Não se trata de negar todas as possibilidades apresentadas pelas condições modernas, mas sim da intenção de conservar certos acordos de convivência que foram praticados desde gerações passadas entre membros da comunidade.

A intenção de manter ativas as práticas realizadas desde as gerações passadas contribui para existência de um senso de comunidade. Assim, os acordos sociais que representam o faxinal, são reforçados pelo compartilhamento das vivências cotidianas e reconhecidos pelos habitantes. As atividades compartilhadas são parte integrante das relações sociais e forjam um elo que mantém o uso do espaço em regime comum.

Ao observar o desempenho das atividades cotidianas entre os habitantes do faxinal, foi possível reconhecer que expressam a existência de saberes inerentes ao contexto. Esses saberes são importantes, pois revelam o modo como são desempenhadas as ações de trabalho, tanto na criação de animais, quanto na agricultura. Além disso, ainda mostram como o clima e a natureza determinam a condução dessas ações. O conhecimento sobre as épocas de plantio e colheita, das espécies, das luas que influenciam na castração dos porcos, entre outros, são aquilo que representa a vida no faxinal, na visão de parte dos moradores.

Em equivalência de importância aos saberes, também puderam ser observados os costumes próprios da vida no faxinal. São atividades de lazer e entretenimento com que as pessoas passam o tempo, sendo importantes para as relações sociais. Os eventos costumeiros, acontecem envolvendo maneiras próprias de interagir priorizando a conveniência. Dentre os que foram apreciados nesse estudo, se mostraram mais notáveis, aqueles que dizem respeito às rodas de chimarrão e as reuniões para contar histórias.

Os saberes e costumes integram a vida no faxinal, estando presentes como modos de organizar, realizar atividades e eventos de lazer. Se apresentam como hábitos e estão manifestos nos momentos de convivência entre as pessoas. Nesse sentido, a apreciação dessa condição onde prevalecem os comportamentos habituais nas relações sociais, também faz parte do senso de comunidade reconhecido pelos moradores.

Ao explorar em profundidade os aspectos culturais no contexto das comunidades tradicionais de faxinais, foi possível reconhecer sua relação com os limites a eficiência técnica. Apesar de não serem encontrados diretamente expressos nas falas dos entrevistados, os limites estão imbrincados no modo como as pessoas desempenham suas atividades. A preservação da dimensão tradicional, se mostrou estranha a demandas sustentadas por critérios que priorizem a eficiência. Assim, os fatores culturais que representam parte das relações tradicionais entre os faxinalenses, emergiram como elementos fundamentais para a existência dos limites a eficiência técnica. Isso se mostra presente, principalmente na criação de porcos soltos e no cultivo dos quintais particulares, onde prevalece a racionalidade substantiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou compreender de que forma ocorre o modo de criação de porcos soltos na organização tradicional de faxinal. Para isso, descreveu os aspectos organizacionais gerais das comunidades de faxinais investigadas, bem como, o modo de produção tradicional que ocorre dentro do espaço de criadouro comum. Além disso, analisou as características desse modo de produção em relação a lógica técnica dominante em organizações convencionais.

Para tanto, procurou responder ao objetivo do estudo utilizando métodos científicos de coleta e análise de dados. Sendo assim, foram realizadas visitas aos Faxinais do Papanduva de Baixo e do Emboque e um período de imersão no segundo. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, não estruturadas e observação participante durante as aproximações ao campo efetuadas pelo pesquisador. A análise de conteúdo foi realizada com auxílio da ferramenta de análise dos dados, utilizando como base a revisão de literatura, as percepções do pesquisador e os achados de campo. Foram empregados procedimentos de triangulação entre os elementos analíticos e nas falas dos entrevistados com intuito de garantir a confiabilidade das análises.

Primeiramente, a partir dos dados coletados nas comunidades tradicionais de faxinais do Papanduva de Baixo e do Emboque, foi possível **constatar a existência de limites à eficiência técnica no modo de criação de porcos soltos**. Esses limites estão manifestos na forma com que os moradores desempenham as atividades de trabalho no criadouro comum, estando relacionados ao conjunto de práticas consolidadas pela tradição que são repassadas desde gerações antigas.

Os limites encontrados foram divididos a partir de duas diferentes categorias em virtude de suas naturezas distintas, sendo eles: 1) limites operacionais; e 2) limites valorativos. A primeira categoria diz respeito aos critérios de racionalização no desenvolvimento da atividade produtiva, estando caracterizadas pela ausência de controle sobre os animais, ausência de automação, ambientação e a ausência de formalização. Em contrapartida, a segunda categoria, os limites valorativos, se dão com base em determinações substantivas de condição moral ou ética, estando ligada ao afeto pelo animal, a preservação das condições naturais e ao conjunto de hábitos dos moradores.

A maneira como reproduzem o modo de criação de porcos tradicional nos faxinais, se alinha com a perspectiva de Ellul (1968), no que tange a operação técnica, onde retomando seus conceitos, engloba todo o trabalho realizado com o objetivo de atingir um resultado, sendo realizada no nível daquele que detêm a ação do trabalho. Diferentemente do fenômeno técnico, onde o que caracteriza a ação técnica no trabalho é a procura de máxima eficácia, de modo a ocorrer a substituição do esforço natural e espontâneo por um conjunto de ações que visam rendimento total.

Nesse sentido, os achados dessa pesquisa indicam que aspectos racionais e substantivos não são mutuamente excludentes, como o estudo de Serva (1993) originalmente sugeriu. Em contrapartida, corroboram com o constatado por Löwen Sahr (2008) e Vizeu; Seifert; Hocayen Da Silva (2015) no que diz respeito à percepção das tensões encontradas entre as racionalidades instrumental e substantiva nas comunidades de faxinais. Por um lado reforça que o desempenho de atividades relacionadas à criação de porcos ocorre de modo a respeitar limites à eficiência técnica. Porém, por outro lado, foi possível observar que no modo como é conduzida a atividade da lavoura, predomina a lógica instrumental direcionada para os interesses mercadológicos. Verificou-se que o trabalho realizado com base no uso comunitário do criadouro apresenta predominância de elementos valorativos de ordem substantiva.

A segunda conclusão importante do estudo, destaca que **a existência de limites à eficiência técnica é importante para a organização**, uma vez que ao apontar para sua existência, se torna possível identificar valores sociais que extrapolam as fronteiras do processo de produção. Esses valores exercem contraposição à eficiência como principais aspectos da vida em comunidade. Tratam-se de particularidades ligadas ao modo de viver tradicional que enfatizam a cooperação, solidariedade, empatia e fraternidade nas relações compreendidas na organização. Esses valores se manifestam nas práticas culturais singulares do faxinal: eventos de mutirão, onde os moradores usam o reparo nas cercas como pretexto para socializar; rodas de chimarrão, onde se reúnem em ambientes familiares para contar histórias; e de modo geral, na forma como se relacionam, buscando preservar a proximidade com o núcleo familiar, com os demais moradores e valorizando a intimidade com as pessoas conhecidas que habitam a mesma região.

Portanto, isso nos leva a considerar que ao abrir mão da busca pela máxima eficiência no processo produtivo, o conjunto de valores tradicionalmente integrados no contexto organizacional pode ser preservado. Destarte, esse estudo assinala que o estabelecimento de limites à eficiência técnica, se mostrou um assunto promissor, buscando aumentar a compreensão sobre os impactos das organizações não convencionais e alternativas, em seu modelo de trabalho, produção e reprodução. Sendo que, o campo de estudo que procura aprofundar o conhecimento sobre essas organizações, se mostra aberto a diferentes concepções teóricas e a provocações que enriqueçam o debate sobre o “alternativo” nos Estudos Organizacionais (COSTA, SEIFERT, MEIRA, HOCAYEN-DA-SILVA, 2018).

Em terceiro lugar, conclui-se nessa pesquisa que **os fatores culturais são os que apresentam maior relevância para a existência de limites à eficiência técnica**. Apesar dos limites estarem relacionados a outros aspectos que englobam a estrutura de organização do faxinal, as relações mais significativas são inerentes as normas de convivência cultural. Nesse sentido, se destacaram a relação de dependência com os animais e a terra; a organização do trabalho a partir do núcleo familiar; a relação de afinidade mantida com os vizinhos; os saberes que compreendem o comportamento da natureza; além dos costumes.

Dessa forma, um olhar sob a cultura no contexto do faxinal, não poderia deixar de reconhecer a valorização do modo de fazer a partir do ambiente familiar, das condições da natureza e da conservação dos modos de lazer e entretenimento.

Tais arranjos que contemplam a estreita relação dos faxinalenses com a terra, esteve presente na fala dos sujeitos da pesquisa. É possível observar que onde expressam apreciação pelas particularidades locais do espaço de faxinal, se coloca um ponto que merece destaque pela relação que apresenta com a eficiência técnica. Nesse sentido, um entrevistado menciona que os demais faxinalenses possuem o conhecimento sobre o cultivo, clima, melhores épocas do ano para realizar plantios, e que isso é parte do que é a vida no faxinal. Ali todos estão atentos aos ciclos naturais, os modos de alimentar os porcos, as luas apropriadas para castrar os animais, e que todos esses saberes são de grande importância dentro do contexto do faxinal, porque representam a vida dentro desse território, muito embora, pareçam dispensáveis para o conhecimento acadêmico, como descreveu.

Ao apontar para a importância de se olhar para além da eficiência técnica, o estudo dá eco ao entendimento a outros estudos que apontam a necessidade de se valorizar e reconhecer outros saberes, maneiras de se organizar e viver, que envolvam modos alternativos de produção e organização. Ainda que recentemente esses temas têm recebido mais atenção nos estudos organizacionais, a pesquisa sobre o papel de elementos não racionais sobre a conduta organizacional ainda são incipientes (BOEHS, SEIFERT; 2020).

Esse estudo revelou que parte dos faxinalenses reconhece o estado de decadência que os faxinais enfrentam diante das pressões hegemônicas que visam o trabalho orientado para máxima eficiência e o acúmulo de capital. Em decorrência disso, passaram a defender a preservação das práticas comunais e da tradição. Eles descrevem o conjunto de esforços pela manutenção do faxinal como “teimosia”, a qual manifesta desprezimento a demandas de lógica técnica, em virtude de promover o senso de comunidade, a prevalência dos saberes e costumes e a apreciação geográfica da região.

Ao realizar uma descrição da cultura como aspecto estruturante das organizações de faxinais, esse trabalho amplia o conhecimento a respeito de minúcias contidas nas relações de base de organizações tradicionais. A constatação de que os limites à eficiência técnica se relacionam à preservação das condições tradicionais desse espaço, reforça a literatura da área que reconhece nos faxinais um modo de organizar alternativo. Como observam Vizeu, Seifert, Hocayen da Silva (2015), as comunidades de faxinais representam modos não convencionais de organização baseadas na tradição e nas relações substantivas entre seus membros, compreendendo princípios e valores que são aceitos e compartilhados.

Para além dos assuntos abordados com ênfase nesse trabalho, outros desdobramentos a partir do contato com o campo emergem como possibilidades de aprofundamento do conhecimento sobre o tema. Elegemos entre os mais relevantes, aqueles que merecem destaque. O primeiro, diz respeito à exploração das ações específicas de resistência no contexto do faxinal. Esse assunto pode ser contributivo no sentido de dialogar com elementos observados nessa pesquisa que sugerem que, apesar da valoração dos limites a eficiência sustentar a tradição nos faxinais, a crescente demanda pela instrumentalização impõe problemas que a tradição pode não ser capaz de comportar (ELLUL, 1968; GUERREIRO RAMOS, 1989).

O segundo, caminha no sentido de sugerir a futuros empreendimentos acadêmicos, o aprofundamento da questão dos limites a eficiência em organizações de diferentes naturezas. Sendo esse, um assunto com potencial de contribuições para a área de Administração, principalmente no que tange a pesquisas que se alinhem a perspectiva crítica do modo de organizar dominante. Destaca-se como possibilidade proveniente das ponderações realizadas nesse estudo, ainda que de modo especulativo, considerar como hipótese a relação entre o estabelecimento de limites a eficiência e a ampliação do conjunto de aspectos valorativos no contexto organizacional uma vez que, nas comunidades tradicionais de faxinais investigadas, os limites foram apreciados somente como fator de preservação das relações tradicionais.

O desenvolvimento dessa pesquisa enseja que se realize considerações no que concerne aos limites a eficiência técnica. É necessário ponderar que pode se tratar de uma apropriação problemática quanto a amplitude interpretativa do termo, sendo possível interpretá-lo de maneira pouco precisa no contexto de diferentes organizações. De forma semelhante, teoricamente esse conceito pode ser apreciado com base em diferentes visões acerca da eficiência. No caso desse trabalho, enfatiza-se o alinhamento a visão de Ellul (1968), a qual manifesta um posicionamento substantivista crítico a respeito da técnica (FEENBERG, 2010).

Finalmente, as práticas tradicionais no modo de criação de porcos nas comunidades de faxinais destacam a cooperação entre as pessoas e relação de apreço pela natureza entre os habitantes. Se faz pertinente reconhecer que a existência desses elementos no modo de produção, é um fator cativante e inspirador para organizações alternativas ao modo convencional burocrático de organizar: “For us utopia is the expression of the possibility of alternative organization [...] (PARKER, FOURNIER, REEDY, 2013, p. XI)”. Assim, lançar luz a esses empreendimentos, reforça a esperança em explorar diferentes formas de se relacionar e buscar respostas frente a crise socioambiental que atinge o planeta.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, J. M. **Importância ecológica, sócio-cultural e histórico do Sistema de Faxinal no município de Rebouças, como meio de produção auto-sustentada**. Dissertação (Pós-graduação em Instrumentalização para o Ensino de Ciências). Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Campus Irati/Paraná. Irati, 2000.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, 2011.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.) **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BENDIX, R. Industrialization, management, and ideological appeals. In: BENDIX, R. **Work and authority in Industry**. Berkeley: University California Press, 1974.
- BERTHOUD, G. Market. In SACHS, W. **The Development Dictionary**. Zed Books, p. 74 - 94, 2009.
- BERTUSSI M. L. **Liberdade para criar: um estudo etnográfico sobre os sentidos da territorialidade tradicional e do criadouro comunitário em uma comunidade de faxinal no Paraná**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.
- BOEHS, C. G. E. Para além da dos limites da organização formal como objeto: a discussão de referências renegadas. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v.5, n.13, pp. 592-637, 2018.
- BOEHS, C. G. E; SEIFERT, R. E. Para além da racionalidade: outras dimensões da ação entre organizações familiares de produção agrícola: uma discussão a partir da realidade de famílias de agricultores no sul de Santa Catarina. **Rev. Econ. Sociol. Rural**. Brasília, v. 58 n. 3, 2020.
- BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. São Paulo: Vozes, 2012.
- BOGUSZEWSKI, J. H. **Uma história cultural da erva-mate: o alimento e suas representações**. Dissertação (Mestrado em História) –Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.
- BÖHM, S. **Repositioning organization theory: impossibilities and strategies**. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

BRANDT, M.; CAMPOS, N. J.; Uso comum da terra e práticas associativistas da população cabocla do planalto catarinense. **Geosul**, Florianópolis, v. 23, n. 45, p 43-64, Jan./Jun., 2008.

BRASIL. Decreto Nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Brasília: Governo Federal, 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 24/07/2019.

BRUSEKE, M.R. Ética e Técnica? Dialogando com Marx, Spengler, Jünger, Heidegger e Jonas. **Ambiente & Sociedade**. v. VIII n. 2 jul/dez. 2005.

BRYMAN, A.; BELL, E. **Business research methods**. 3. ed. New York: Oxford. 2004.

BUCO, T.F; ZADRA, M; VANDRESEN J.C. Rede Puxirão dos povos e comunidades tradicionais: na construção da visibilidade social e na luta pelo reconhecimento dos territórios tradicionalmente ocupados. **Revista Capital Científico – Eletrônica**. Vol. 11, n.3. set/dez. 2013.

CAMPIGOTO, J. A. Os faxinais na perspectiva hermenêutica: a questão da origem. In: XI Encontro Regional da Associação Nacional de História – ANPUH/PR. Jacarezinho ... **Anais**, XI ANPUH/PR, 21 a 24 de Maio de 2008.

CAMPIGOTO, J. A; BONA, A. N. A hermenêutica e a origem dos faxinais. **Revista de História Regional**, vol 14, n. 2, p. 127-153. 2009.

CARVALHO, H. M. **Da aventura a esperança**: a experiência auto-gestionária no uso comum da terra. Curitiba: IPARDES, 1984.

COSTA, P. A. *et al.*. Provocações epistemológicas, teóricas e metodológicas a partir de experiências empíricas de organizações alternativas e contra hegemônicas. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v.5, n.13, pp. 477-495. 2018.

CRESWELL, L. W. **Projeto de pesquisa**: métodos, qualitativo, quantitativo e mistos. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

CRUZ, L. B.; ALVES, M. A.; DELBRIDGE, R. Next steps in organizing alternatives to capitalism: Toward a relational research agenda. **M@n@gement**, v. 20, n.4, pp. 322–335, 2017.

DEJOURS, C. **A Banalização da Injustiça Social**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. **Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. Ed. São Paulo: HUCITEC, 2001.

ELLUL, J. **The technologycal society**. New York: Vintage Books, 1964.

ELLUL, J. **A técnica e o desafio do século**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

EMI. Websérie de pessoas que largaram o emprego para fazerem o que gostam. In: **Jardim do Mundo**, 24 jun. 2019.. Disponível em <http://www.jardimdomundo.com/webserie-de-pessoas-que-largaram-oemprego-para-fazerem-o-que-gostam/>. Acesso em 24/06/2019.

ENGELS, F. **A Situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Porto: Edições Afrontamento, 1975.

FARIA, A; SAURBRONN F.F. A responsabilidade social é uma questão de estratégia? Uma abordagem crítica. **RAP**. Rio de Janeiro. v. 42, n.1, p. 07-33, Jan/Fev. 2008.

FEENBERG, A. O que é a filosofia da tecnologia? In: NEDER, R. T. (Ed.). **Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia**. Cadernos PRIMEIRA VERSÃO: CCTS - Construção Crítica da Tecnologia & Sustentabilidade. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS, 2010.

FÖETSCH, A. A. **Faxinais e Caivas: identidades territoriais na região do Contestado (PR/SC)**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

FRANCESCONI, J. O. P. **Agricultura familiar e o desenvolvimento sustentável na região do Vale do Alecrim – Pinhão/PR**. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Paraná, 2000.

GAMA, R. O que é tecnologia. In: GAMA, Rui. **A Tecnologia e o Trabalho na História**. São Paulo: Nobel, Edusp, 1986.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Tradução: Ivo Storniolo. São Paulo: Idéias & letras, 2007.

GODOY, A. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE**, São Paulo, v.35, n.2, p.57-63. mar/abr, 1995.

GUERREIRO RAMOS, A. **A Nova Ciência das Organizações: uma reconceituação da riqueza das nações**. 2º ed. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

GUIMARÃES, H. W. M. Responsabilidade social da empresa: uma visão histórica de sua problemática. **RAE**. Rio de Janeiro. Vol. 24. N. 4. P. 211 – 219. Out/dez. 1984.

GRZEBIELUKA, D.; LÖWEN SAHR, C. L. Comunidades de Faxinal e suas dinâmicas sócio-espaciais: da formação à desagregação de uma tradição no município de Tibagi (PR) – um estudo sobre o Faxinal dos empoçados. **Revista Geografar**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 34-58, jan./jun. 2009.

HAURESKO, C. Terras de Plantar, Terras de Criar – Sistema Faxinal: Rebouças – 1950-1997. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p. 255-260, Jul./Dez., 2011.

HEIDEGGER, M. A Questão da Técnica. **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p.375 - 98. 2007.

HOBBSAWN, E. J. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 1962.

HOCAYEN DA SILVA, A. J. **Formas não convencionais de organização: reflexões a partir das comunidades tradicionais de faxinais**. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Positivo. Curitiba, 2015.

ILLICH, I. **A Convivencialidade**. Ed. 4116/2148. Lisboa: Sociedade Industrial Gráfica Telles da Silva, 1976.

INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. **Cria a ARESUR do Faxinal Emboque, situado no município de São Mateus do Sul e dá outras providências**. Resolução nº 049 de 19 de outubro de 2009. Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/Dibap_RES_FAX_EMBOQUE.pdf>. Acesso em: 24/07/2019.

IPARDES. **Caderno Estatístico Município de São Mateus do Sul**. Estado do Paraná, jul. 2019.

JAPIASSU, H. A crise da razão e a revanche do irracional. **BIOETHIKOS**. Vol. 2. N. 5, p. 181 – 185. 2011.

JEANES, E. PHILLIPS, M., MOORE, N. What are the alternatives? Organizing for a socially and ecologically sustainable world. **Ephemera**. 2015.

JÚNIOR G.L.S; SOUZA, R.M. Comunidades tradicionais e a luta por direitos étnicos e coletivos no sul do Brasil. **R. Fac. Dir. UFG**. V. 33. n. 2, p. 128 – 142. jul/dez. 2009.

LANDES, D. S. **Prometeu Desacorrentado: Transformação Tecnológica e Desenvolvimento Industrial na Europa Ocidental, desde 1750 até a Nossa Época**. Tradução de Vera Ribeiro; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, v. 2003, p. 251-290, 2002.

LÖWEN SAHR, C. L. Os “mundos faxinalenses” da floresta com araucária do Paraná: racionalidades duais em comunidades tradicionais. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 213-226, Jul./Dez.2008.

LÖWEN SAHR, C. L. Povos tradicionais e territórios sociais: reflexões acerca dos povos e das terras de Faxinal do bioma da mata com araucária. In: III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária

Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente... **Anais**, Simpósios, 11 a 15 de novembro de 2005.

LÖWEN SAHR, C. L.; CUNHA, L. A. G. O significado social e ecológico dos Faxinais: reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da mata com Araucária no Paraná. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 89-104, 2005.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**: o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar. 1982.

MEDEIROS, M; SOUZA, P. H. G. F.; CASTRO, F. A.. O topo da distribuição de renda no Brasil: primeiras estimativas com dados tributários e comparação com pesquisas domiciliares (2006 - 2012). **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, vol. 58, n. 1, p. 7 – 36. 2015.

MUMFORD, L. **Technics and Civilization**. Londres: Routledge and Keegan Paul. 1967.

NOVAK, R.; FAJARDO, S. Desintegração e Resistência do Sistema Faxinal em Itaparã – IRATI – PR. **Revista Eletrônica Lato Sensu**, Irati, Ed.4, 2008.

NERONE, M. M. **Terras de plantar, terras de criar – Sistema Faxinal: Rebouças – 1950-1997**. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista – Unesp, Assis/SP, 2000.

OLIVEIRA M. B. Neutralidade da ciência, desencantamento do mundo e controle da natureza. **Scientia e studia**. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 97-116, 2008a.

OLIVEIRA, D. A. de. Faxinais no município de Prudentópolis - PR: perspectivas históricas. In: XI Encontro Regional da Associação Nacional de História – ANPUH/PR, Jacarezinho ... **Anais**, XI ANPUH, 21 a 24 de Maio de 2008b.

PARANÁ. **Decreto Estadual n. 3.446/97**: Cria as Áreas Especiais de Uso Regulamentado – ARESUR no Estado do Paraná e dá outras providências. Curitiba: Governo Estadual, 1997. Disponível em: <http://celepar7.pr.gov.br/sia/atosnormativos/form_cons_ato1.asp?Codigo=451>. Acesso em: 24 de julho de 2019.

PARANÁ. **Lei n. 17.425, de 18 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre a criação do Conselho Estadual de Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais do Estado do Paraná – CPECT/PR, na estrutura organizacional da Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos – SEJU e dá outras providências. Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://cpisp.org.br/lei-n-o-17-425-de-18-de-junho-de-2012/>>. Acesso em: 24 de julho de 2019.

PARKER, M. **Against management**: organization in the age of managerialism. Blackwell Publisher LTD, 2002.

PARKER, M.; FOURNIER, V.; REEDY, P. **The dictionary of alternatives**: Utopianism and organization, London, Zed Books. 2013.

POLANYI, K. **A Grande Transformação**. 2ª Ed. Ed. Campus, 2000.

POSTMAN, N. **Technopoly: the surrender of culture to technology**. 1º ed. Nova York: Vintage Books, 1993.

PRIORI, A. *et al.* **História do Paraná: séculos XIX e XX** (online). Maringá: Eduem, 2012.

PRUDENTÓPOLIS. Câmara Municipal de Prudentópolis. Faxinalenses reivindicam mais recursos e lei própria. In: **CM Prudentópolis**, 2011. Disponível em: <<http://www.cmprudentopolis.pr.gov.br/index.php?sessao=3c11013756vf3c&id=1092>>. Acesso em: 10/04/2020.

ROCHA, R. J. S; CABRAL, J. P. C. Aspectos históricos da questão agrária no Brasil. **NURBA**. v. 2. n. 1; p. 75-86, junho, 2016.

SÃO MATEUS DO SUL. **Lei n. 1.780, de 02 de junho de 2008**. Dispõe sobre o processo de reconhecimento dos faxinalenses e dos seus “Acordos Comunitários”, que regulamentam a construção e manutenção das cercas e tapumes dos faxinais e proíbem a colocação de fechos em áreas de uso comum, nas localidades que tiverem criador comunitário no sistema Faxinal no Município de São Mateus do Sul, Estado do Paraná, e dá outras providências. Paço Municipal, 2008. Disponível em: <<http://www.saomateusdosul.pr.gov.br/wp-content/uploads/2012/09/lei-n-1.780.08-reconhecimento-dos-faxinais-e-seus-acordos-comunitarios.pdf>>. Acesso em: 24 de julho de 2019.

SAUNDERS, M; LEWIS, P; THORNHILL A. **Research methods for business students**. 5. Ed. London: Prentice Hall, 2009.

SEIFERT, R.E; VIZEU, F. Crescimento Organizacional: Uma Ideologia Gerencial? **RAC**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 127-141, Jan/Fev. 2015.

SERVA, M. O fenômeno das organizações substantivas. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 33, n. 2, Mar./Abr, p. 36-43, 1993.

SIQUEIRA, R. B. **Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais: Possibilidades de Disputa de Hegemonia Política no Paraná – entre 2007/2015**. Tese (Doutorado em ciências sociais aplicadas) –Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2017.

SOUSA, A. A. G. **Limites da propriedade privada absoluta: Luta das comunidades Quilombolas Poça e Peropava pelo direito de posse no Vale do Ribeira/SP**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

SOUZA, R. M. **“Na luta pela terra, nascemos faxinalenses”**: uma reinterpretação do campo intelectual de debates sobre os faxinais. Tese (doutorado em sociologia) - Universidade Federal do Paraná, 2010.

STAKE, R.E. Qualitative case studies .In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.. **The SAGE handbook of qualitative research**. 3rd ed., p. 443-466. Thousand Oaks: Sage. 2011.

TAVARES, L. A. As formas de propriedade da terra nos faxinais do Paraná. In: III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente ... **Anais**, Simpósio, 11 a 15 de novembro de 2005.

TAVARES, L. A. **Campesinato e os Faxinais do Paraná**: as terras de uso comum. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2008.

VIEIRA PINTO, Á. **O Conceito de Tecnologia**. Vol 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VIZEU, F. (Re)contando a Velha História: Reflexões sobre a Gênese do Management. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 780-797, 2010.

VIZEU, F; MENEGHETTI, F.K; SEIFERT, R.E. Por uma crítica ao conceito de desenvolvimento sustentável. **Cad. EBAPE.BR**, v. 10, nº 3, artigo 6, p.569–583, Set. 2012.

VIZEU, F, SEIFERT, R.E; HOCAYEN-DA-SILVA, A.J. Non-capitalist organizations in Latin America: lessons from the Brazilian Faxinal grassroot community. **Cad. EBAPE.BR**, v. 13, nº 2, Paper 8, Apr./Jun. 2015.

WANDERLEY, M. N. B. O Campesinato Brasileiro: uma história de resistência. **RESR**. Piracicaba. Vol. 52. P. 25-44, 2014.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1982.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

WEDIG, J. C. Organização política e luta pela diferença: ações coletivas da Rede Puxirão de povo e comunidades tradicionais. **Ruris**. Vol. 10, n. 1. Mar. 2016.

WEDIG, J. C. “O puxirão é um território”: ação política e as formas segmentares da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná. In: XI Reunião de Antropologia do Mercosul ...**anais** – Montevideú, 2015.

WILLIAMS T.; DERRY,T. K. **Historia de la Tecnología**. Mexico: Siglo Veintiuno, 2000.